

P a u l a A l e x a n d r a G u i m a r ã e s

**A Resolução do
Romance Social de Elizabeth Gaskell
(1848 - 1855)**

Paula Alexandra Guimarães

**A Resolução do
Romance Social de Elizabeth Gaskell
(1848 - 1855)**

Dissertação de Mestrado

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5
PARTE I	
1. A Problemática Social no Romance Inglês (1790-1840)	9
1.1 O Romance de Índole Política	9
1.2 O Romance de Índole Didáctica	15
2. Definição e Recepção do Género 'Romance Social' (1820-1860)	22
2.1 'Romance Social' — Documento ou Ficção?	22
2.2 Formação do Público Leitor Vitoriano	27
3. O Contexto da Inglaterra (1830-1860)	34
3.1 A Situação Sócio-Económica	34
3.2 A Situação Cultural — Uma Tradição Filosófica Vitoriana	42
PARTE II	
1. Elizabeth Gaskell — Recepção e Perspectivas Críticas da sua Obra	55
2. O Romance Industrial — <i>Mary Barton e North and South</i>	63
2.1 O Sistema Fabril e as Condições da Cidade Industrial (Manchester)	63
2.2 As Relações Industriais: Patrões, Operários e Solidariedade Social	72
2.3 Formas de Luta: Cartismo, Sindicalismo ou Cristianismo?	81
3. O Romance da "Fallen Woman" — <i>Mary Barton e Ruth</i>	97
3.1 A Situação da Mulher Trabalhadora (1830-1850)	97
3.2 Os Perigos da Sedução e da Prostituição: A 'Dupla Perspectiva	105
4. A Resolução do Problema Social: As Soluções Propostas por Gaskell	120
BIBLIOGRAFIA	131
ANEXOS	140



"[...] man is dear to man; the poorest poor
[...] have been kind to such
As needed kindness, for this single cause,
That we have all of us a human heart."

William Wordsworth, *The Old Cumberland Beggar*, 1819

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Os estudos literários sofreram, nos últimos anos, uma grande influência dos estudos culturais (embora o reverso também se tenha verificado), alargando os seus métodos e objectos de estudo de forma significativa. Esta situação parece ter resultado de uma crescente necessidade de relacionamento da análise dos textos com os contextos sociais em que aqueles são produzidos. É, assim, natural que as relações entre literatura e sociedade constituam uma preocupação central do investigador, pois os movimentos económicos, políticos e culturais interagem e influenciam-se a vários níveis no todo social. Este facto determinou, por sua vez, a escolha do tema desta dissertação em particular, já que é convicção da autora que o investigador 'puro' (abstraido da realidade que o rodeia), assim como o romancista 'puro', não deveria existir. Tal como afirma John Lucas, "there is no such thing as the 'pure' novelist; [...] novelists *as* novelists are inevitably involved in their work politically and socially."¹

A verdade é que, de forma mais clara e inequívoca do que em qualquer outro tipo de ficção, o romance de preocupação social envolve o romancista *enquanto* romancista e *enquanto* membro da sociedade. Mas, isto também significa que ele pode não estar preparado para admitir a extensão do seu envolvimento político na obra que produziu. Este, aliás, parece ser o problema de fundo da obra de cariz social de Elizabeth Gaskell (1848-1855), e está igualmente relacionado com o tema desta dissertação: a consciência social da romancista pretende rejeitar aquilo que o realismo da sua obra mostra ser verdadeiro, receando o grau de envolvimento nela revelado. Uma das características distintivas da década de 1840 era o impulso generalizado de chamada de atenção do público para os problemas sociais, no sentido de dissipar a ignorância e promover a compreensão pelos mesmos. No entanto, a obra de Gaskell vem demonstrar que o empenhamento na descoberta de soluções para os graves problemas apontados não foi prerrogativa daquela mesma época. Esta noção é

¹ Lucas, "Mrs. Gaskell and Brotherhood", *Tradition and Tolerance in Nineteenth-Century Fiction*, 1966, pág. 144.

confirmada através de um comentário feito obra de Gaskell numa revista contemporânea:

*It embodies the dominant feeling of our times — a feeling that the ignorance, destitution and vice which pervade and corrupt society, must be got rid of. The ability to point out how they are going to be got rid of, is not the characteristic of this age. That will be the characteristic of the age which is coming.*²

Uma dissertação sobre Elizabeth Gaskell justifica-se pelo facto de que, tendo escrito numa altura de grande actividade ficcional, ela foi ainda assim considerada — desde a publicação do seu primeiro romance até sua morte — como uma das romancistas mais proeminentes da sua época. Mas a reputação de Gaskell baseia-se essencialmente na sua participação num conjunto vasto de transformações sociais que nós hoje reconhecemos como a "Inglaterra Vitoriana". Viveu em Manchester no auge da industrialização; escreveu romances sobre assuntos tão controversos como a prostituição e a luta de classes; foi uma mulher de considerável sofisticação intelectual, a par dos assuntos mais relevantes da sua época. No entanto, o conflito entre os seus impulsos naturais de exposição e denúncia do *status quo* e as exigências das convenções sociais e do seu empenhamento religioso, veio a reflectir-se na sua obra, constituindo não apenas o seu dilema pessoal mas também uma das limitações características da sua época. Neste sentido, a *resolução* do romance social de Elizabeth Gaskell implica, não uma defesa de mudança real das injustiças sociais por ela apontadas, mas sim uma tentativa de amenização e de simplificação dos problemas. O interesse da sua obra é, apesar de tudo, indiscutível. As questões aí levantadas continuam infelizmente actuais na sociedade moderna, onde parece existir um interesse renovado pelos valores de mera motivação lucrativa, e onde se estranham palavras tão simples como "igualdade" e "fraternidade".

² William Ellis e Mary Turner Ellis, *Westminster and Foreign Quarterly Review*, Abril de 1849, 48-63. Citados em Easson, *Elizabeth Gaskell, the Critical Heritage*, 1991, pág. 156.

Esta dissertação irá debruçar-se, num primeiro momento, sobre a *origem* do pensamento social de Elizabeth Gaskell (1810-1865): começará por abordar a problemática social no romance inglês da viragem e início de século, nas suas facetas política e didáctica; prosseguirá a análise com a definição e recepção do novo sub-género — romance social — no âmbito da formação do público leitor vitoriano; e concluirá com uma breve consideração sobre os contextos sócio-económico e cultural da sociedade vitoriana. Num segundo momento, será feito um estudo mais pormenorizado e aprofundado das duas facetas mais relevantes do pensamento social de Gaskell, que designaremos como Romance Industrial e Romance da "Fallen Woman". Na primeira, a análise de *Mary Barton* (1848) e de *North and South* (1855) será conduzida através da referência ao sistema fabril, s relações industriais e aos movimentos laborais. Na segunda, a abordagem da situação da mulher trabalhadora e dos problemas da sedução e da prostituição constituirá o fulcro de *Ruth* (1853) e, em parte, de *Mary Barton*. Como conclusão, este estudo procurá fazer uma análise crítica da perspectiva de *resolução* dos problemas sociais denunciados por Gaskell nos seus romances.

Este trabalho resultou de uma pesquisa relativamente longa sobre a autora em questão e igualmente sobre a época em que ela viveu. Envolveu inicialmente uma leitura extensiva e pormenorizada das suas obras literárias e, posteriormente, de estudos críticos sobre as mesmas. Assim, numa consulta da bibliografia, será fácil constatar o número e a diversidade das espécies temáticas incluídas em cada capítulo. Relativamente obtenção destes materiais, devo agradecer a contribuição dada pelo Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, e pelas seguintes instituições estrangeiras: Manchester City Council (Libraries Department) e The John Rylands University Library of Manchester. Agradeço ainda de forma especial o apoio, as sugestões, e a leitura atenta desta dissertação, ao Professor Doutor Hélio Alves.

PARTE I

1

A Problemática Social no Romance Inglês (1790 - 1840)

2

Definição e Recepção do Género 'Romance Social' (1820 - 1860)

3

O Contexto da Inglaterra (1830 - 1860)

1

A PROBLEMÁTICA SOCIAL NO ROMANCE INGLÊS (1790 - 1840)

1.1 O Romance de Índole Política

As raízes do romance inglês de preocupação social ou política encontram-se nas últimas décadas do século XVIII e especialmente na década revolucionária de 1790, altura em que se verificou um estreito relacionamento entre literatura e história.¹ O advento da Revolução Francesa e os ideais da liberdade, igualdade e fraternidade influenciaram uma facção representativa dos intelectuais ingleses da época — a vanguarda liberal formada por filósofos e escritores politicamente empenhados. Entre ela, encontravam-se os 'jacobinos ingleses', assim designados, não exactamente por serem simpatizantes dos jacobinos franceses², mas por procurarem combater a repressão do governo inglês vigente. Thomas Holcroft, William Godwin, Robert Bage, e Elizabeth Inchbald partilhavam um conjunto de valores e credos formados a partir da psicologia empírica de Locke e Hartley, do republicanismo inglês e do optimismo histórico do iluminismo francês. Opunham-se à tirania e à opressão a todos os níveis, assim como às desigualdades entre os homens que não fossem apenas baseadas nas suas qualidades morais. Os seus romances pretendiam descrever a luta e o triunfo eventual da razão sobre o que eles designavam como *l'infâme*, a opressão. Surgiu, assim, o chamado *roman-à-thèse*³, que começou por colocar a literatura ao serviço da fé revolucionária, aproveitando o gosto popular pelo novo género e também a necessidade de propaganda política.

¹ Seria, no entanto, interessante recordar algumas obras que teriam já anteriormente levantado questões sociais. Por exemplo, *Utopia* (1515-16) de Thomas. More, *Oroonoko* de Aphra Behn, e mesmo *Moll Flanders* (1722) de Defoe.

² Membros do clube revolucionário francês, fundado em Paris, em 1789; democratas que tinham como objectivo acabar com as diferenças de classes e com a realeza.

³ Termo utilizado por Louis Cazamian na sua obra *The Social Novel in England. 1830-1850*, 1973, pág.36.

Inicialmente, o entusiasmo do movimento, os seus romances, panfletos, peças de teatro, poemas, e tratados filosóficos (sobretudo os de Godwin) dominaram a cena pública, até serem silenciados pelo governo inglês⁴; primeiro, através da "Association for the Preservation of Liberty and Property against Republicans and Levellers" e, depois, através dos "Gagging Acts" de 1795. Face à falta de liberdade de expressão, a literatura política radical apenas pôde sobreviver na clandestinidade. Robert Bage, um romancista já estabelecido e por sua vez influenciado pelas ideias da Revolução Francesa, tinha contribuído com a profecia de uma nova era de igualdade e justiça nas últimas páginas do seu romance, *Man as He Is* (1792). No entanto, Holcroft e Godwin, nos seus romances de 1805 (respectivamente, *Bryan Perdue* e *Fleetwood*), iriam debruçar-se mais sobre a reforma moral do indivíduo. Mas a filosofia destes autores afectou não apenas a caracterização e a acção como também a própria técnica romanesca. O romance deveria possuir uma "unidade de concepção", isto é, mostrar como os personagens se tinham formado a partir de um conjunto de circunstâncias externas. Os romancistas jacobinos pretendiam de igual modo combinar a sua filosofia radical do homem com uma análise detalhada da emoção e paixão humanas. O propósito desta ficção era o de produzir nos seus leitores uma revolução moral profunda.

William Godwin⁵, considerado o filósofo do anarquismo, ficou conhecido por ter reformulado a questão da relação entre o indivíduo e a sociedade. A sua visão baseia-se na ideia de que o indivíduo se deve afastar gradualmente das instituições governamentais e procurar a verdade por si próprio, através do exercício privado do seu raciocínio. *Things As They Are; or, The Adventures of Caleb Williams* (1794) foi encarado como uma extensão da lógica racional do seu tratado *Enquiry Concerning Political Justice* (1793) para a forma mais popular e atraente do romance. Mas, pela

⁴ Dos que foram silenciados, destacam-se John Thelwall, Thomas Hardy e Thomas Holcroft (estes últimos acusados de traição, em 1794).

⁵ W. Godwin (1756-1836) aliou-se originalmente às tradições e noções do "Rational Dissent" do século XVIII. As suas teorias formaram-se sob a influência das revoluções americana e francesa e da leitura de Locke e Swift, Rousseau e T. Paine.

altura do movimento romântico europeu, o romance passou a ser visto menos como um veículo de propaganda e mais como um estudo da psicologia individual. No entanto, existe nele um equilíbrio entre interesse psicológico e crítica social jacobina. As duas partes que o compõem, a perseguição de Caleb pelo seu patrão Falkland e a perseguição de Emily por Tyrrel, formam um paralelo. Estas estão claramente relacionadas com o Livro sete de *Political Justice*, intitulado "Of Crimes and Punishments"; uma ficcionalização do debate político sobre o direito que o estado tem de punir os cidadãos. "It is to expose the evils which arise out of the present system of civilized society; and [...] to lead the enquiring reader to examine whether they are, or are not, [...] irremediable".⁶

Godwin chama, assim, a atenção dos seus contemporâneos para a necessidade de uma reforma política da sociedade e uma reforma moral do indivíduo. *Things As They Are* evolui de uma exposição da corrupção social e política para um romance de sentimento, uma narrativa "gótica" de medo e perseguição, uma alegoria moral sobre o "triunfo" da verdade.⁷ Em última análise, este romance apresenta um exemplo particular de como o sistema de "things as they are" destrói os melhores representantes de uma cultura, separa o homem do seu semelhante, e cria um estado de guerra dentro da sociedade.⁸

Robert Bage⁹, por sua vez, parece ter demonstrado o seu interesse como romancista tanto no aspecto do carácter individual como no das opiniões políticas e filosóficas do seu tempo, possuindo as suas obras principais uma unidade temática muito própria. Bage fazia parte do mundo literário-científico de Birmingham e Derby, tendo contacto com o pensamento mais liberal do fim do século XVIII — a

⁶ Godwin, em *The British Critic*, vi (July 1795), pág. 94. Citado em Clemit, *The Godwinian Novel, The Rational Fictions of Godwin*, Brockden Brown, Mary Shelley, 1993, pág. 42.

⁷ Nota-se, no entanto, um elevado grau de sentimentalismo na revisão do final do romance: a transformação de Falkland de perseguidor e eventual envenenador de Caleb em convertido admirador da força e inocência de Caleb.

⁸ Ver Kelly, *The English Jacobin Novel, 1780-1805*, 1976, págs. 1-19.

⁹ Robert Bage era filho de um fabricante de papel em Darley, perto de Derby. Ele próprio seria possuidor de uma indústria de papel em Tamworth; encontrando-se, por isso, dividido entre o apoio ao governo ou aos trabalhadores. Em questões religiosas era materialista.

vanguarda da inovação nos campos da ciência, da indústria, da religião e do pensamento político. Em termos literários, as suas bases eram neo-clássicas, visto que os seus propósitos eram os de ensinar e divertir; atacava todo o tipo de abuso social ou político através da comédia e da sátira. Assim, os seus romances (sobretudo *Man As He Is* e *Hermesprong; or, Man As He Is Not*; este último publicado em 1796) foram classificados como subversivos pela *Anti-Jacobin Review and Magazine* (1798-1799)¹⁰.

Thomas Holcroft¹¹ tentou popularizar a "Nova Filosofia" através de uma variedade de peças teatrais, romances, ensaios, biografias e traduções. De origem humilde, os seus interesses eram no entanto verdadeiramente enciclopédicos. Grande admirador de Voltaire, Holcroft acreditava firmemente na verdade, na virtude e na razão. *Anna St. Ives* (1792) foi publicado durante o fervor revolucionário e, para além de antecipar os preceitos godwinianos, mostrou o propósito de educar a nova geração feminina nos valores da fortaleza e da firmeza de carácter. Em *The Memoirs of Bryan Perdue* (1805), tentou expôr os males de "things as they are", conduzindo o seu pícaro através da sociedade contemporânea. Holcroft partilhava com Godwin a ideia de que o principal objectivo do romance, como género, era tentar dar resposta à questão de como o homem poderia mudar para melhor e como a perfeição poderia ser alcançada.¹²

Outras romancistas da década de 1790, como Elizabeth Inchbald¹³ procuraram demonstrar que os romances podiam usar as experiências pessoais para dar uma maior intensidade ao tratamento de assuntos públicos. *A Simple Story* (1791) de Mrs. Inchbald funcionou como um modelo de auto-exame psicológico, através do qual os jacobinos ingleses poderiam estudar a influência da sociedade e das suas instituições

¹⁰ Fevereiro de 1800, numa crítica literária de um dos seus romances, *St. Leon*.

¹¹ Thomas Holcroft era um membro da "Society for Constitutional Information", um grupo de pessoas que tinha liderado a disseminação do livro mais revolucionário da época — *Rights of Man* de Thomas Paine.

¹² Ver Alves, "Things as they could have been: the politically involved novel in late eighteenth-century England", *Diacritica*, nº 7 (1992), 217-231; págs. 228-29.

¹³ Elizabeth Inchbald tornou-se famosa como actriz e dramaturga na sociedade da época.

no desenvolvimento do carácter do indivíduo. Ao tratar o impacto da educação e da posição social no carácter da sua heroína, ela influenciou ainda outras romancistas não-jacobinas, como Maria Edgeworth. Além disso, debruçou-se sobre a natureza da experiência feminina e o papel da mulher na sociedade — assuntos de interesse não apenas dos jacobinos ingleses mas também dos romancistas do século XIX. Apesar de não fundir a sua experiência pessoal com as suas ideias políticas, Mrs. Inchbald conseguiu provocar a ira dos críticos anti-jacobinos com a sua polémica obra, *Nature and Art* (1796), uma sátira jacobina que analisa de forma alegórica os vários níveis (classe e género) em que a tirania social opera.¹⁴

Outros romancistas igualmente importantes, particularmente mulheres como Mary Wollstonecraft¹⁵, Mary Hays¹⁶ e Helen Maria Williams tentaram trazer para o romance popular novas atitudes em relação à experiência feminina. Havia ainda outras que, como Charlotte Smith e Mary Robinson¹⁷, apresentavam um talento considerável e partilhavam das ideias da *entourage* de Godwin. Mas, infelizmente, tanto o seu talento como o seu jacobinismo cedo se desvaneceram, pois não partilhavam daquela procura filosófica da "unidade de concepção" (a ideia de que o indivíduo está dependente das circunstâncias externas). Assim, o romance jacobino inglês foi-se gradualmente transformando no romance romântico ou de sátira sentimental, do mesmo modo que o jacobinismo político se transformou no radicalismo e liberalismo do século XIX.

Embora entre 1800 e 1820, em pleno período romântico, o público em geral estivesse sob a influência da reacção conservadora ("Tory"), que rejeitava

¹⁴ A informação relativa a esta última parte baseia-se de igual modo na *English Jacobin Novel* de G.Kelly, capítulos I e III.

¹⁵ Mary Woolstonecraft (1759-97) foi uma das mulheres mais marcantes do seu tempo, autora de *A Vindication of the Rights of Men* (1790) e de *Vindication of the Rights of Woman* (1792). O seu melhor romance é *Mary, a Fiction*, escrito em 1788. Tendo casado com William Godwin, veio a falecer pouco tempo depois.

¹⁶ Mary Hays foi uma autora bem sucedida de romances do tipo sentimental. O seu romance mais conhecido é *Memoirs of Emma Courtney* (1796).

¹⁷ Outra romancista menos conhecida, Amelia Opie, escreveu um romance intitulado *Adeline Mowbray* (1804).

peremptoriamente todo o tipo de radicalismo, esta nova mistura entre filosofia e ficção provou ser tão inovadora nos seus objectivos e métodos que já se falava da "escola de Godwin". Os chamados "romancistas godwinianos", independentemente das suas diferenças ideológicas, aderiram ao modelo narrativo iniciado com *Calèb Williams*. Assim, na segunda metade do período romântico, Mary Shelley e Charles Brockden Brown¹⁸ desenvolvem aquele modelo numa altura de crescente experimentação de formas romanescas não-realistas. Ambos partilham com Godwin a capacidade de projectar questões teóricas em formas imaginativas extremamente simbólicas; é uma nova mistura de inquirição filosófica e observação psicológica. A análise precoce que M. Shelley faz da psique oprimida em *Frankenstein* adquire a máxima relevância porque ela escreve dentro do contexto genérico das questões sociais e da mudança revolucionária.

A epígrafe¹⁹ e o subtítulo de *Frankenstein, or, The Modern Prometheus* (1818) assinalam o modo como Mary Shelley expande o romance godwiniano de modo a incorporar os principais mitos ocidentais da criação do homem. O monstro abandonado que volta para desafiar o seu criador representa o drama simbólico que leva a uma destruição social generalizada. Subjacente à sua visão de fragmentação universal, está o declínio difundido da fé no progresso revolucionário, nas duas primeiras décadas do século XIX. No entanto, Mary Shelley terá herdado da sua revolucionária mãe, Mary Wollstonecraft, a convicção declarada de que uma geração 'monstruosa' é o produto de um sistema repressivo. "Treat a person ill and he will become wicked [...] divide him, a social being, from society, and you impose upon him [...] malevolence and selfishness."²⁰ Do mesmo modo, o erro moral é equiparado aos avanços racionais da ciência empírica. A principal preocupação do romance

¹⁸ Charles Brockden Brown foi mesmo considerado o Godwin americano pelos autores românticos ingleses. Publicou sobretudo romances "góticos", por exemplo *Wieland* e *Ormond*, (1799).

¹⁹ "Did I request thee, Maker, from my clay / To mould me man? Did I solicit thee / From darkness to promote me? —" (*Paradise Lost*).

²⁰ P. Shelley, "On Frankenstein" [1818, published in the *Athenaeum*, 10 Nov. 1832], citado em Clemit, *The Godwinian Novel*, p. 139.

parece ser a demonstração da necessidade da afeição humana e o elogio da virtude universal. No século XIX, os romances de Godwin e de Mary Shelley começaram a ser publicados com prefácios que os apresentavam em termos puramente estéticos e privados, marginalizando assim os objectivos especificamente políticos e filosóficos dos seus autores aquando da sua primeira publicação. Esta atitude fazia parte da resposta às exigências comerciais de uma idade que tinha o culto da "personalidade" e que pretendia explorar o mercado da ficção. Deste modo, *Caleb Williams* torna-se uma narrativa emocionante de *suspense*, antecipando a ficção policial do século XIX, assim como *Frankenstein* se torna uma narrativa de alucinação e terror.

1.2 O Romance de Índole Didáctica

No início do século, surgiram três romancistas femininas, cujas carreiras reflectiram e levaram a cabo as exigências específicas de uma nova ideologia doméstica. Hannah More, Maria Edgeworth, e Frances Burney eram mulheres cujas biografias foram marcadas por extraordinárias realizações no campo das letras. Hannah More é geralmente evocada como uma defensora do *status quo* e o seu trabalho como reflectindo preconceitos de classe e da sua religião evangélica. Tendo-se dedicado desde cedo a actividades de caridade, incluindo o ensino dos mais pobres, escreveu obras de índole didáctica. Entre elas, inclui a colecção dos *Cheap Repository Tracts* e ainda *Strictures on a Modern System of Female Education* (1799). O seu único romance, *Coelebs in Search of a Wife* (1808), é uma tentativa de reescrever a história de Eva de um ponto de vista moderno. Frances Burney, que escreveu obras como *Evelina*, foi reaproveitada pela crítica feminista moderna, que se interessou pelas contradições presentes no seu trabalho. Maria Edgeworth procurou sobretudo estudar a população irlandesa autóctone, encarando-a como dependente e necessitada de reforma. Em *Castle Rackrent* (1800), o primeiro romance "saga", ela

descobre o latifundiário e o aldeão irlandeses; e em *The Absentee*, ela descreve a ausência dos proprietários ingleses e a mão pesada que os seus agentes tinham sobre os desamparados camponeses. Mas Maria Edgeworth era essencialmente uma escritora didáctica; em *Belinda* (1801), por exemplo, ela empenhou-se em denunciar os erros inerentes à educação dada às mulheres.²¹

A década de 1830 e o início da de 1840 foram marcadas por uma grande variedade de sub-géneros ficcionais em voga — o romance histórico, o mais sensacionalista (como o "silver-fork"²² e o "Newgate"²³) e o de preocupação social. Os romances 'históricos' de William Harrison Ainsworth eram bastante populares; por exemplo, *The Tower of London* (1840) apresenta um relato lúrido de intrigas e decapitações passadas na Torre; *Rookwood* (1834), um romance histórico "Newgate", descreve as aventuras de Dick Turpin. Edward Bulwer²⁴ (mais tarde Bulwer-Lytton) também escreveu romances históricos, mais significativos como documentos histórico-literários do que como ficção realista. Estes focam sobretudo o trágico sacrifício de seres individuais sujeitos ao esquema geral de progresso da civilização ocidental. As suas obras incluem *Falkland* (1827), *Pelham* (1828), *Paul Clifford* (1830) e *Eugene Aram* (1832), todas elas tendo sofrido influência de temas godwinianos, e as duas últimas sendo consideradas os primeiros romances "Newgate". *Paul Clifford* foi também considerado o primeiro romance influente, do período, com um objectivo de reforma social; é a história de uma criança abandonada

²¹ Ver Kowaleski-Wallace, *Their Fathers' Daughters. Hannah More, Maria Edgeworth and Patriarchal Complicity*, 1991, págs. 3-26.

²² Este tipo de escrita surgiu em consequência dos requisitos literários da nova burguesia, com a sua curiosidade e admiração pela vida refinada e elegante da aristocracia. Abunda, por isso, em descrições elaboradas e infundáveis da vida de salão.

²³ Eram assim chamados os romances baseados em personagens históricos reais, que estiveram na prisão de Newgate (por exemplo, os famosos bandidos, Dick Turpin e Jack Sheppard), e cujas aventuras tinham sido contadas em inúmeros papéis volantes, baladas e histórias; os seus julgamentos e execuções tinham sido relatados em volumes intitulados *Newgate Calendar* e *Annals of Newgate*. Ver Anexo A.

²⁴ Edward Bulwer (1803-73) tinha a aparência artificial de um 'dandy'; o romance social foi apenas uma fase passageira na sua carreira. Influenciado pelo utilitarismo, veio a debruçar-se sobre a necessidade de reforma do sistema penal. Mas foi mais sensível aos ditames do gosto popular do que ao debate sério.

que foi forçada a entrar no mundo do crime devido à pressão de condições sociais adversas. Bulwer antecipa, assim, o tema que foi profusamente tratado durante o século XIX (sobretudo por Dickens), de crianças e adultos tornados criminosos devido à negligência institucional e familiar. No entanto, o seu estilo rebuscado e melodramático impediu-o de demonstrar um empenhamento sério nos temas sociais por ele abordados.²⁵

As medidas reformistas que se seguiram ao primeiro "Reform Act" de 1832, tal como o "Factory Act" (1833) e o "Poor Law Amendment Act" (1834), foram introduzidas através de uma enorme quantidade de publicações: relatórios parlamentares (ou "blue books"), panfletos políticos, artigos de jornal, e literatura sobre reforma social. Os temas e as convenções do romance de preocupação social foram delineados na poesia reformista dos anos de 1830 e 1840 por Caroline Bowles, Lady Caroline Norton e Thomas Hood: o impressionante fosso entre ricos e pobres, a desumanidade das novas fábricas e asilos, o abandono das "fallen women" e a exploração do trabalho das costureiras. Surgem depois narrativas mais completas: As *Illustrations of Political Economy* (1832-34) de Harriet Martineau apresentam histórias cujas pretensões literárias estão subordinadas ao objectivo principal da autora, o de instrução sócio-económica das massas. *Michael Armstrong, the Factory Boy* (1839-40) de Frances Trollope trata dos abusos do trabalho infantil; o seu *Jessie Philips* (1842-43) trata da sedução da heroína (uma costureira) e do assassinato do seu filho ilegítimo. O tema da exploração das mulheres torna a ocorrer em *Helen Fleetwood* (1841) e *The Wrongs of Woman* (1843-44) pela iniciativa da empenhada Charlotte Elizabeth Tonna, e em *William Langshawe, the Cotton-Lord* (1842) e *The Young Milliner* (1843) pela pouco conhecida Elizabeth Stone.²⁶

²⁵ Ver Wheeler, *English Fiction of the Victorian Period, 1830-1890*, 1986, Capítulo 2, "Pre-Victorian and Early Victorian Fiction".

²⁶ A obra de Elizabeth Stone (fl. 1840-73) terá influenciado *Mary Barton* (1848) e *Ruth* (1853) de Elizabeth Gaskell, assim como a ficção de romancistas posteriores.

A obra de Harriet Martineau²⁷ baseia-se na sua noção de que o povo sofria porque não compreendia as leis sócio-económicas que regulavam a sociedade. Coube-lhe, assim, a tarefa de expôr os preceitos da economia política em ficção. Baseou-se, para isso, nas teorias de David Ricardo e dos filósofos do utilitarismo, assim como na forma de exposição popular de Jane Marcet²⁸. As histórias inseridas nas suas *Illustrations* serviam de exemplificação didáctica: "Life in the Wilds" ilustrava a teoria de que a riqueza deve ser apenas o produto do trabalho; "The Hill and the Valley" descrevia a relação entre capital e trabalho e a subordinação deste aos interesses do outro; "A Manchester Strike" procurava inculcar a futilidade da acção grevista.

Martineau não parecia, assim, mostrar compreensão pelos trabalhadores fabris que tentavam melhorar a sua situação através da sua própria iniciativa; as mulheres eram as únicas personagens vistas favoravelmente pois, segundo ela, as acções políticas não lhes agradavam. A classe trabalhadora deveria resignar-se à sua situação e, quando muito, praticar o controle de natalidade para melhor poder subsistir. Estas histórias têm muito pouco a ver com as ideias de caridade e de intervenção social; elas servem como exemplo da diferença de atitudes entre a década de 1830 e as décadas seguintes, em que o movimento 'intervencionista'²⁹ seria liderado por Carlyle, Disraeli, Newman, e Ruskin.³⁰

O trabalho de Frances Trollope³¹ foi bastante atacado na época devido à sua simplificação das questões sociais. Tendo escrito *The Widow Barnaby* (1838), uma

²⁷ Harriet Martineau (1802-1876) foi educada numa família Unitária, profundamente puritana. Devido à vida difícil que enfrentou na sua infância e juventude, ficou afectada física e emocionalmente. A controvérsia religiosa levou-a à filosofia, sobretudo aos predecessores do utilitarismo, Hartley e Priestley. Foi depois influenciada por James Mill, Ricardo e J. Bentham.

²⁸ Ricardo delineou a sua teoria económico-política em 1817. Jane Marcet apresentou uma versão popular da mesma nas suas *Conversations* (1818).

²⁹ Cazamian dá o nome de "interventionism" à reacção idealista das décadas de 1840 e 1850, contra o racionalismo e o individualismo utilitarista das décadas anteriores (1820-30). O movimento caracterizou-se essencialmente por uma renovação do sentimento religioso e filantrópico.

³⁰ Ver Cazamian, *The Social Novel in England*, Cap. 2, "The Utilitarian Novel", págs. 50-59.

³¹ Frances Trollope era casada com Anthony Trollope (1815-82), um conhecido romancista que escreveu sobre o mundo social e político de Londres, por exemplo em *Phineas Finn*.

comédia doméstica de sucesso considerável, anunciou em 1839 a sua intenção de escrever um romance industrial. No mesmo ano, decidiu ir ver Manchester com os seus próprios olhos; apareceu, assim, *Michael Armstrong* (1840). Michael Armstrong, um jovem operário fabril, é colocado sob a protecção de um cruel industrial, numa demonstração de benevolência pública. Na realidade, o objectivo do industrial é o de evitar as queixas de outros trabalhadores sobre as condições de trabalho, e o rapaz é enviado secretamente para uma fábrica distante onde iria sofrer durante muitos anos. A personagem principal, no entanto, é a sua benfeitora Miss Brotherton, cujos esforços para o encontrar e ajudar constituem a acção principal do romance. Apesar da sua coragem humanitária e da veemente hostilidade perante a burguesia industrial, a descrição que a autora faz das condições de Manchester é pouco convincente.

A romancista que escreveu sob o pseudónimo de Charlotte Elizabeth ³² era uma segunda Harriet Martineau, com o mesmo vigor polémico e o mesmo evangelismo limitado. Sendo profundamente puritana, sentiu-se impelida a escrever um apelo à emergência de legislação industrial, sob a forma de ficção. Mas as suas ideias estavam longe de ser revolucionárias; segundo ela, era essencial educar as camadas menos desfavorecidas da classe trabalhadora, porque os agentes mais perigosos do Cartismo, e outros credos subversivos, eram provenientes desse grupo. *Helen Fleetwood* foi escrito nesse espírito. A personagem central é a viúva Green, uma idosa aldeã que tem a seu cargo um grupo de orfãos e que se vê forçada a encontrar emprego na cidade. Face às duras realidades do trabalho fabril, Helen Fleetwood é a única orfã que permanece pura, apesar dos vícios a que está exposta; no entanto, as precárias condições sanitárias da fábrica acabam por conduzir à sua morte. Escrito para mostrar a necessidade urgente de uma melhoria da situação de crianças e mulheres — "white slaves" — empregadas em fábricas, o romance é sem dúvida comovente e persuasivo.

³² Charlotte Elizabeth, nascida em 1790 e filha de um clérigo de simpatias conservadoras, dedicou-se a actividades literárias e filantrópicas. Tal como Harriet Martineau, fez a sua estreia literária no campo da controvérsia religiosa, nomeadamente na revista *Protestant Magazine*.

Mas trata-se mais de uma dissertação do que de uma obra de arte — um tratado de apologia cristã.³³

Numa perspectiva crítica actual, estas primeiras histórias e romances tendem a exagerar os males que pretendem expôr, focando exclusivamente os casos sociais mais extremos. Tendem, de igual modo, a sentimentalizar demasiado os elementos mais pobres e marginais da sociedade. Além disso, a situação destas classes era abundantemente documentada com notas de rodapé, ao estilo dos "blue books". Sendo assim, a sua importância reside essencialmente no facto de terem iniciado o processo de "educação" social dos leitores de romances das classes média e alta. Embora extremamente débeis como obras de ficção, estes primeiros trabalhos prepararam o aparecimento dos romancistas 'sociais' dos fins da década de 1840 e da década de 1850 — Benjamin Disraeli, Elizabeth Gaskell, Charles Kingsley, e Charles Dickens — que aliás aumentaram substancialmente a qualidade da escrita neste sub-género.³⁴

Segundo Louis Cazamian³⁵, a tradição literária do racionalismo filosófico revolucionário, representada sobretudo por Godwin e ligada através do utilitarismo às obras de Bulwer e H. Martineau, difere essencialmente do movimento intelectual, idealista e intervencionista, que surgiu depois da década de 1830 e que se prolongou até à década de 1850. Este último foi sobretudo influenciado pelo movimento romântico e pela nova filantropia, e está representado no reformismo social de Dickens³⁶, no conservadorismo social de Disraeli, no intervencionismo cristão de E. Gaskell, e no socialismo cristão de Kingsley. *Pickwick Papers* (1837) e *Oliver Twist*

³³ Ver Cazamian, *The Social Novel in England*, págs. 235-240.

³⁴ Ver Wheeler, *op. cit.*, págs. 17-19.

³⁵ O seu *Roman Social en Angleterre* foi considerado um trabalho pioneiro em 1903.

³⁶ Sem dúvida que para o historiador 'social' ou o crítico literário com interesse nas questões sociais, Dickens oferece uma enorme possibilidade de estudo de problemas sociais, condições, classes, atitudes e ideologias. Praticamente todas as questões sociais estão presentes nos seus romances: os pobres, o trabalho infantil, os criminosos e as condições nas prisões e nas fábricas, questões sanitárias e educativas. Assim como os vários movimentos da época: filantropia, economia política, utilitarismo e industrialismo. Muito embora tenhamos de ser cautelosos a fim de não interpretarmos a sua ficção como literalmente verdadeira.

(1838) marcam a entrada em cena de Dickens; a partir dessa altura, ele iria fazer uso da sua fértil imaginação na causa intervencionista. Disraeli, em *Coningsby* (1844), *Sybil* (1845), e *Tancred* (1847), serviu a mesma causa, embora não sem ambição privada. Elizabeth Gaskell, com *Mary Barton* (1848) e *North and South* (1855), foi capaz de atingir o realismo literário que tinha escapado a Frances Trollope em *Michael Armstrong* e a Charlotte Elizabeth em *Helen Fleetwood*. Os romances 'socialistas-cristãos' de Kingsley, *Yeast* (1848) e *Alton Locke* (1850), levaram o movimento de intervenção social ao seu término natural.³⁷

³⁷ Ver Cazamian, *The Social Novel in England*, sobretudo a Introdução e o Capítulo 2 ("Novels with a purpose before 1830").

2 DEFINIÇÃO E RECEPÇÃO DO GÉNERO 'ROMANCE SOCIAL' (1820 - 1860)

2.1 "Romance Social" — Documento ou Ficção?

Por volta da década de 1830, um tipo distinto de romance surgiu em Inglaterra, tendo sobrevivido até finais do século XIX e mantido sempre uma relação estreita com a agitação política da época, ao mesmo tempo reflectindo a mentalidade da idade vitoriana. O "romance com um propósito social" analisou os graves problemas da nova sociedade e apresentou fórmulas concretas ou apelos vagos à reforma total das relações humanas. Face ao materialismo e ao individualismo crescentes do desenvolvimento económico e industrial que marcou a primeira metade do século, o romance procurou demarcar-se, assumindo um tom emocional e um idealismo generoso; isto, numa idade em que o romantismo moribundo encontrou vida renovada nas aspirações políticas e sociais.¹

Condições específicas aliadas à natureza da forma, fizeram com que o "romance de tese" se tornasse o género literário didáctico mais influente do período. O seu aparecimento coincidiu com dois fenómenos importantes: o acesso da classe média ao poder, e a maior dependência do Parlamento em relação à opinião pública. Por outro lado, a inovação comercial da publicação em fascículos mensais, colocou o romance ao alcance de todos os estratos sociais e intelectuais. Face a todo este contexto, a reacção idealista resolveu munir-se de um certo realismo literário, expondo factos reais e partindo da experiência concreta para o princípio teórico; levava, assim, o leitor a efectuar um passeio instrutivo através da sociedade.² O seu apelo à emoção

¹ Em contraste, o chamado *roman-à-thèse* da segunda metade do período vitoriano tornou-se mais prudente e científico. As grandes questões foram retiradas da literatura, assim como da vida política. Os romancistas passaram a atacar abusos específicos apenas, ou mostravam no seu tratamento o espírito histórico e crítico do pensamento evolucionista. A obra de George Eliot, por exemplo, dominou este período.

² É, sem dúvida, irónico o facto de os idealistas de preocupação social terem usado propositadamente os mesmos métodos utilizados pelos utilitaristas ou materialistas para mostrar o estado da sociedade. Chegaram, no entanto, a princípios e conclusões completamente diferentes.

permeou, no entanto, todas as áreas: o sentimento artístico, o entusiasmo religioso, e a consciência social. O altruísmo era a nova palavra de ordem. Assim, o romance, com as suas características de estimulante emocional e o seu *pathos* central, foi facilmente envolvido neste movimento. O facto de os próprios romancistas serem cidadãos representativos da nova classe média, assim como os heróis dos seus romances, tornou-os mais facilmente aceites pelo público. Os personagens não podiam ir muito para além da vida real, ou daquela vida meio-idealizada em que consistia a sua existência. Os seus sentimentos e reflexões deveriam ser instrutivos para os leitores, que podiam passar por experiências semelhantes. A maioria dos romances aborda possíveis conversões, descrevendo o processo que leva da apatia ao altruísmo, oferecendo uma versão estereotipada e simplificada do crescimento do sentimento na mente do cidadão médio.³

Embora se possa argumentar que, em certo sentido, qualquer romance que aborde os costumes humanos é um 'romance social', por questões metodológicas, ele deverá designar apenas aquele romance que apresenta uma 'tese social', que visa influenciar directamente as relações humanas, isto é, que mostre uma intenção reformadora.⁴ Assim, foi o romance pró-intervencionista, e sobretudo aquele que procurou sugerir soluções para os males da anarquia industrial, que assumiu essa difícil missão. Em termos meramente temporais, este sub-tipo romanesco prolongou-se durante quase toda a época vitoriana; embora pertinente apenas nas primeiras décadas politicamente conturbadas, este género produziu ainda nos anos de 1850 e 1860 alguns romances didácticos dentro daquele espírito.⁵ A avaliação que deles for feita deve ter em conta não apenas o seu interesse histórico mas também a sua essência literária.

³ Sobre este assunto, ver Cazamian, 1903, *The Social Novel in England. 1830-1850*, 1973, Introdução, págs. 1-13.

⁴ Esta definição de 'romance social' baseia-se na de Cazamian.

⁵ São deste facto exemplo os romances de Dickens e de E. Gaskell, *Hard Times* e *North and South*, respectivamente. Ambos abordam os problemas industriais num tom claramente intervencionista.

O romance possui um duplo interesse histórico: contém um certo número de provas documentais relacionadas com o seu propósito didáctico, e mostras de ter exercido uma determinada influência no público dessa época. Mas o romance também tem um valor representativo, na medida em que, ao reflectir a opinião do seu autor, do seu público e até o gosto literário, geralmente revela a atitude mental duma época. Existem, então, vários factores a ter em consideração: os detalhes factuais, a estrutura mental e psicológica do autor, o exame dos personagens⁶, a recepção do público, e ainda a comparação com outros 'escritos' sociais.⁷

Coloca-se também um outro problema: o de saber como encarar, e depois examinar, o 'romance social'. Se o abordarmos apenas como um documento histórico, e o formos escrutinar para a obtenção de material que possa reconstituir exactamente a vida e os acontecimentos, estaremos a fazer uma mera descrição, em vez de procurar explicações. Se, por outro lado, procurarmos descobrir as intenções artísticas presentes no conteúdo e na forma do romance, arriscamo-nos a cair em considerações meramente literárias. Será possível compatibilizar intenções didácticas e artísticas? Essa situação será certamente desejável se se quiser explicar o porquê de um movimento de opinião pública e o valor dessas descrições contemporâneas para o leitor actual. Não se trata aqui de discutir se o romance social é uma verdadeira forma de arte, mas sim de descobrir o seu "funcionamento" e a sua "lógica" próprias.

De momento, talvez seja suficiente dizer que o romance social em análise procurou adaptar as suas concepções filosóficas românticas de base à forma específica do romance realista então em voga. Este comportamento reflecte, assim, os dois movimentos culturais contraditórios, mas complementares, que se degladiaram na primeira metade do século XIX: o individualismo utilitarista e o idealismo intervençionista. Assim, a questão a pôr em relação aos 'idealistas' ingleses será: Em

⁶ Este factor pode ser relevante, já que qualquer toque de simpatia ou antipatia na sua caracterização pode fazer-nos adivinhar a intenção do autor.

⁷ Ver Cazamian, 1973, Introdução, págs. 1-13.

que medida é que eles reconheciam a compatibilidade entre os seus interesses individuais e as suas opiniões sociais?⁸

O modo ficcional do romance foi sempre usado como uma fonte histórica mais ou menos válida. Mas, por altura do século XIX, o romance era um meio cheio de implicações culturais e sociais e, por isso, precioso na elucidação dos problemas contemporâneos. Foi precisamente durante o conturbado começo do período vitoriano que o romance, como género, mais se 'intrometeu' na história; foi também o momento em que ele se tornou mais problemático. Os historiadores mostravam-se preocupados com a informação esporádica, superficial e, muitas vezes, inexacta, que neles era veiculada. Queixavam-se de que os romances não revelavam os factos contemporâneos mas a forma de pensar do romancista, assim como não revelavam as condições sociais mas a sua atitude em relação a elas. Apontavam também a incapacidade de fazerem distinções cronológicas cruciais, as generalizações baseadas apenas num incidente, o contraste entre industrialismo e uma mítica Idade do Ouro pré-industrial, e uma visão exagerada e negativa das condições e das relações sociais.

Outra objecção deriva da noção de que os romancistas, pertencentes na sua maioria à classe média, viam os seus personagens, geralmente pertencentes às classes baixas, através da lente distorcida dos seus próprios valores.⁹ Já que a maior parte dos romances era escrita para as classes médias (e pelas classes médias), os autores podiam usar de uma maior liberdade no tratamento dos seus temas, pois era pouco provável que os leitores soubessem mais sobre assunto do que eles próprios. Podiam criar personagens que partilhassem os seus próprios valores e sentimentos, apresentando outros que os não partilhassem como pertencendo a um outro mundo.

⁸ Esta é, sem dúvida, uma questão pertinente para a nossa compreensão das motivações dos romancistas sociais, nomeadamente de Elizabeth Gaskell.

⁹ O conceito de realidade derivaria não de um estudo das fontes históricas mas das suas próprias ideias do que era a experiência das classes trabalhadoras — miséria, alienação e revolta.

O perigo residia essencialmente no facto de os leitores poderem interpretar certas metáforas de forma literal¹⁰, confundindo a imaginação com a realidade. No entanto, se os romances pecavam por falta de exactidão e rigor histórico, os relatórios governamentais, as notícias de jornal e os panfletos da época, nos quais os outros se baseavam, estavam também muitas vezes afastados da realidade. Apesar de tudo, os romances escritos naquela altura constituíam um dos meios mais importantes através dos quais as "massas anónimas", por mais ficcionalizadas que estas fossem, podiam ser conhecidas pelo público em geral e assimiladas a uma consciência social cada vez mais sensível e atenta.

Os romances de preocupação social que não tratam temas sociais abertamente tendem a ser ignorados. No entanto, uma imagem dos mais desfavorecidos ou uma crítica social pode emergir tão claramente de uma obra que não aborde esse problema intencionalmente como de uma que o faça. O romance social pode mesmo tornar-se problemático se focar demasiadamente a sua atenção num problema social particular, ou numa classe particular. A "mensagem social" do romance pode, e deve, residir também noutros elementos: ideias e atitudes comunicadas menos explicitamente através da linguagem, estilo, enredo, personagens e cenas que não eram intencionalmente didácticas. Só neste sentido se pode dizer que o romance é simultaneamente uma obra de arte e um artefacto contemporâneo.¹¹

¹⁰ Um exemplo famoso era a metáfora das "duas nações", a dos ricos e a dos pobres, utilizada por romancistas como Disraeli.

¹¹ Pela mesma ordem de ideias, o historiador deve encarar os romances de menor qualidade, ou mesmo de baixa qualidade, de forma igualmente séria. Isto porque uma obra sem valor literário aparente pode ter considerável valor histórico. Especialmente na época que estamos a abordar, existiam tantas correntes intercruzadas de cultura tradicional e popular e de literatura "elevada" e "baixa" que nenhuma poderá ser verdadeiramente compreendida sem a outra. Por exemplo, *Nicholas Nickleby* de Dickens era lido do mesmo modo que o romance do género "silver fork", agradando do mesmo modo a leitores das mais variadas classes.

Sobre o assunto até aqui abordado, ver Himmelfarb, *The Idea of Poverty. England in the Early Industrial Age*, 1984, cap. XVI ("Fiction as History"), págs. 403-420.

2.2 A Formação do Público Leitor Vitoriano

O grande crescimento do número de leitores provenientes da classe média já tinha sido notado por Coleridge, no início do século XIX. Em 1800, também Wordsworth tinha previsto uma cultura popular emergindo para substituir as leituras mais "elevadas" de Shakespeare e de Milton.¹² Entre o povo e a elite instruída, uma classe amorfa crescente tinha-se tornado leitora de grandes publicações como: *Edinburgh Review*, *Quarterly Review*, *Monthly Magazine* e *New Monthly Magazine*. Os escritores tinham começado a reconhecer que o público pertencente à classe média se tinha tornado consciente do seu poder cultural hegemónico, e que eles próprios tinham de se institucionalizar para poderem sobreviver. No início da década de 1820, publicações periódicas semanais, como *Mirror of Literature*, *Amusement, and Instruction* ou ainda *Hive*, iriam inundar as livrarias e as salas de leitura inglesas com perto de 50 mil exemplares. Produzindo as suas próprias estratégias interpretativas, os escritores da classe média transmitiram aos seus leitores um novo poder através da leitura.

As publicações mais importantes conseguiram juntar um público entre cinco e quinze mil leitores cada: *Edinburgh Review* (1802), *Examiner* (1808), *Quarterly Review* (1809), *New Monthly Magazine* (1814), *Blackwood's Edinburgh Magazine* (1817), *London Magazine* (1821), *Westminster Review* (1824), *Athenaeum* (1828), *Fraser's Magazine* (1830), *Metropolitan* (1831). Os seus leitores eram principalmente elementos do alto funcionalismo público, do clero, mas também os comerciantes e os fabricantes mais ricos, a pequena nobreza, e as classes profissionais mais bem sucedidas. Mesmo se um grupo de trabalhadores se tivesse juntado para comprar um exemplar (que custava entre dois e seis *shillings*) — partindo do princípio que eles

¹² Sobre a resposta daqueles poetas à nova situação literária, ver J. P. Klancher, *The Making of English Reading Audiences, 1790-1832*, 1987, Cap. 2.

pudessem estar minimamente interessados no que essas publicações insinuavam sobre eles — tal leitura ter-lhes-ia custado o salário de um dia inteiro.

Além dos escritos religiosos e dos sermões¹³, havia escritores leigos que se debruçavam sobre questões domésticas, e que tiveram um papel fundamental no estabelecimento dos códigos sociais que influenciaram as atitudes de 'decoro' e 'decência' da classe média; é o caso de William Cowper e de Hannah More. De tal modo, que ler e escrever podiam constituir atributos perigosos, particularmente para as mulheres. No entanto, a leitura teve um papel extremamente importante na vida da classe média, principalmente nas cidades. Grupos de discussão, baseados na leitura, eram uma característica comum e tinham muitas vezes lugar no próprio círculo familiar. Por um lado, o protestantismo tinha alertado para a importância da leitura e do pensamento individuais, por outro, foi crescendo o interesse na literatura secular: sobretudo jornais e romances.¹⁴

Sem dúvida que a visão de uma vasta audiência comercial já tinha sido inspirada por W. Cobbett e os escritores radicais como Wooler, Wade, Carlile, e Hone, cujos animados jornais políticos juntaram grandes grupos de leitores entre 1816 e 1820. Mas a tendência era cada vez mais a dos jornais de "massas", que não pretendiam apresentar nenhum tipo de discurso empenhado mas apenas fornecer antologias, como "The History of Manufacture of Writing Paper", "The Adventures of Michael Doherty, Soldier of Misfortune", e outras, baseadas em certos estereótipos. Os ladrões de rua, os capitães da indústria, as prostitutas, os vendedores, eram corporizações humanas da lei prevalecente da oferta e da procura. Surgiam, então, noções como a humanidade intrínseca das massas, a seu relacionamento romântico, e a sua inesgotável fonte de bondade. Este tipo de publicação tinha também professado a sua fascinação pelo poder dos meios mecânicos e do desenvolvimento industrial; o escritor celebrava agora a cidade vitoriosa, por oposição à atitude de Cobbett que

¹³ O clero estava na vanguarda da formulação de regras do comportamento masculino e feminino.

¹⁴ Ver Davidoff e Hall, *Family Fortunes. Men and Women of the English Middle Class, 1780-1850*, 1987, Cap.3 (sobretudo "Middle-class readers and writers").

defendia a comunidade rural. Os leitores da classe trabalhadora passaram também a constituir o novo objectivo desta imprensa (por exemplo, o *Chambers' Journal* de William Chambers). Por todas estas razões, a imprensa de massas se pôde tornar, na década de 1830, no instrumento de oposição a todas as tentativas de mudança da ordem social (corporizadas sobretudo num movimento radical em expansão, o Cartismo).¹⁵

Em termos ficcionais, as publicações incluíam vários géneros à escolha do leitor. Por exemplo, o romance "doméstico" era bastante casto, embora os personagens não fossem propriamente 'classe média' mas pertencentes a uma classe amorfa, que parecia levar uma vida quase irreal, num ambiente pastoral. Outro tipo era o romance "exortatório", mais austero, que preconizava as virtudes do trabalho árduo, da limpeza, e do auto-aperfeiçoamento. Em contraste, existiam outros géneros (como os romances designados "Newgate" e "Gothic") que chegaram mesmo a influenciar o romance social, através da inclusão neste de cenas de morte violenta ou de terror. As outras formas de literatura florescentes durante as décadas de 30 e de 40, incluíam os "broadsheets" (folhas de papel impressas só de um lado), com descrições de mortes, incêndios, ou enforcamentos, e os "penny dreadfuls" (séries de terror ilustradas). Nas próprias livrarias Cartistas era comum encontrar-se, juntamente com jornais radicais e as obras de T. Paine, publicações como as "Flash Songsters", as "Tales of Horror" e os romances franceses chamados "milksoy' romances". A própria ficção escrita pelos Cartistas seguia os modelos familiares: além de histórias 'exortatórias' das virtudes da sobriedade, diligência, prudência, e auto-ajuda, abundavam as histórias românticas, que mostravam não só sentimentos de piedade em relação aos pobres, mas também cenas de sedução e intrigas sobre herdeiros perdidos. Por vezes, o melodrama era tão esmagador que pouco espaço restava para o tema de protesto social.¹⁶

¹⁵ Ver Klancher, *The Making of English Reading Audiences, 1790-1832*, 1987, Capítulos 2 e 3.

¹⁶ Ernest Jones, por exemplo, no seu *Woman's Wrongs*, introduziu todos os temas sensacionalistas da época (o vilão, a morte violenta, o enforcamento, a sedução e a prostituição), quando pretendia expor as iniquidades do sistema social inglês.

Os romances mais "respeitáveis" apareciam geralmente em publicações mensais, tais como *Fraser's Magazine* e *Blackwood's*; a meia coroa cada, estes periódicos eram comprados principalmente pelas classes médias. Para as classes trabalhadoras existiam incontáveis semanários do tipo sensacionalista (*London Journal*, *Lloyd's Penny Weekly Miscellany*, *Reynolds's Miscellany*), assim como os mais respeitáveis (*Penny Magazine*, *Family Herald*, *Family Journal*, *Household Words*) que apenas custavam um 'penny' ou dois e que publicavam os romances de Dickens, Thackeray, Gaskell, e outros autores.¹⁷ Existia, assim, uma enorme procura popular de ficção entre todas as classes. Em 1840, existiam 80 jornais de baixo preço em Londres apenas; por volta de 1860, existiam 100, mais de metade dos quais eram dedicados inteiramente à ficção. É interessante constatar que tanto os romances mais sérios como os mais sensacionalistas eram publicados no mesmo formato, vendidos pelo mesmo preço no mesmo local, e comprados pelos mesmos tipos de leitores. Se o crescimento do alfabetismo teve uma influência democratizante na cultura, a sensibilidade romântica também teve, pois permeou tanto a linguagem do romance como o próprio enredo e seduziu os leitores de todas as classes.¹⁸

No entanto, havia muita gente, nomeadamente a maioria dos não-conformistas e alguns anglicanos, que se mostrava preocupada com a educação popular e a influência nefasta do romance: "A habit of reading [novels] breeds a dislike to history, and all the substantial parts of knowledge; withdraws attention from nature, and truth; and fills the mind with extravagant thoughts, and too often with criminal propensities."¹⁹ Também aqueles que apoiavam a "Marcha do Intelecto" suspeitavam da ficção. Os 'Mechanics Institutes' estavam divididos sobre a questão de aceitar, ou não, romances

¹⁷ Ver Anexos B e C.

¹⁸ Obras como *Hard Times* podiam possuir simultaneamente características da literatura mais "elevada", ou seja, gênio literário, e aspectos sentimentais e melodramáticos mais próprios do romance de menor qualidade, ou de cordel. Mas ambos os tipos de cultura faziam uso acentuado da imagem visual; isto é, no século XIX existia uma tradição bem estabelecida do romance ilustrado. Os leitores prestavam tanta atenção às ilustrações como ao próprio texto. As mais conhecidas eram as de George Cruikshank.

Sobre o assunto discutido nesta última parte, ver Himmelfar, *The Idea of Poverty*, págs.407-416.

¹⁹ James Beattie, em 1783. Citado em James, *Print and the People 1819-1851*, 1976, pág.38.

nas suas bibliotecas. Alguns periódicos mesmo, apenas aceitaram a publicação de romances de Scott, devido ao seu realismo histórico e impecável moralidade, e de Dickens, devido ao seu empenhamento social. O próprio *Northern Star* (proeminente jornal Cartista) trazia, em 1843, a opinião de um crítico que afirmava: "we think novel-reading, at its best, only an indifferent substitute for a worse occupation of time".²⁰

Por volta de 1830, já existia um público leitor da classe trabalhadora bastante numeroso. Este público recorria sobretudo às bibliotecas, pois não tinha meios de adquirir livros devido ao seu elevado preço. Estas bibliotecas faziam sobretudo parte de instituições educacionais formadas pelos próprios trabalhadores, e possuíam trabalhos de ficção, embora de baixa qualidade na sua maioria. Também podiam surgir bibliotecas nos sítios mais improváveis — em fábricas (sobretudo depois do interesse levantado pelas "tales of factory life"), casernas, esquadras e lojas. Estes sítios continham principalmente os chamados "trashy romances" das seguintes imprensas: Minerva Press, Radcliffe, e Monk Lewis School. Até 1850, podia-se requisitar jornais e livros de outros locais típicos — a taberna ("public house") ou o botequim ("coffee house") — sobretudo durante a agitação política da década de 1830. No norte, existiam os chamados "penny reading rooms", que estavam abertos durante todo o dia, e que tiveram um papel fundamental durante a agitação Cartista. No entanto, entre 1830 e 1840, a tendência da leitura passou da política à ficção; a ficção 'barata' começou a surgir depois de grande parte da classe trabalhadora ter 'abandonado' as suas aspirações políticas anteriores.²¹ Além da reedição de obras do século XVIII, a imprensa popular decidiu publicar obras escritas especificamente para o novo público da classe trabalhadora. Edward Lloyd foi a figura central nesta nova moda.²² Entretanto, a imprensa radical estava a reorientar as suas energias, também com vista

²⁰ Citado em James, 1976, pág. 38.

²¹ Alguns trabalhadores sentiram também a necessidade de se 'cultivarem' através da leitura antes de passarem propriamente às suas reivindicações.

²² Depois de ter participado na chamada "war of the unstamped press", começou a publicar "penny stories", entre as quais *The Calendar of Horrors*.

à ficção. Por exemplo, John Cleave publicou *The Penny Novelist and Library of Romance* (1845); H. Hetherington (conhecido Cartista) também publicou muitas peças de teatro e mesmo romances.

A literatura de massas publicada em fascículos baratos era produzida para entreter o leitor durante algumas horas, e quanto menos exigências fizesse da compreensão do trabalhador, já cansado, melhor. Mas, no início da década de 1840, surgiu um tipo mais sofisticado de periódico popular. O primeiro foi *The Family Herald*, iniciado por George Biggs em 1842, e ia de encontro aos desejos das famílias mais respeitáveis. Outra publicação de grande sucesso foi *The Family Economist... Devoted to the Moral, Physical, and Domestic Improvement of the Industrious Classes* (1848-1860), um trabalho produzido sob a alçada reformadora das classes altas. Por seu turno, C. Dickens apresentava o seu contributo para a leitura das classes baixas, através do lançamento de *Household Words* (1850-59).²³

Outro tipo de produção deu um contributo vital para a cultura da classe trabalhadora neste período: a poesia feita pelos seus próprios membros. De um modo geral, estes 'poetas' podem ser colocados na 'cauda' do movimento romântico; tendo a concepção de que o poeta escreve num estado de espírito exaltado, eles usam as palavras para exprimirem sentimentos e emoções. Em alguns casos, esta atitude levou-os mesmo a escrever poemas pseudo-filosóficos. No entanto, Ebenezer Elliott e Ernest Jones, embora fossem Cartistas, não eram propriamente poetas da classe baixa; os seus poemas têm um propósito moral explícito. Escrevendo principalmente sobre a natureza, eles usavam-na como um 'escape' às duras realidades citadinas. A poesia radical, por seu turno, funcionou como um estímulo emocional e como um meio comum de expressão de ideais, para os movimentos radicais. Outra influência importante foi o movimento romântico, sobretudo a popularidade de Shelley, Byron, e dos primeiros trabalhos de Southey; poemas como *Queen Mab*, ou *A Vision of*

²³ Foi através desta publicação que Elizabeth Gaskell conseguiu fazer chegar as suas obras a um público vasto, que incluía também os trabalhadores de uma forma geral.

Judgement, facultaram precedentes para a expressão da luta de classes em termos visionários.²⁴ Ebenezer Elliott²⁵, por exemplo, dá uma imagem do trabalhador na transição para a idade industrial, exprimindo uma profunda insatisfação espiritual com os resultados da revolução industrial.²⁶

²⁴ Talvez o melhor trabalho deste género seja *The Purgatory of Suicides* de Thomas Cooper, um dos poemas Cartistas que ele, e outros, escreveram para alegrar os tempos passados na prisão. Ele descreve os poderes triunfantes como sendo o amor 'que tudo perdoa' e o auto-desenvolvimento intelectual.

²⁵ Os seus melhores poemas, "The Village Patriarch", "The Ranter", e "The Splendid Village", exprimem a tragédia do desaparecimento da Inglaterra rural, e a pobreza espiritual de vidas vividas apenas para o lucro comercial.

²⁶ Sobre este assunto, ver Louis James, *Fiction for the Working Man. 1830-50*, 1973, Cap. 2 e Apêndix I. Ver ainda David Vincent, *Literacy and Popular Culture. England 1750-1914*, 1993, Cap. 6 ("Imagination").

O CONTEXTO DA INGLATERRA (1830-1860)

3.1 A Situação Sócio-Económica

The contrasts of this great country are ... appalling; Dives and Lazarus elbow each other in our crowded thoroughfares by day; by night, the unsurpassed luxury and the unsurpassable misery lie down side by side, separated only by the thickness of a brick¹

Esta imagem tornou-se num tema frequente do discurso sócio-político e da ficção dos meados do século XIX. Embora os vitorianos acreditassem firmemente no progresso físico, moral e intelectual do seu país, não podiam deixar de se sentir chocados com as imagens paralelas de profunda destituição. 'L'Ami du Peuple' descrevia as necessidades passadas pelo povo como prementes: "the country presents the astounding spectacle of being gorged with wealth ... at the same time three-fourths of the producers of that wealth are struggling with the ills of poverty, and menaced with (...) the curse of pauperism!"² Parecia, assim, que as classes mais pobres não estavam a usufruir de nenhuma das vantagens do "progresso", embora fossem as principais contribuidoras para essa riqueza.

Durante o século XVIII, a maioria do povo britânico ainda vivia no campo e da agricultura. Mas, por volta de meados do século XIX, o recenseamento geral da população mostrou que a população urbana de Inglaterra tinha ultrapassado a da zona rural. Para aumentar os seus proveitos, os proprietários de terras de toda a Grã-Bretanha tinham cercado as pastagens comuns e expropriado os pequenos arrendatários. Este processo eliminou todas as formas de agricultura auto-suficiente, reduzindo mais de metade da população rural, de um estado de conforto e independência relativos, a um estado de destituição e indigência. A maioria destes camponeses, agora sem terra, afluía aos centros urbanos à procura de trabalho nas

¹ P. L. Macdougall, *Emigration: Its Advantages to Great Britain and her Colonies* (London: T. & W. Boone, 1848). Citado em Williams, *The Rich Man and the Diseased Poor in Early Victorian Literature*, 1987, pág. 1.

² "The Rich and the Poor", *Red Republican*, 28 de Setembro de 1850, pág. 115. Citado em Williams, 1987, *op. cit.*, pág. 2.

fábricas e oficinas. Assim, as vilas e cidades industriais expandiram-se rapidamente; entre 1821 e 1831, por exemplo, a população de Manchester e de Salford aumentou 47%, e a de Bradford 78%. Não estavam, no entanto, preparadas para receber os novos residentes: tinham falta de habitação e de saneamento condignos, estavam sobrelotadas, sofriam de desemprego periódico, e os salários baixos contrastavam com os preços demasiados elevados.³

Na indústria, a contratação de famílias inteiras tornou-se frequente; isto porque o desenvolvimento mecânico da indústria (sobretudo com a introdução da máquina a vapor) tornou os ofícios tradicionais daquelas gentes obsoletos e o produto do seu trabalho de reduzido valor comercial. À medida que esta população se encaminhou para as zonas industriais das Midlands e do Norte, as suas fileiras foram engrossadas pelos imigrantes irlandeses e escoceses que tinham fugido à fome e à miséria, agravando, assim, a situação dos centros urbanos. Crianças e adultos de ambos os sexos eram empregados nas fábricas, onde por vezes crianças de três ou quatro anos de idade eram admitidas. Os pais eram frequentemente forçados a isso, devido a dificuldades económicas extremas; ou se encontravam desempregados, e lhes era recusada assistência social por terem filhos que podiam trabalhar; ou o trabalho lhes era mesmo recusado se não levassem os filhos com eles. Uma das consequências deste sistema era a redução dos salários dos adultos, e a desvalorização do seu trabalho (já para não falar dos seus efeitos sobre as crianças).⁴

As condições de trabalho nas fábricas eram, de um modo geral, bastante precárias, sobretudo para mulheres e crianças. As horas de trabalho diário podiam ir de doze (horário normal) a dezanove (nos períodos de maior actividade). Uma disciplina rígida era praticada de igual modo sobre adultos e crianças; os castigos físicos e a redução dos salários eram comuns, e por vezes exagerados em face da insignificância das infracções (chegar cinco minutos atrasado, abrir uma janela, assobiar, lavar-se, ou mesmo beber). Dada a quase total falta de segurança no local de

³ Ver Williams, 1987, *op. cit.*, págs. 6-7.

⁴ Ver Gregg, *A Social and Economic History of Britain 1760-1980*, 1982, págs. 120-124.

trabalho, e ainda o estado de exaustão em que os operários invariavelmente se encontravam, os acidentes resultantes do contacto com as máquinas, sem uma protecção, eram assustadoramente comuns. Para além de tudo isto, os operários apresentavam-se frequentemente subnutridos e desidratados, a maior parte das vezes forçados a viver em bairros onde a sujidade e a doença imperavam.⁵ Deste modo, a taxa de mortalidade (calculada em função de 1000 pessoas), entre 1831 e 1840, assumiu índices nunca antes vistos, sobretudo nas cidades de Birmingham (de 14,6 para 27,2), Bristol (de 16,9 para 31), Liverpool (de 21 para 34,8), Manchester (de 30,2 para 33,8), e Glasgow (1 em 26 pessoas).⁶

A falta de uma vida familiar condigna, a atmosfera prisional da fábrica, e as condições insalubres da cidade, assim como as longas horas de trabalho e os maus tratos dados a crianças, despertaram a atenção e a indignação de alguns quadrantes da sociedade inglesa. A reforma do sistema fabril foi, no entanto, efectuada de forma lenta e 'dolorosa'. O seu principal objectivo era a redução do número de horas de trabalho, assim como a melhoria das condições em que ele era feito; a questão da melhoria dos salários estava a ser abordada pelas sucessivas greves do período. O movimento reformista começou pelas fábricas de algodão, levando quase cinquenta anos a atingir o seu objectivo final do dia de trabalho de dez horas (daí o seu nome, "Ten Hour Movement"); só em 1861 é que todos os ramos da indústria foram abrangidos. Os principais activistas do movimento eram provenientes das mais variadas facções: eram industriais conscienciosos, membros da igreja anglicana e da religião evangélica, proprietários rurais conservadores ('Tory'), e ainda trabalhadores adultos organizados em "Short-time Committees".⁷

⁵ A tuberculose era a doença mais prevalente neste período, responsável por um terço do total das mortes. No entanto, os surtos de epidemias, que afectaram a nação por três vezes entre 1830 e 1850, incluíram a gripe, a cólera, o tifo, a febre tifóide, e a escarlatina, provocando um alarme enorme na população.

⁶ Sobre estas taxas de mortalidade ver Williams, 1987, *op. cit.*, pág. 7.

⁷ Alguns nomes proeminentes nesta agitação foram: John Doherty (dirigente sindicalista), Robert Owen (futuro cooperativista), John Fielden (fiandeiro, e depois fabricante, radical), Richard Oastler (agente de venda de propriedades e 'Tory'), John R. Stephens (clérigo 'Tory' e Cartista), e Michael Sadler (membro do Parlamento, 'Tory', banqueiro, e Evangélico).

Ver Gregg, 1982, *op. cit.*, págs. 124-126.

A legislação fabril proposta antes da década de 1830, incluindo "The Health and Morals of Apprentices Act" de 1802 e "The Factory Act" de 1819, permaneceu largamente inoperante. A primeira tinha uma aplicação limitada, e a segunda, proibindo o trabalho de crianças com idade inferior a 9 anos, não era cumprida por falta de uma inspecção adequada. Entre 1820 e 1830, outras propostas de lei se seguiram, mas sem resultados práticos. Em 1831, Sadler introduziu uma "Ten Hours Bill" na Câmara dos Comuns; então, um "Select Committee" foi nomeado para examinar toda a questão das condições fabris; muitos operários puderam, assim, contar as histórias das suas vidas atribuladas e das deformações físicas a que estavam sujeitos. Como entretanto se deu a agitação em torno da "Reform Bill" (1832), Lord Ashley⁸ só pôde apresentar a "Ten Hours Bill" novamente em 1833. Mas o novo governo 'Whig' mostrou-se hostil à proposta; assim, baseado na filosofia utilitarista de Bentham, resolveu introduzir o seu próprio "Factory Act", em 1833. Esta lei propunha-se alargar o seu âmbito a todas as indústrias têxteis, e contratar a tempo inteiro inspectores que fariam cumprir a lei; proibía ainda o trabalho nocturno a todos os operários com idade inferior a dezoito anos. No entanto, a redução do número de horas de trabalho diário só foi aplicada a crianças com idade inferior a treze anos, mantendo os restantes a trabalhar quinze e dezasseis horas diárias.⁹

Entretanto, o movimento de reforma fabril ligou-se ao entusiasmo gerado pelo "Grand National Consolidated Trades Union" de Owen, que juntamente com Fielden tinha apelado à realização de uma greve por uma semana de trabalho de quarenta e oito horas. Aquele movimento foi, assim, abrangido pelo desespero que se seguiu ao ao progressivo abandono dos ofícios tradicionais e ao colapso do "Grand National" em 1833. Seguiram-se os anos de depressão económica, e a agitação política levada a cabo pelo Cartismo e por aqueles que pretendiam uma reforma parlamentar eficaz. Deste modo, só em 1844 é que Ashley voltou a apresentar a antiga proposta de lei,

⁸ Anthony Ashley, Earl de Shaftesbury, proprietário rural 'Tory' e clérigo evangélico. Substituiu Sadler como porta-voz dos "Short-time Committees".

⁹ Ver P. Gregg, 1982, *op. cit.*, págs. 126-129.

sendo novamente derrotado. O governo decidiu, então, introduzir uma redução para doze horas no horário de trabalho das mulheres, e tornar obrigatória a vedação da maquinaria para prevenir os acidentes, assim como ordenar a instalação de escolas nas fábricas. Só em Maio de 1847 é que foi introduzida a cláusula das dez horas, e apenas para as mulheres e os operários mais jovens. No entanto, os industriais menos escrupulosos e mais gananciosos, que nas suas vidas privadas eram pais estremosos e bons maridos, assim como cristãos devotos, resistiram sempre a qualquer tipo de reforma.¹⁰

Por volta de 1840, a maior parte dos dezasseis milhões de habitantes de Inglaterra e do País de Gales vivia em áreas onde a "Poor Law", recentemente modificada, estava em vigor, facultando 'asilos' para os mais destituídos. Esta lei, "Poor Law Amendment Act", introduzida em 1834, ensombrou a vida de milhares de pessoas.¹¹ Na verdade, não passava de uma medida dura, destinada a inspirar medo aos mais preguiçosos e imprevidentes, embora muitas vezes fosse amenizada por um certo paternalismo e caridade cristã. Os seus autores pretendiam colocar fora de circulação todos aqueles que não tinham meios de subsistência, ou se recusavam a trabalhar, negando-lhes toda e qualquer assistência exterior, e obrigando-os a entrar para um asilo ('workhouse'). Era essencial que a vida que eles lá levassem fosse suficientemente desagradável para que as condições do trabalhador rural ou do operário fabril lhes parecessem agradáveis, em comparação. Deste modo, não era para admirar que a maioria dos pobres preferisse muitas vezes passar fome e frio, a ter de recorrer a tal instituição.¹²

¹⁰ De facto, antes de 1850, ninguém exigiu directamente um dia de trabalho de dez horas para os trabalhadores adultos do sexo masculino. Além disso, as condições de trabalho noutras indústrias, como por exemplo as de estampagem, as de fabrico de rendas e meias, e as de fabrico de papel, vidro, metal e tabaco, não tinham sido contempladas. Podiam ainda encontrar-se crianças de três e quatro anos de idade a trabalhar durante tanto tempo como os adultos. Os locais de trabalho eram muitas vezes desprovidos de drenagem, ventilação e regulação de temperatura.

Sobre a reforma das condições e do horário de trabalho, ver Gregg, em *A Social and Economic History of Britain 1760-1980*, 1982, págs. 120-138.

¹¹ Ver Anexo D.

¹² Ver Chesney, *The Victorian Underworld*, 1976, págs. 17-18.

Nestas "workhouses", homens, mulheres, e crianças viviam e trabalhavam rigidamente separados uns dos outros; mesmo que famílias inteiras a elas tivessem recorrido nos tempos mais difíceis, os seus elementos estavam proibidos de comunicar entre si. Quanto à dieta alimentar praticada nestas instituições, a sua quantidade, já para não falar da sua qualidade, deixava muito a desejar. Em muitos casos, os pobres tinham direito apenas a uma refeição diária; e esta era constituída unicamente por um caldo de trigo ou aveia, pão seco ou batatas. As actividades obrigatórias incluíam tarefas tão incongruentes como partir pedra, apanhar estopa, e moer ossos, que podiam ser igualmente usadas como castigo. Embora as crianças tivessem o benefício de uma escolaridade elementar, os professores 'contratados' não eram minimamente qualificados e usavam frequentemente de uma violência brutal.¹³

A influência dos 'Benthamitas'¹⁴ foi determinante na concretização destas medidas, levadas a cabo pelos comissários Edwin Chadwick e Nassau Senior — centralização, uniformidade, e uma justiça severa eram os pontos fundamentais; estavam de acordo com o espírito da época, em que religião, economia e filosofia política se misturavam. Nessa altura, o governo não se lembrou de ordenar um inquérito suplementar sobre as causas do desemprego e da pobreza, que faziam com que a assistência fosse necessária. Os agentes desta nova lei estavam plenamente convencidos de que a miséria era principalmente resultante da indolência e da imprevidência características das classes baixas. Embora os condados agrícolas, onde a pobreza total imperava, não tivessem manifestado uma grande resistência à sua introdução, as populações do norte de Inglaterra condenaram a medida e revoltaram-se mesmo contra a construção das "Bastilles".¹⁵

¹³ Ver Chesney, 1976, *op. cit.*, págs. 18-21.

¹⁴ Seguidores de Jeremy Bentham (1748-1832), filósofo fundador do "utilitarismo", que acreditava que a sociedade deveria ser regida por regras económicas, de modo a contribuir para "a maior felicidade do maior número".

¹⁵ Estes edifícios foram assim designados por simbolizarem medidas de repressão por parte do governo; o povo inglês demonstrava, assim, que não se tinha esquecido do símbolo do derrube da Bastilha durante a Revolução Francesa.

Por volta de 1836, a crise económica tinha voltado a instalar-se, e o desemprego tinha aumentado consideravelmente. Os tecelões manuais e os fabricantes manuais de meias ('stockingers') foram imediatamente atingidos, pois os seus ofícios já não lhes davam para viver. Assim, a perspectiva de ter de recorrer à "workhouse" era particularmente detestável para artesãos habituados a uma independência e uma prosperidade tradicionais. Compreende-se que tenham sido principalmente estes trabalhadores a contribuir para o que foi quase uma revolução no norte de Inglaterra. A liderança deste protesto foi assumida por William Cobbett (membro do Parlamento, por Oldham), mas também por Fielden, Oastler e Stephens. Em certa medida, foi este forte ressentimento contra a "New Poor Law", e não tanto a luta pela reforma fabril, que preparou o caminho para o movimento Cartista, no qual Oastler e Stephens foram mais uma vez figuras proeminentes. De facto, as reuniões por eles organizadas recrutaram para o movimento Cartista muitos homens e mulheres revoltados com a nova lei. Para Stephens, aquela era "the law of devils"; e incitava a população com discursos inflamados: "If the cottage is not permitted to be the abode of man and wife, and if the smiling infant is to be dragged from a father's arms and a mother's bosom, it is because these hell-hounds of commissioners have set up the command of their master the devil, against our God."¹⁶

Apesar dos esforços reformistas do governo (já tinha feito passar três leis: "Factory Act", "Poor Law Amendment Act", e "Municipal Corporations Act"¹⁷), existia uma falta escandalosa de serviços de saúde públicos. As câmaras municipais das várias regiões pouco podiam fazer sem uma lei local que contemplasse todos os serviços sanitários e de saúde. Alarmados pela disseminação de doenças, como a cólera, responsáveis governamentais ordenaram inquéritos sobre as suas causas; surgiram, então, o *Report of the Health of Towns Committee* (1840) e o *Report on an Inquiry into the Sanitary Condition of the Labouring Population of Great Britain*

¹⁶ Mark Hovell, em *The Chartist Movement*, págs. 81-83. Citado em Gregg, *op. cit.*, págs. 190-191.

¹⁷ Esta lei foi passada em 1835, e era dirigida à reforma do governo local de Inglaterra e de Gales, pretendendo atingir uma certa uniformidade, democracia e eficiência.

(1842). Estes "Blue Books" revelaram uma terrível realidade: Enquanto a Grã-Bretanha liderava o mundo no que respeitava ao desenvolvimento industrial, a maioria do seu povo vivia sob condições desumanas.

A esperança de vida da população estava directamente relacionada com um grande número de factores, que reflectiam as grandes diferenças existentes entre as várias classes sociais na Inglaterra: os mais ricos tinham acesso a uma boa alimentação, a uma habitação confortável e com boas condições sanitárias, tinham empregados para todo o serviço e tempo para se divertirem e instruírem; ao passo que os mais pobres não ganhavam o suficiente para se alimentarem, eram forçados a viver em zonas urbanas apinhadas, sem saneamento básico nem água potável¹⁸, e o pouco tempo livre de que dispunham era passado geralmente na taberna.

Mas, as más condições físicas de vida podiam também fazer nascer maus hábitos morais entre a população. Não só a embriaguez, como também o crime, o adultério, o incesto e a prostituição, constituíam as verdadeiras 'doenças' da imoralidade. O próprio Edwin Chadwick relacionava explicitamente a insubordinação dos pobres com a degradação moral a que estavam sujeitos; aqueles que serviam como 'instrumentos' do descontentamento político, segundo ele, estavam moralmente 'doentes'.¹⁹ Deste modo, (e em virtude do medo que as classes médias e altas sentiam, não só da contaminação de doenças, mas também da proliferação do radicalismo político), tornou-se cada vez mais urgente para o governo que medidas fossem tomadas a curto prazo. Uma comissão especial foi constituída ("the Health of Towns Commission") em 1844-45, mas só mais tarde é que uma legislação eficaz surgiu ("the Public Health Act"), em 1848. Infelizmente, esta lei era permissiva e não compulsiva; uma autoridade local poderia ou não adoptá-la, conforme estivesse ou não a isso disposta.

¹⁸ Os males da sobrelotação das zonas industriais tornaram-se mais agudos com o tempo. Por volta de 1840, perto de 15 mil pessoas em Manchester viviam em caves; e em Liverpool 39 mil pessoas viviam em 7800 caves; famílias inteiras chegavam a viver apenas num pequeno quarto. As ruas não estavam pavimentadas, e os dejectos eram atirados para lá, tornando o ar irrespirável de tão pestilento. As pessoas tinham que se deslocar a longas distâncias para buscar água e esperar em filas intermináveis; assim, água imprópria para consumo era muitas vezes utilizada para beber e cozinhar.

¹⁹ Sobre este assunto em particular, ver a obra de Williams, *op. cit.*, págs. 77-101.

Em termos práticos, a nova lei acabou, assim, por não surtir grandes efeitos; os males de base permaneceram, apenas atenuados pela hipocrisia 'reformista'.²⁰

3.2 A Situação Cultural — Uma Tradição Filosófica Vitoriana

O período vitoriano tem sido caracterizado invariavelmente como a idade da democracia, da indústria ou da ciência, da seriedade e do optimismo. Mas, a ideia que os próprios vitorianos têm é a de uma era de transição. Por exemplo, em 1831, John Stuart Mill achou que aquela era a característica principal do seu tempo, "mankind have outgrown old institutions and old doctrines, and have not yet acquired new ones".²¹ Para Mill e para os vitorianos, o passado não era propriamente o período Romântico (ou o século XVIII), mas sim a Idade Média; o velho sistema europeu de ideias e factos dominantes dissolvia-se no século XIX. A partir de 1830, em Inglaterra, as pessoas começaram a verificar que viviam numa idade de mudanças radicais; costumes e instituições ancestrais desmoronavam-se. Para pensadores como Carlyle, Ruskin e Thomas Arnold, este era o período em que o feudalismo da sociedade inglesa se encontrava moribundo. As tendências de uma idade de transição — "destruição" e "construção" — eram visíveis por volta de 1830.

A ordem agrária e feudal tinha sido substituída pela "democracia" e pela sociedade industrial. Mas, embora o progressivo desaparecimento da velha noção de 'status' devesse algo às novas ideias democráticas, a sua principal causa foi de ordem económica — o desenvolvimento do comércio. Os banqueiros e industriais que assumiram o poder político através da legislação revolucionária de 1828-1835²², deveram a sua vitória ao poder financeiro que adquiriram durante a Revolução

²⁰ Sobre a reforma do sistema sanitário e de saúde, abordada até aqui, ver Gregg, *op. cit.*, ("Public Health"), págs. 192-204.

²¹ *The Spirit of the Age*, 1831, pág. 6. Citado por Houghton, *The Victorian Frame of Mind, 1830-1870*, 1985, pág. 1.

²² Nomeadamente a revogação ou anulação dos "Test and Corporation Acts", o "Municipal Reform Act", e acima de tudo, a "Reform Bill".

Industrial. Uma vez que a classe média atingiu a eminência política e financeira, a sua influência social tornou-se decisiva. O novo princípio do "laissez-faire", através do qual o industrial comprava os seus materiais no mercado mais barato e os vendia no mais caro, (e, ao mesmo tempo, contratava a sua mão de obra pelos salários mais baixos) revolucionou a vida económica inglesa. O novo liberalismo, por oposição ao velho conservadorismo, fez com que fosse possível subir no mundo através dos próprios esforços individuais.

O que é que terá correspondido, no mundo intelectual, ao estabelecimento da sociedade burguesa industrial? Poder-se-ia afirmar que 'nada'. Esta era ainda uma idade de velhas fórmulas e opiniões, em que a nova geração se questionava sobre problemas morais e intelectuais.²³ Todas as teorias, incluindo as da moralidade, pareciam inseguras; e não era apenas na religião e na ética que uma série de alternativas gerava a dúvida; a lista infindável de novas associações e novos "ismos" é disso testemunha.²⁴ Assim, os benefícios da propriedade privada, do "laissez-faire", e da competição desenfreada, foram, de uma forma ou de outra, postos em causa por homens como R. Owen²⁵ e J. S. Mill, Carlyle e Ruskin, pelos Cartistas e pelos Socialistas-Cristãos. Os vitorianos começaram a ver que a solidez da economia política podia ser também limitada e temporária. Profeta atrás de profeta avançava com o seu programa de reconstrução da sociedade, criando um clima propício à difusão da opinião pública. Esta era, por sua vez, complementada pelo aumento do conhecimento científico e histórico, que deixou os vitorianos 'esmagados' e confusos.²⁶ Esta anarquia intelectual tornou-se, assim, a par da dúvida generalizada sobre a natureza do homem, da sociedade e do universo, na característica fundamental desta época.²⁷

²³ São disso exemplo, os ensaios de Macaulay e de Carlyle, e os romances de Sterling e Maurice.

²⁴ Existiam "Bible Societies", "Tract Societies", e outras; assim como novas correntes político-filosóficas: o Puseyismo, o Socialismo, o Cartismo, o Benthamismo, etc.

²⁵ Owen foi sobretudo um filantropo, assim como um 'Romântico social'. Peregrinos idealistas dirigiram-se a New Lanark para ver a fábrica onde ele aplicou a sua nova teoria cooperativista de emprego.

²⁶ As descobertas de Charles Darwin sobre a origem das espécies, são disso exemplo.

²⁷ Ver Houghton, 1985, *op. cit.*, págs. 1-23.

Apesar de tudo, os vitorianos acreditavam na ideia de progresso, ou seja, que através do controle do meio-ambiente, a vida humana poderia ser largamente melhorada. Para os filósofos do utilitarismo, como Bentham e James Mill, aquele implicava um governo representativo liberal, a melhoria da condição moral e intelectual da humanidade através da educação, e o domínio da natureza através do desenvolvimento tecnológico e industrial.²⁸ Para outros (uma minoria), como Thomas Carlyle (mais influenciado pelas especulações metafísicas dos filósofos alemães, como Kant), o progresso era concebido como a realização gradual de certos ideais, um desenrolar progressivo das capacidades da humanidade até atingir a Justiça; uma fé: "the progress of man towards higher and nobler developments of whatever is highest and noblest in him..."²⁹. Segundo ele, aquela era uma idade de transição para uma outra mais grandiosa.³⁰ Assim, esta distinção entre uma interpretação científica e outra idealista misturava-se na mente de muitos vitorianos.

Enquanto entre os Cartistas, e os radicais dos anos quarenta que os apoiaram, o sonho de uma verdadeira democracia voltava a exercer a sua velha promessa de uma idade 'dourada', fora da classe trabalhadora poucos vitorianos eram democratas e ainda menos de entre eles acreditavam na igualdade social. A sociedade vitoriana, particularmente até 1850, estava atravessada, desde o seu topo até à sua base, pelo receio de uma conflagração violenta das massas populares que pudesse derrubar a ordem estabelecida e confiscar a propriedade privada. A nota de aviso presente nas *Reflections on the Revolution in France* (1790) de Burke, ecoava através dos *Colloquies on the Progress and Prospects of Society* (1829) de Southey, e soava em tons de horror através da literatura dos anos quarenta e de *French Revolution* (1837) de Carlyle. Esta atitude era, sem dúvida, reforçada pela disseminação de propaganda

²⁸ A filosofia utilitarista dominou a cena cultural inglesa sobretudo de 1820 a 1830.

²⁹ Carlyle, "Characteristics", 1831. Citado por Houghton, 1985, *op. cit.*, pág. 29.

³⁰ Esta parece ser a mensagem que transparece em "Signs of the Times" (1829), "Characteristics" (1831), e *Sartor Resartus* (1833).

radical (política e religiosa) entre as classes trabalhadoras.³¹ Além disso, teorias socialistas específicas, derivadas de Godwin, Owen, e Thomas Spence, estavam a fazer certas incursões no programa radical. Embora as exigências dos Cartistas fossem inteiramente políticas (pretendiam a extensão do direito de voto), existiam entre eles certas intenções 'esquerdistas' de acabar com todos os monopólios existentes.³² De qualquer modo, os medos não eram infundados, pois o Cartismo foi uma força potente em Inglaterra durante pelo menos dez anos.

Outra fonte de alarme era o declínio do Cristianismo e o aumento do ateísmo. Para os vitorianos, qualquer colapso da fé implicaria a destruição da moralidade, e, sem esta, a sociedade desintegrar-se-ia. Se valores cristãos como o dever, a obediência, a paciência no sofrimento, e o amor fraternal fossem renunciados, a propriedade privada e o Estado seriam os primeiros a sofrer. Isto explica porque é que o declínio da fé entre os membros da classe trabalhadora fazia redobrar o medo de uma revolução. O carácter céptico do pensamento radical (explícito na obra de Paine, Shelley, e dos primeiros livres pensadores), o preconceito contra a Igreja devido à aderência do clero às classes dirigentes, e sobretudo o sentimento de incompatibilidade do sofrimento com a existência de um Deus justo e misericordioso, contribuíram decisivamente para esse estado de coisas.³³ De tal modo que, quando o censo religioso de 1851 foi feito, menos de uma pessoa em dez frequentava a igreja nas zonas industriais de Birmingham, Liverpool, Manchester, Sheffield e Newcastle.³⁴

³¹ Os dois livros mais influentes, *Rights of Man* e *The Age of Reason* de Thomas Paine, com a sua defesa da democracia e do deísmo, tinham conotações consideradas perigosas para as classes dirigentes.

³² Os monopólios eram essencialmente os seguintes: títulos e acções, maquinaria, terras, a imprensa pública, a religião, e os meios de transporte.

³³ No entanto, por volta de 1830 deu-se também uma reacção religiosa contra o crescimento do liberalismo e a convivência da Igreja Oficial. São disso exemplo, o Movimento de Oxford, o Evangelismo, e o Metodismo. Também dentro do movimento Cartista existia uma certa predominância de idealismo moral e religiosidade. Líderes como Lovett, Vincent e Hetherington mostravam grandes preocupações morais. O próprio Reverendo Joseph Rayner Stephens de Lancashire fazia uso da Bíblia para transmitir as suas ideias revolucionárias. Existiam, ainda, o "Christian Chartism", o "abstinent Chartism" e o "educational Chartism".

³⁴ Ver Asa Briggs, *Victorian Cities*, 1977, Cap. 2 ("City and Society: Victorian Attitudes"), pág. 63.

Sobre o assunto abordado nos três últimos parágrafos, ver ainda W. E. Houghton, 1985, *op. cit.*, Capítulos 2 e 3 ("Optimism" e "Anxiety"), págs. 27-60.

A cidade moderna era a criação e o símbolo da sociedade liberal e industrial. Quando os laços que tinham ligado os homens aos seus vizinhos na sua aldeia ancestral foram quebrados pelo êxodo para as cidades fabris, o sentido de comunidade perdeu-se para sempre. Neste novo ambiente, o gosto romântico pela natureza transformou-se numa nostalgia por um mundo perdido, de paz e camaradagem, de corpos saudáveis e mentes tranquilas. Esta imagem estava gravada na memória da maioria dos vitorianos, pois ou tinham sido criados no campo ou numa pequena cidade em contacto com o mundo rural. Só assim se poderá compreender o gosto pela poesia da natureza e a popularidade de poetas como Wordsworth. Centenas de escritores, incluindo poetas e romancistas, sentiram-se tentados a contrastar a "ordem natural" e o respeito pelos valores espirituais característicos do campo com a "desordem" anárquica e o materialismo egoísta da urbe. Existia a noção de que as cidades populosas corrompiam o ser humano; Rousseau tinha manifestado a mesma ideia no seu famoso *Émile*³⁵, assim como William Blake em "London" e Wordsworth no seu poema *Michael* ("the dissolute city").

Na verdade, a atitude em relação à Cidade no romance vitoriano é uma intensificação de uma aversão romântica³⁶, assim como a natureza é o antídoto para os males do mundo urbano.³⁷ De facto, temas e hábitos mentais românticos permeiam o romance vitoriano; e os ideais românticos são apresentados geralmente como soluções para os problemas particulares daquela sociedade. O que os escritores procuram sobretudo no Período Romântico são os cenários naturais, o encanto provinciano do passado. Além disso, os vitorianos mantêm a fé romântica na santidade das afeições do coração, no fluir espontâneo do sentimento e das emoções, e no crescimento intelectual por aquelas facultado. A crença 'wordsworthiana' na nobreza, dignidade e sabedoria do homem comum, está igualmente implícita em

³⁵ "Men are not made to be crowded together in ant-hills, but scattered over the earth to till it. The more they are massed together, the more corrupt they become." Citado em Briggs, 1977, *op. cit.*, pág. 60-61.

³⁶ Por exemplo, romances como *Alton Locke* de Kingsley e *Bleak House* de Dickens caracterizam a Cidade como um dos maiores problemas daquela época.

³⁷ Ver Dickens, *Hard Times*, Livro III, Capítulo 6.

muitas obras. Os escritores herdaram ainda o impulso romântico pela individualidade e a não conformidade³⁸, muito embora a classe média vitoriana desse mais valor à conformidade e à respeitabilidade.

No entanto, as reacções dos romancistas vitorianos ao espírito político dos Românticos ilustram bem uma certa ambivalência. Se, por um lado, os escritores vitorianos se mostravam cépticos em relação à exuberância dos ideais políticos daqueles, por outro lado, amplificavam as convicções românticas de que o escritor é um crítico da sociedade e que a literatura é um instrumento poderoso ao serviço das reformas sociais e políticas. Mas, enquanto autores românticos como Blake e Wordsworth deram ênfase à reforma da natureza humana, os reformadores vitorianos apelaram à mudança das instituições (Parlamento, processo eleitoral, Igreja, escolas e universidades, etc.). Para os romancistas vitorianos, no entanto, como para Coleridge e Shelley, a renovação da mente e do carácter do indivíduo deveria anteceder as mudanças mais significativas da sociedade. Por exemplo, em *Alton Locke*, o Cartismo e a política radical não conseguem salvar a nação; também em *Middlemarch*, a reforma da sociedade não é determinada por medidas políticas como o "Reform Act", mas pelo crescimento intelectual e espiritual das pessoas.³⁹ Assim, os romancistas vitorianos identificavam-se mais com as atitudes da década romântica anterior do que propriamente com a forma de agir e pensar da época vitoriana em que estavam inseridos.⁴⁰

Os pensadores ingleses deste período tinham a Revolução Francesa no seu subconsciente e eram, na sua maioria, pertencentes à classe média. Além de estarem conscientes de que o seu era um século de transição, partilhavam um modo de pensar

³⁸ Personagens pouco convencionais como Heathcliff em *Wuthering Heights*, Felix Holt de George Eliot, e Alton Locke de Kingsley, assim como o Capítulo Terceiro de *On Liberty* de J. S. Mill, são disso exemplo.

³⁹ De forma idêntica, como iremos ver, Elizabeth Gaskell não antevê soluções políticas para a melhoria das condições do homem e da mulher; a sua ênfase recai sobretudo na regeneração e conversão do espírito humano.

⁴⁰ Sobre este assunto, ver Edward Dramin, *Light in a Dark Place. Romanticism in the Victorian Social-Political Novel*, 1987, "Introduction", págs. vii-xviii.

Os romancistas mostravam, assim, uma predilecção vagamente reaccionária de retorno ao passado.

semelhante: tentavam reconciliar dois grandes legados, o do mundo clássico (a literatura da razão e do humanismo) e o do mundo cristão (a insistência no valor e na responsabilidade de todas as almas humanas). Por exemplo, Thomas Carlyle foi o fundador de uma nova literatura do pensamento, manifestando-se interiormente pela renovação da consciência espiritual do indivíduo e exteriormente por uma responsabilidade literária e social.⁴¹ Outro, J. S. Mill, muito influenciado inicialmente por Carlyle, procurou já por em prática as suas teorias sobre a liberdade humana, sobre a reforma do Parlamento, e ainda sobre o direito das mulheres ao voto. A sua colaboradora e futura mulher, Harriet Taylor, foi também marcante pela sua recusa em pensar ou sentir como as convenções da sua época ditavam. Poder-se-ia, igualmente, considerar outra figura, John Ruskin, inicialmente movendo-se no mundo das belas artes vitorianas, e só depois passando a abordar as questões sociais, em que antecipou formas socialistas de democracia.⁴²

Estes pensadores partilhavam da noção de que a sua tarefa era articular as necessidades de uma maioria formada pelos que trabalhavam arduamente e que não estavam representados pois não tinham acesso ao voto. Infelizmente, eles dirigiam esses apelos àqueles que se situavam acima deles na ordem social: os grandes capitalistas e latifundiários. Além desta faceta, todos estes escritores partilhavam de uma educação religiosa em que a leitura e o estudo da Bíblia eram fundamentais; considerando-se até como fazendo parte de uma elite quase 'pristina' de dirigentes do pensamento. Chegaram a especular sobre a necessidade de uma instituição voluntária que tivesse um papel espiritual e moral dentro do Estado. Para Carlyle, uma elite de escritores podia formar uma Igreja substituta⁴³; e Ruskin, nos seus últimos anos, esperava ver as organizações sindicais a desempenhar um papel semelhante. Além disso, Carlyle foi treinado para ser um clérigo Presbiteriano, o pai de Mill também foi

⁴¹ O seu pensamento social, determinante na reacção intervencionista (1830-1850), foi certamente influenciado pela sua lembrança da pobreza que viu nos bairros de lata de Edimburgo e Glasgow.

⁴² Ver Malcolm Hardman, *Six Victorian Thinkers*, 1991, págs. vi-xi.

⁴³ Assim, religião, moralidade, e idealismo metafísico convergiam: toda a reforma social tinha de ser uma reforma moral.

um clérigo, e Ruskin estava destinado à Igreja. Por seu turno, Harriet Taylor fez parte de um conjunto de mulheres pertencentes à Igreja Unitária, como Harriet Martineau e Elizabeth Gaskell, que procuraram combinar o pensamento e a prática religiosa e literária. Outro aspecto por eles partilhado era o gosto pela leitura e discussão dos autores clássicos da antiguidade, sobretudo o estudo da literatura grega, nomeadamente Platão e Sócrates; ênfase era dada ao diálogo aberto, como forma de atingir a verdade, e ainda à importância dos ideais, na sua articulação com a prática real.⁴⁴

Thomas Carlyle (1795-1881) iniciou a sua carreira como "comentador social" em 1829, com "Signs of the Times". Segundo ele, cada indivíduo deveria começar a sua própria reforma interior antes que a mudança social pudesse ser atingida; de momento não existia nada de verdadeiro na arte e na política porque não havia uma verdadeira liderança espiritual; como solução existia apenas o individualismo heróico. Outro ensaio seu, "Characteristics" (1831), apelava já à acção directa para mudar as condições de um mundo onde as Nações são ricas e os seus cidadãos são pobres, os escravos do mecanicismo; mas a solução por ele prescrita passa pela emigração e pela colonização do mundo sob a liderança de capitães de elite (cheios de energia saxónica). Em 1839, a revista "Tory", *Fraser's Magazine*, publicava um ensaio, *Chartism*, que provocou uma grande polémica nos meios políticos. Aqui, Carlyle investiu contra o princípio do "laissez-faire" (a base do livre comércio) aplicado aos camponeses pobres, contra os preconceitos sectários que impediam a alfabetização gratuita das massas populares, ao mesmo tempo que encarava a extensão do direito de voto como algo de indiferente. Talvez o ponto mais alto do pensamento social de Carlyle esteja no seu ensaio *Past and Present*⁴⁵, de 1843. Usando a forma de uma crónica medieval, este trabalho faz um diagnóstico do mundo contemporâneo, onde se conclui que os verdadeiros princípios medievais do poder espiritual, da comunidade

⁴⁴ Ver Hardman, 1991, *op. cit.*, págs. 1-14.

⁴⁵ Este ensaio é talvez o manifesto mais eficaz da reacção intervencionista. Pode ser visto como uma resposta imediata à grande depressão de 1842, um dos momentos mais 'perigosos' do período.

orgânica e da responsabilidade pessoal são indispensáveis. Vários termos foram aqui usados pela primeira vez: "Mammonism", "Cash-Nexus" e "Captains of Industry", entre outros.⁴⁶

O que é importante num pensador como Carlyle é o poder da sua resposta directa. No seu primeiro ensaio, ele descreve a sua época: "It is the Age of Machinery, in every outward and inward sense of that word ... On every hand, the living artisan is driven from his workshop, to make room for a speedier, inanimate one.", "Men are grown mechanical in head and in heart, as well as in hand. They have lost faith in individual endeavour"⁴⁷. A sua análise mais completa do mecanicismo aparece em *Sartor Resartus*, e foi aqui também que a palavra "Industrialism" foi usada e definida pela primeira vez. Escrito na véspera da crise dos "Hungry Forties", *Chartism* aborda primeiro a chamada "condition-of-England question", afirmando que: "A feeling very generally exists that the condition and disposition of the Working Classes is a rather ominous matter at present ... something ought to be said, something ought to be done, in regard to it. E acrescenta: "according to the newspapers, Chartism is extinct [...] and yet it is indeed the 'chimera' of Chartism, not the reality which has been put down. [...] Chartism means the bitter discontent grown fierce and mad".⁴⁸

"Why are the Working Classes discontented; what is their condition, economical, moral, in their houses and their hearts, [...] what do they complain of?"⁴⁹. Para Carlyle, estas são as perguntas que deviam ter sido feitas e não foram. Segundo ele, o povo inglês sente necessidade, não de mais democracia, mas de mais governo, mais ordem, mais controle social: "Surely of all 'rights of man', this right of the ignorant man to be guided by the wiser, to be, gently or forcibly, held in the true course by him, is the indisputablest."⁵⁰ Mais adiante, quando se refere ao radicalismo

⁴⁶ Ver Hardman, 1991, *op. cit.*, págs. 15-39.

⁴⁷ "Signs of the Times"; citado em Raymond Williams, (1958), *Culture and Society*, 1990, págs. 72-73.

⁴⁸ Ver T. Carlyle, 1888, *Sartor Resartus, Lectures on Heroes, Chartism, Past and Present*, págs. 2-7.

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ Ver Carlyle, 1888, *op. cit.*, pág. 33.

parlamentar, ele reitera a sua visão: "Food, shelter, due guidance, in return for his labour: candidly interpreted, Chartism and all such *isms* mean that"⁵¹ As soluções para acabar com a crise social, propostas por Carlyle aos dirigentes da sociedade inglesa, são essencialmente duas: em primeiro lugar, a educação popular (que ele descreve como "a prime necessity of man"), em segundo lugar, um plano geral de emigração (com a finalidade de reduzir a população operária).⁵²

Em *Past and Present*, Carlyle expõe de forma eloquente as deficiências do Industrialismo em contraste com certos aspectos da civilização feudal. Critica a situação dos trabalhadores nas "workhouses": "Twelve hundred thousand workers in England alone; ... lying idle ... theirs hopes, outlooks, share of this fair world, shut in by narrow walls."; e apresenta a sua visão da Inglaterra industrial: "In the midst of plethoric plenty, the people perish; with gold walls, and full barns, no man feels himself safe or satisfied."⁵³ A solução moderna de governação do país está presente no seu apelo: "... we must be governed by the Wisest, we must have an Aristocracy of Talent!", ao mesmo tempo que renega qualquer outra solução: "... in killing Kings, in passing Reform Bills, in French Revolutions, Manchester Insurrections, is found no remedy."⁵⁴ Por outro lado, Carlyle condena o materialismo do novo sistema capitalista, "Supply-and-demand is not the one Law of Nature; Cash-payment is not the sole nexus of man with man, [...] all human things require to have an Ideal in them; to have some Soul in them".⁵⁵

Enquanto que Carlyle queria as massas populares mantidas à uma certa distância pelo revivalismo da liderança aristocrática, Mill queria uma democracia moderada por salvaguardas constitucionais, sem dogmatismos e com ideias postas em prática. John Stuart Mill (1806-1873) foi criado no meio de uma das ideologias mais austeras e

⁵¹ Carlyle, 1888, *op. cit.*, pág. 54.

⁵² *Ibidem*, págs. 59-68. Na verdade, Carlyle nunca chega a desafiar verdadeiramente os valores da classe média no poder.

⁵³ *Ibidem*, págs. 74-75.

⁵⁴ *Ibidem*, págs. 93 e 178.

⁵⁵ *Ibidem*, págs. 215 e 218. Carlyle levou até às últimas consequências o "Romantismo social" que tinha estado implícito em W. Burke, Wordsworth, Coleridge, e Southey.

ambiciosas — o Utilitarismo clássico. O que ele fez foi unir essa tradição às novas preocupações do século XIX: o sentido histórico, a reverência pela natureza, o valor dado ao auto-conhecimento, um forte interesse pela liberdade humana, e uma consciência da complexidade da sociedade e das limitações humanas. Ao libertar-se dos estreitos confins do Iluminismo, Mill invocou os valores do Romantismo⁵⁶. Os seus ensaios, nomeadamente *On Liberty* (1859), *Representative Government* (1861), e *The Subjection of Women* (1869), são documentos a incluir na história desta sua emancipação, assim como expressões de uma filosofia política avançada; mas são igualmente representativos do conflito que existia dentro do pensamento liberal.⁵⁷

Em *On Liberty*, Mill trata da esfera de acção própria do estado e da sua restrição sobre a liberdade dos cidadãos; e preconiza: "the rulers should be identified with the people: ... their interest and will should be the interest and will of the nation."; deste modo, "There was no fear of its tyrannising over itself."⁵⁸. Mas Mill, por outro lado, também se mostra contra a 'tirania da maioria': "there needs protection also against the tendency of society to impose, [...], its own ideas and practices as rules of conduct on those who dissent from them"⁵⁹. O seu conceito de liberdade está relacionado, por um lado, com um prévio aperfeiçoamento humano: "Liberty, as a principle, has no application to any state of things anterior to the time when mankind have become capable of being improved by free and equal discussion.", e por outro, com uma responsabilização individual: "The only freedom which deserves the name, is that of pursuing our own good in our own way, so long as we do not attempt to deprive others of theirs,"⁶⁰. Mill tenta absorver e unificar as verdades do utilitarismo e da

⁵⁶ Embora o benthamismo prevalecesse entre a burguesia inglesa, esta tinha algumas fileiras mais idealistas. Na verdade, os valores do economicismo utilitarista iam abertamente contra a crença na espiritualidade do homem (e a própria Bíblia).

⁵⁷ Embora inicialmente Mill tivesse visto a ordem moral através de princípios utilitaristas (até 1826 aproximadamente), veio depois a sentir uma profunda insatisfação com aquela aridez mental. Começou a ler a poesia de Wordsworth, e a gostar das ideias de Coleridge. O seu pensamento económico aproximou-se da posição socialista. O progresso da vida mental de Mill reflecte, assim, a transformação da consciência nacional inglesa.

⁵⁸ Ver J. S. Mill, *Three Essays. On Liberty, Representative Government, The Subjection of Women*, (introdução de Richard Wollheim), 1989, pág. 7.

⁵⁹ *Ibidem*, pág. 9.

⁶⁰ *Ibidem*, págs. 16 e 18.

posição idealista, com base nos seus estudos de filósofos tão diferentes como Bentham e Coleridge. Tendo reconhecido o valor da reforma benthamita, ele via agora a civilização industrial como limitada, necessitando da orientação de uma classe culturalmente dotada (uma "clerisy", segundo Coleridge). O 'utilitarismo humanizado' de Mill está, assim, patente no seu esforço de reconciliação entre o controle democrático e a liberdade individual.⁶¹

Sendo Carlyle uma das maiores influências filosóficas do século XIX, e Mill uma das suas maiores influências políticas, é natural que os romancistas vitorianos tenham sido, directa ou indirectamente, influenciados pelas suas ideias e atitudes. Na verdade, tanto Dickens como Gaskell, contemporâneos daqueles filósofos, reflectiram nos seus romances as preocupações por eles denunciadas, e partilharam até de algumas soluções por eles preconizadas. Por exemplo, a epígrafe que E. Gaskell colocou no frontispício de *Mary Barton* é retirada de um ensaio de Thomas Carlyle, "Biography"⁶². O seu uso, um pouco irónico, permite-lhe reivindicar para o romancista um papel que não é apenas o de entreter o seu público, mas sobretudo o de lhe infundir algo. Aquela citação liga, assim, as preocupações sociais e literárias de E. Gaskell com as de Carlyle, que via a literatura "imaginativa" como "the grand secret wherewith all hearts labour oppressed: The significance of Man's Life"⁶³. A epígrafe reforça a intenção descrita no Prefácio a *Mary Barton*: "to give utterance on behalf of the dumb"⁶⁴.

⁶¹ Sobre este assunto ver R. Williams, 1990, *op. cit.*, ("Mill on Bentham and Coleridge"), págs. 65-84.

⁶² "'How knowest thou,' may the distressed Novel-wright exclaim, 'that I, here where I sit, am the Foolishest of existing mortals; that this my Long-ear of a fictitious Biography shall not find one and the other, into whose still longer ears it may be the means, under Providence, of instilling somewhat?' We answer, 'None knows, none can certainly know: therefore, write on, worthy Brother, even as thou canst, even as it is given thee.'" *Fraser's Magazine*, v, (Abril 1832), 253-50, pág. 255 (o sublinhado é meu).

⁶³ *Fraser's*, V, pág. 255. Citado em Easson, *Elizabeth Gaskell. The Critical Heritage*, 1991, pág. 61. Elizabeth Gaskell, *Mary Barton*, Prefácio, pág. 37-38.

PARTE II

1

Elizabeth Gaskell — Recepção e Perspectivas Críticas da sua Obra

2

O Romance Industrial — *Mary Barton* e *North and South*.

3

O Romance da "Fallen Woman" — *Mary Barton* e *Ruth*

4

A Resolução do Problema Social: As Soluções Propostas por Gaskell

ELIZABETH GASKELL
RECEPÇÃO E PERSPECTIVAS CRÍTICAS DA SUA OBRA

Elizabeth Cleghorn Stevenson, nascida em Chelsea (Londres) em 1810, era filha de William Stevenson, um sacerdote da Igreja Unitária, e de Elizabeth Holland, descendente de uma família de pequenos proprietários rurais. O pai pertencia a uma família de tradição naval, e tinha deixado o seu sacerdócio para se tornar professor particular e, mais tarde, funcionário da Companhia das Índias. Juntamente com o seu irmão mais velho, Elizabeth foi a última de oito crianças a sobreviver. A sua mãe morreu aproximadamente um ano depois do seu nascimento. Uma tia mais velha, Mrs Lumb, tomou conta dela e educou-a na pequena cidade rural de Knutsford, em Cheshire. Sandlebridge, a quinta e casa de campo dos Holland, veio a representar para Elizabeth o epítome do idílio pastoral. No entanto, o estilo de vida a que ela foi habituada era o de uma sociedade tradicional e hierárquica. Os Holland descendiam de algumas famílias Unitárias importantes e influentes e reuniam-se à volta da Capela Unitária de Brook Street. A religião foi a influência mais forte da juventude de Elizabeth, e consistia num conhecimento íntimo e pessoal da Bíblia — particularmente do Velho Testamento, na ajuda efectiva do próximo, na tolerância e na abertura de espírito, assim como na convicção do carácter divino do homem.

Depois de seu pai ter casado novamente, e do seu irmão John (doze anos mais velho) ter entrado para a marinha mercante, Elizabeth partiu para Barford em Warwickshire (1822), e depois para Stratford, para frequentar durante cinco anos um colégio interno. Em 1828, o irmão, que tinha viajado para a Índia, foi dado como desaparecido; esta súbita tragédia teve um efeito traumático nela e veio a reflectir-se na sua obra. No ano seguinte, deu-se o falecimento de seu pai; uma experiência dolorosa pois Elizabeth tinha cuidado dele durante a sua doença. Entretanto, dois familiares, seu tio (um banqueiro) e seu primo (um médico eminente), convidaram-na a visitá-los em Londres. Depois de um breve contacto com a sofisticada sociedade

londrina, Elizabeth resolveu visitar amigos de família em Newcastle, onde conviveu com o Reverendo William Turner e sua filha Anne, num ambiente intelectual e filantrópico. Foi nessa altura que ela conheceu, numa visita a Manchester, William Gaskell, com quem acabou por casar, em 1832.

Filho de um industrial de Warrington, W. Gaskell tinha-se licenciado na Universidade de Glasgow e estava a estagiar para sacerdote Unitário no New College de Manchester. Era um homem de elevada cultura e intelectualidade, assim como um incansável defensor de causas sociais. O seu casamento com Elizabeth estava baseado não apenas nos ideais, mas também nos gostos pessoais, partilhados por ambos. Tiveram inicialmente três filhas: Marianne (1834), Margaret Emily (1837), e Florence (1842); depois nasceram William (1844) e Julia (1846). Elizabeth provou ser uma mãe extremamente dedicada e também uma anfitriã hospitaleira. Mas, sentindo-se motivada pelo trabalho filantrópico do seu marido, resolveu participar activamente nas "Sunday" e "Day Schools" da Capela de Cross Street, dirigidas por Travers Madge, e efectuar visitas às famílias pobres de Manchester.

Elizabeth Gaskell veio gradualmente a conhecer de perto as condições em que os trabalhadores de Manchester viviam e trabalhavam. Foi precisamente durante as décadas de 1830 e de 1840, quando ela teve contacto pessoal com os sujos e sombrios bairros e vielas, que se deram repetidas depressões económicas, atingindo o seu pico nos anos de 1839-42. Mas Elizabeth também conhecia bem o outro lado de Manchester, o dos fabricantes e comerciantes industriais, a nova aristocracia urbana. Muitas das famílias mais influentes da cidade formavam uma parte considerável da congregação da Capela de Cross Street, e ela conhecia pessoalmente os Potters, os Schwabes, e Robert e Samuel Greg (estes últimos fabricantes de algodão). Elizabeth tentou sempre conciliar os lados opostos de Manchester, tentando evitar o radicalismo, por um lado, e o individualismo economicista, por outro.

A sua génese como romancista foi despoletada pela morte do seu filho, que ainda não tinha completado um ano. Para evitar que Elizabeth se deixasse levar pelo

desgosto, seu marido sugeriu-lhe que tentasse escrever um trabalho mais extenso. Surgiu, assim, *Mary Barton, a Tale of Manchester Life* (1848), romance inspirado pelo seu contacto com as classes trabalhadoras. Mas, anteriormente, ela tinha já mantido um diário e escrito alguns contos; em 1845 publicou um poema em colaboração com o marido, "Sketches among the Poor". Em 1847 e 1848, sob o pseudónimo de 'Cotton Mather Mills', publicou três contos — "Libbie Marsh's Three Eras", "The Sexton's Hero" e "Christmas Storms and Sunshine". Em 1849, numa visita a Londres, foi apresentada à sociedade literária da época. O seu contacto com Dickens ajudou-a a estabelecer-se como escritora, tornando-se uma contribuidora frequente do seu novo semanário, *Household Words*, a partir de 1850. Entretanto, a sua casa em Plymouth Grove tinha-se tornado um centro de hospitalidade e de vida cultural em Manchester. Preocupada com a situação das costureiras que, devido aos seus salários de miséria, eram por vezes obrigadas a recorrer à prostituição, E. Gaskell resolveu escrever *Ruth* (1853). Baseado numa história verídica de sedução e abandono, o romance apela à reintegração social da mãe solteira e do seu filho ilegítimo.

A par deste trabalho, Elizabeth continuou a publicar contos e também fascículos do seu novo romance, *Cranford* (1853). Em *North and South*, também publicado em fascículos e só depois em livro (1855), volta à cena industrial; desta vez, permitindo tanto a patrões como a trabalhadores a apresentação dos seus argumentos. Isto porque na década de 1850, o Cartismo tinha já perdido a sua força a favor do sindicalismo. O romance teve bastante sucesso, e Elizabeth fez novas amizades com os Nightingales, F. D. Maurice, Kingsley, John Forster e os Arnolds. Conheceu Charlotte Brontë em 1850 e, quando esta morreu em 1855, escreveu a sua biografia oficial a pedido de Mr Brontë.

Com uma vida cada vez mais ocupada, E. Gaskell resolve passar as suas férias no estrangeiro. Depois de visitar a Itália, viaja frequentemente para Paris, onde tinha estabelecido uma grande amizade com a sua anfitriã, Mme Mohl, cuja casa era

frequentada por uma parte da intelectualidade francesa da época (Guizot, Montalembert, St Hilaire). Depois de visitar a Alemanha em 1858, iniciou um outro romance em 1859, *Sylvia's Lovers*. Escolheu os últimos anos do século XVIII para o período da acção e a região de North Yorkshire para a localização; retratou a vida de um porto baleeiro e as actividades do 'press-gang' da marinha inglesa num romance histórico de certa estatura. Durante os anos de 1859-63, também publicou vários contos em *All the Year Round* de Dickens e em outras revistas. Em 1862, a situação precária vivida pelos trabalhadores de Manchester devida aos efeitos da guerra civil americana nas indústrias de algodão, teve a sua prioridade e empenhamento social. A publicação em fascículos de *Cousin Phillis*, de 1863 a 1864, na *Cornhill Magazine*, marcou o retorno de Elizabeth à 'Arcadia' da sua juventude, num idílio pastoral. Logo a seguir, resolveu escrever uma longa história sobre a vida passada há 40 anos numa cidade provinciana. Mas o romance *Wives and Daughters* não chegou a ser acabado devido à morte repentina da sua autora, a 12 de Novembro de 1865.¹

Elizabeth Gaskell mantém, na tradição literária inglesa, uma posição 'secundária' entre os romancistas da sua época. Comparada com Charlotte Brontë e George Eliot, suas contemporâneas, ela é apenas lembrada como uma romancista vitoriana respeitável, mas de menor importância. A sua obra foi aproveitada em certa medida pelos críticos marxistas, mas aparentemente ignorada pela crítica feminista subsequente. Isto porque o seu trabalho não apresenta uma visão crítica explícita da repressão das mulheres, nem situações fictícias que convidem a uma interpretação simbólica. De um modo geral, os seus romances parecem apresentar a situação da mulher apenas como material de comédia social ou como sendo incidental à luta de classes.

A ideia prevalecente sobre Elizabeth Gaskell, desde o final do século XIX até à década de 1950, estava sobretudo representada por Lord David Cecil; este apenas

¹ Sobre a biografia de Elizabeth Gaskell, ver Duthie, *The Themes of Elizabeth Gaskell*, 1990, Capítulo 1. Ver ainda Uglow, *Elizabeth Gaskell, A Habit of Stories*, 1993.

evidenciava a sua feminilidade; "she was all a woman was expected to be; gentle, domestic, tactful, unintellectual". Talvez por esta razão, os seus romances industriais foram mal recebidos pois não constituíam um assunto próprio para ser tratado por uma mulher.² Por outro lado, autores como H. P. Collins, referem tanto aspectos negativos como positivos: "impression of dowdiness", "matronhood", "dull titles", "nursery moralizing", "incapable of intellectual detachment"; "naked sensibility", "fine sincerity", "sympathy" e "humour".³ Em 1954, Kathleen Tillotson publicou *Novels of the Eighteen-Forties*, que se referia à obra de Gaskell como abordando de forma inovadora o problema social, especialmente a "condition-of-England question". Passados quatro anos, tanto *Mary Barton* como *North and South* tinham sido adoptados pelos críticos pró-marxistas, Raymond Williams e Arnold Kettle. Estes referem Gaskell, juntamente com Disraeli, Kingsley e Dickens de *Hard Times*, como uma romancista que fornece uma das descrições mais reais da vida numa sociedade industrial.⁴ Esta visão foi corroborada por Cazamian ([1903] 1973), Lucas (1966) e outros. Alguns autores, como M. Allot⁵ e McVeagh⁶, vêem Gaskell nos seus romances como uma personalidade dividida e contraditória. Outros, como Pollard⁷ e Easson⁸, limitam-se a apresentar os méritos de cada romance, informando sobre a composição e a recepção dos mesmos. Margaret Ganz (1969) vê o humor de Gaskell como a chave da sua obra, e Craik⁹ salienta o ambiente provinciano. Duthie (1980) identifica um número de temas (natureza, sociedade, indústria, a família, o indivíduo) presentes na obra. C. Lansbury¹⁰ aponta para a importância da família, nos romances

² D. Cecil, 1934. Citação e referências tiradas da obra de Patsy Stoneman, *Elizabeth Gaskell*, 1987, págs.2 e 3.

³ Ver o artigo de Collins, "The Naked Sensibility: Elizabeth Gaskell", *Essays in Criticism*, 1953, 3 (1).

⁴ Raymond Williams, em "The Industrial Novels" (*Culture and Society 1780-1950*, 1958); e Arnold Kettle, em "The Early Victorian Social-Problem Novel" (*From Dickens to Hardy*, 1958).

⁵ Na sua obra, *Elizabeth Gaskell*, Longman: Burnt Mill, 1960.

⁶ *Elizabeth Gaskell*, Routledge and Kegan Paul: London, 1970.

⁷ *Mrs Gaskell, Novelist and Biographer*, Manchester University Press: Manchester, 1965.

⁸ Ver a sua obra, *Elizabeth Gaskell*, Routledge and Kegan Paul: London, Boston e Henley, 1979.

⁹ *Elizabeth Gaskell and the Provincial Novel*, Methuen: London, 1975.

¹⁰ *Elizabeth Gaskell: The Novel of Social Crisis*, Paul Elek: London, 1975.

de Gaskell, como a estrutura básica de autoridade, uma força política mesmo. Não existe, no entanto, uma tradição de crítica feminista da obra de Gaskell.

Quando *Mary Barton: A Tale of Manchester Life* foi publicado, em Outubro de 1848, pela editora Chapman & Hall, o nome do autor não constava na capa; mas rapidamente Elizabeth Gaskell foi reconhecida como a autora, tornando-se imediatamente famosa. Uma das primeiras respostas positivas ao seu romance veio de Thomas Carlyle: "A beautiful, cheerfully pious, social, clear and observant character", "far above the ordinary garbage of Novels", "a real contribution [...] towards developing a huge subject, which has lain *dumb* too long".¹¹ Também Maria Edgeworth, uma romancista já estabelecida, elogiou a veracidade das cenas e dos personagens, embora tivesse lamentado o facto de Gaskell não propor outra solução para aqueles a não ser a emigração, "only an evasion, an escape", e também o excesso de mortes que ocorrem no romance.¹² A carta de Samuel Bamford, cujo poema "God Help the Poor" é lido no romance (capítulo 9)¹³, serviu de confirmação por parte de um trabalhador de que ela tinha feito uma descrição exacta da sua classe: "you have been very faithful; of John Bartons, I have known hundreds, his very self in all things except his fatal crime".¹⁴ Charles Kingsley elogiou o romance como um testemunho da época; segundo ele, oferece uma explicação das razões pelas quais os homens se tornam Cartistas e comunistas — "let them read *Mary Barton*".¹⁵ As críticas hostis feitas a Gaskell procuraram sobretudo mostrar a sua ignorância relativa a assuntos de economia política e pôr em questão a veracidade da sua escrita, apresentando-a como tendenciosa. Uma delas veio de W. Rathbone Greg, que tinha sido um industrial em Manchester e um defensor da Economia Política.¹⁶ O *Manchester Guardian* foi

¹¹ Numa carta escrita a Elizabeth Gaskell, em 8 de Novembro de 1848. Ver Easson, 1991, *Elizabeth Gaskell. The Critical Heritage*, pág. 72.

¹² Numa carta escrita a Honora Beaufort, em 1849. Ver Easson, pág. 89.

¹³ Ver Anexo E.

¹⁴ Carta dirigida a Elizabeth Gaskell, em 9 de Maio de 1849. Ver Easson, pág. 151.

¹⁵ Num artigo de crítica literária publicado no *Fraser's Magazine*, em Abril de 1849. Ver Easson, pág. 153.

¹⁶ *Edinburgh Review*, Abril de 1849. Ver Easson, pág. 163-186.

mesmo mais duro, referindo a influência nefasta do romance e a consequente responsabilidade do autor em eventuais distúrbios.

Devido certamente a estas críticas adversas, Elizabeth Gaskell só sentiu de novo coragem para escrever outro romance de temática social por volta de 1852. Tendo enviado um sumário de *Ruth* a Charlotte Brontë, esta mostrou-se favoravelmente impressionada mas protestou contra a morte da heroína. No entanto, o romance foi assim mesmo publicado, em Janeiro de 1853 (C. Brontë, a pedido de E. Gaskell, chegou mesmo a adiar a publicação do seu *Villette* para que este não interferisse com *Ruth*). O propósito social deste romance é talvez ainda mais explícito do que o de *Mary Barton*; mas a recepção do público mostrou-se sobretudo dividida em termos morais e religiosos. Ao transformar uma "fallen woman" na sua heroína, Gaskell fez levantar, entre leitores e críticos, a questão de o romance dever, ou não, ser o veículo apropriado para uma discussão ética da situação das mulheres vítimas de sedução ou de prostituição. No entanto, alguns órgãos religiosos Unitários e não-conformistas acharam *Ruth* melhor do que um sermão, por utilizar um meio (o romance) que era mais eficaz e imediato. Outras objecções são mais de carácter artístico; por exemplo, Elizabeth Barrett Browning considerou a morte de Ruth desnecessária¹⁷; H. Fothergill Chorley referiu uma certa falta de lógica no tratamento do sentimento de culpa de Ruth¹⁸. As críticas favoráveis centraram-se sobretudo na melhoria de aspectos técnicos, como o tratamento descritivo pastoral, a unidade de concepção, a influência de Wordsworth na ligação entre a experiência emocional e objectos aparentemente banais, e a comparação com George Sand em termos de poder sentimental.

A primeira referência a 'North and South' ocorreu por volta de 1853, quando Charles Dickens, numa carta dirigida a Gaskell, dá a entender que também ele estaria interessado no mesmo assunto.¹⁹ O seu interesse, aparentemente, resultou em *Hard*

¹⁷ Numa carta dirigida a Gaskell, em 16 de Julho de 1853. Easson, pág. 316.

¹⁸ Na sua crítica literária de *Ruth*, publicada no *Athenaeum*, em 15 de Janeiro de 1853. Easson, págs. 204-207.

¹⁹ Ver Sharps, *Mrs. Gaskell's Observation and Invention*, 1970, pág. 205.

Times, que precedeu a história de Gaskell em *Household Words. North and South* foi apresentado em fascículos entre 2 de Setembro de 1854 e 27 de Janeiro de 1855, e não foi tratado, nem pela autora nem pelos críticos, de forma tão controversa como os seus romances anteriores. Embora as suas ligações com *Mary Barton* em cenário e assunto sejam evidentes, este romance presta agora mais atenção à situação do patrão industrial; além disso, Gaskell mostra que não era assim tão desconhecadora dos princípios da Economia Política como tinha inicialmente declarado.²⁰ Mas, mais uma vez, a ênfase recai sobre a mensagem de reconciliação social. O *Examiner* afirmou que o romance não toma nenhum dos partidos, mas procura reconciliar as duas facções, oferecendo uma elucidação a cada uma delas sobre a outra.²¹ Um outro crítico, Émile Montégut, elogiou o romance pela descrição que este faz da divisão física da Inglaterra entre a sociedade mais antiga, baseada no modelo feudal, e a nova sociedade industrial.²² No entanto, Margaret Oliphant, na revista *Blackwood's*, lamenta a dissolução da seriedade do enredo inicial numa história de amor convencional.²³ A crise de consciência de um dos personagens, Mr Hale, chegou mesmo a fazer Charlotte Brontë pensar que o tema do romance seria sobre dissidência religiosa, e a levar Montégut a considerar Gaskell como a romancista dos casos de consciência.²⁴

²⁰ No seu Prefácio a *Mary Barton*.

²¹ Uma crítica anónima, em 21 de Abril de 1855. Easson, págs. 339-341.

²² Num artigo publicado na *Revue des Deux Mondes*, 1 de Outubro de 1855. Easson, págs. 354-366.

²³ Num artigo anónimo publicado na *Blackwood's Edinburgh Magazine*, em Maio de 1855. Easson, págs. 344-347.

²⁴ Ver Easson, "Introduction", pág. 34.

O ROMANCE INDUSTRIAL — *MARY BARTON E NORTH AND SOUTH*

2.1 O Sistema Fabril e as Condições da Cidade Industrial (Manchester)

A região de Lancashire sofreu uma enorme transformação com o desenvolvimento da indústria de algodão durante as décadas de 1770 e de 1780. O seu principal centro urbano, Manchester, fez-se à custa daquela indústria, criando uma pequena classe de ricos empreendedores e uma grande classe de trabalhadores fabris, ou operários. Por volta de 1831, com uma população de 142 mil habitantes, a cidade era já vista como o símbolo do progresso e da inovação, mas também como o da miséria e do conflito social. Visto que não existia um governo local, quer para encorajar quer para restringir, tudo dependia da iniciativa individual.¹ O seu "progresso" reflectia-se tanto na novidade como na sordidez dos seus edifícios, a maior parte deles enegrecidos pelo fumo das fábricas.²

O nível de vida dos diferentes grupos dentro da classe trabalhadora variava consideravelmente. Existiam grupos de trabalhadores especializados, como os tecelões manuais e os estampadores de algodão, que sofriam consideravelmente com a competição das máquinas. A estes juntou-se uma nova classe de operários especializados: por exemplo, mecânicos e fiandeiros. Habitados a receber um salário 50 a 100% acima do nível dos trabalhadores não especializados, conseguiam levar uma vida bastante desafogada, usufruindo de uma boa alimentação, habitação e recheio condignos, e ainda acesso a livros, jornais e associações profissionais. Abaixo destes, estavam os trabalhadores fabris menos especializados. Aqueles que trabalhavam nas fábricas de algodão ganhavam mais que os trabalhadores rurais, mas

¹ Manchester tornou-se numa das capitais comerciais da Europa muito antes de ter sido incorporada, em 1838.

² Ver Asa Briggs, *Victorian Cities*, 1977, Cap. 3 ("Manchester, Symbol of a New Age"), págs. 88-138.

tinham que contar com a competição de mulheres e crianças.³ Numa situação pior do que estes estavam os tecelões manuais e os 'tricotadores', cujos 25s. semanais foram reduzidos drasticamente para 5s., por volta da década de 1830.⁴

À medida que a industrialização avançava, o impacto de um padrão cíclico de desenvolvimento e recessão tornou-se visível. Nos anos mais difíceis de 1816, 1819, 1826-7, 1830-1 e 1842-3, houve aumentos dramáticos dos níveis de desemprego entre os trabalhadores industriais.⁵ A maior parte das famílias, mesmo as daqueles que tinham melhores salários, atravessava um período de pobreza durante os anos em que os seus filhos eram demasiado pequenos para trabalhar. De igual modo, quando a doença ou o desemprego intervinham, como muitas vezes acontecia, mesmo os mais providentes podiam cair na privação total.

Embora os trabalhadores urbanos consumissem mais carne per capita do que os trabalhadores rurais, a sua dieta normal consistia geralmente de batatas e pão, acompanhados de café. Muitas vezes, no mercado de Manchester, carne e legumes já deteriorados eram vendidos mais baratos; os mais pobres eram enganados não só na qualidade mas também no peso dos produtos. Outros eram obrigados a comprar nos locais indicados pelos patrões e a pagar 25-30 % a mais pelos géneros.⁶ Embora fossem comuns as alegações sobre a extravagância da classe trabalhadora (sobretudo das jovens operárias) em questões de vestuário, a verdade é que a maioria vestia-se apenas para se manter agasalhada e decente. Os operários só podiam usufruir de roupas feitas de fustão (algodão de baixa qualidade) e raramente podiam usar roupas feitas de lã pois eram bastante mais caras, sujeitando-se, assim, aos rigores do Inverno.⁷

³ Em 1835 apenas um quarto daqueles que trabalhavam nas indústrias de algodão eram adultos do sexo masculino, e os salários bastante mais baixos de mulheres e crianças transformava aquela indústria na mais mal paga de todas.

⁴ Ver Anexos F e G.

⁵ Por exemplo, em Bolton, em 1842, o desemprego atingia os 60% entre os trabalhadores fabris e da construção civil. E, no mesmo ano, 15-20% da população de Leeds tinha um rendimento semanal de menos de 1s. por cabeça.

⁶ Chamava-se a este comércio paralelo "truck system".

⁷ Sobre este assunto, ver Rule, *The Labouring Classes in Early Industrial England 1750-1850*, 1991, págs. 46-70.

Por volta da década de 1840, Manchester e os seus arredores albergavam mais de 350 mil trabalhadores. A sua maioria vivia em barracas cheias de humidade e rodeadas de detritos, que não possibilitavam uma vida familiar minimamente condigna. Especialmente chocante era o distrito de Ancoats, que consistia num autêntico labirinto de ruelas e pátios, com esgotos à vista. A deterioração do meio ambiente fazia com que a vida na cidade fosse também mais curta. Em 1840, 57 % das crianças da classe trabalhadora de Manchester morreram antes de atingir os cinco anos de idade. Este fenómeno estava relacionado com as condições de habitação, e até com a própria construção; uma forma habitacional particularmente mal afamada era a chamada "back-to-back" (casas tipo costas-com-costas); uma grande parte da população vivia também em casas semi-subterrâneas (em 1833, a população de Manchester que vivia nestas caves rondava os 20 milhares).⁸

No que respeita às condições de trabalho, é importante referir que o principal sistema de salários na indústria têxtil era o chamado "piecemaster system", ou seja, todo o trabalho susceptível de ser medido era pago à peça; o objectivo era intensificar ao máximo o ritmo de trabalho. Na região de Manchester, um horário de catorze horas de trabalho, ou então um sistema por turnos (com dezasseis horas de actividade e oito de descanso), eram os mais comuns. A saúde e a esperança de vida eram bastante afectadas pelo facto de se ter trabalhado em criança. Por exemplo, quando um pequeno operário têxtil atingia os dezoito anos, teria já respirado ar cheio de algodão durante uma década. As doenças pulmonares eram, assim, as mais frequentes. Do mesmo modo, pouca atenção era dada às vítimas de acidentes de trabalho ou de doença: ficavam sem salário, e não lhes era facultada assistência médica.⁹

O impacto dos novos métodos de produção na família da classe trabalhadora foi enorme: "Recklessness, improvidence, [...] starvation, drunkenness, parental cruelty and carelessness, filial disobedience, [...] absence of maternal love, [...] moral

⁸ Ver Rule, *op. cit.*, págs. 96-98.

⁹ Ver Rule, *op. cit.*, págs. 120-126.

degradation, ruin of domestic enjoyments, and social misery."¹⁰ O facto de a mulher casada ter de trabalhar fora de casa a maior parte do dia, com a agravante do trabalho por turnos que os restantes membros da família praticavam, fazia com que não existisse um contacto semanal mínimo entre marido e mulher, e entre pais e filhos. A desintegração da família da classe trabalhadora, tendo começado na década de 1820, foi-se agravando até à década de 1840, altura em que nova legislação interveio.¹¹

Friedrich Engels (1820-1895) chegou a Manchester nos finais de Novembro de 1842, aí enviado por seu pai, um rico fabricante têxtil de Barmen, para estudar os métodos de negociação e comercialização daquela cidade. Permaneceu em Manchester durante perto de dois anos, analisando os factos e os efeitos do industrialismo. Quando, por fim, partiu, tinha já completado o manuscrito de um dos clássicos do mundo moderno, *The Condition of the Working Class in England in 1844*. Este estudo debruça-se sobre o tipo clássico da moderna cidade industrial, e sobre a mais genuína representação do proletariado fabril.

Engels começa por descrever detalhadamente as vidas dos operários: as suas casas, vestuário, alimentação, assim como as suas doenças e incapacidades. Ele concentra-se sobretudo nas suas habitações; e refere a especulação dos construtores, assim como detalhes da parte velha da cidade: "Everywhere half or wholly ruined buidings, [...] rarely a wooden or stone floor, [...] ill-fitting windows and doors, and a state of filth! Everywhere heaps of *débris*, refuse and offal; standing pools for gutters, and a stench [...]"¹². E Engels conclui a sua impressionante descrição: "Such is the old town of Manchester [...] If anyone wishes to see in how little space a human being can move, how little air — and *such* air! — he can breathe, how little of civilization he may share and yet live, it is only necessary to travel hither."¹³

¹⁰ Peter Gaskell, *Artisans and Machinery*, 1836. Citado em Rule, pág. 169.

¹¹ Ver Rule, *op. cit.*, págs. 168-176.

¹² F. Engels, (1892), *The Condition of the Working Class in England*, 1982, ("The Great Towns"), pág. 84.

¹³ Engels, *op. cit.*, pág. 86.

O relato de Engels permanece isolado nos escritos sociais da época¹⁴, isto é, isolado até 1848, ano da publicação de *Mary Barton: A Tale of Manchester Life*. Neste seu primeiro romance, Elizabeth Gaskell apresenta descrições de uma parte de Manchester que se aproximam bastante das realidades que Engels tinha descrito de forma tão impiedosa. Gaskell descreve com olhos de conhecedora a zona da cidade onde a fábrica de Carson, o industrial, estava instalada:

Along it [Carson's mill] went one of the oldest thoroughfares in Manchester. [...] it was there that the first cotton mills were built, [...] the crowded alleys and back streets [...] the western end faced into a wide dingy-looking street, consisting principally of public houses, pawnbrokers'shops, rag and bone warehouses, and dirty provision shops. [...] the east end of the factory, fronted into a very narrow back street [...] miserably lighted and paved. Right against this end [...] was a *gin palace*.¹⁵

Ao usar as verdadeiras localidades de Manchester como cenário da sua história, Gaskell consegue imprimir um realismo sem precedentes no seu relato. Ela descreve do seguinte modo a zona da cidade (Ancoats ou Deansgate) onde os seus personagens vivem: "[...] innumerable streets [...] a little paved court, having the backs of houses at the end opposite to the opening, and a gutter running through the middle to carry off household slops, washing suds, &c."¹⁶

John Barton e George Wilson, ambos operários desempregados, resolvem visitar um amigo que se encontra doente, Ben Davenport, e que vive algures na cidade velha. Gaskell mostra a zona — Berry Street — onde os Davenport vivem: "It was unpaved; and down the middle a gutter forced its way, every now and then forming pools in the holes with which the street abounded. [...] women from their doors tossed household slops of every description into the gutter; they ran into the next pool, which

¹⁴ Na verdade, o seu foi o primeiro livro a abordar a questão da classe trabalhadora como um todo, quer na Grã-Bretanha quer noutro país. Embora tivesse aparecido na Alemanha em 1845, só em 1892 foi publicado em Inglaterra, levando quase meio século a chegar à casa dos leitores ingleses (os verdadeiros interessados).

¹⁵ *Mary Barton*, Cap. 5, pág. 88. Ao descrever a proximidade da fábrica de um dos locais onde os operários podiam ir consumir bebidas alcoólicas quando saiam do seu trabalho, Gaskell critica implicitamente o sistema que permitia que eles gastassem o reduzido salário de um dia numa noite de intemperança.

¹⁶ *M.B.*, Cap. 2, pág. 48.

overflowed and stagnated."¹⁷ Mas, o interior da casa revela uma situação familiar ainda mais dramática:

[...] they had got to some steps leading down to a small area, where a person standing would have his head about one foot below the level of the street [...] the cellar in which a family of human beings lived. [...] the smell was so foetid as almost to knock the two men down [...] they began to penetrate the thick darkness of the place, and to see three or four little children rolling on the damp, nay wet brick floor, through which the stagnant filthy moisture of the street oozed up; the fireplace was empty and black; the wife sat on her husband's lair and cried in the dark loneliness.¹⁸

Davenport sofre de uma espécie de febre tifóide; doença que flagelou literalmente a parte velha da cidade. Ao referir-se à doença, Gaskell diz: "'The fever' was (as it usually is in Manchester) of a low, putrid, typhoid kind; brought on by miserable living, filthy neighbourhood, and great depression of mind and body. It is virulent, malignant, and highly infectious."¹⁹ Que situações deste tipo sejam permitidas constitui, para Engels, o que ele designa como "a disguised, malicious murder"²⁰.

O relato que Gaskell faz da morte (que, aliás, ocorre com demasiada frequência, e é o resultado das condições de vida por ela descritas) coloca-a inequivocamente do lado de Engels. Outra cena em *Mary Barton* também poderia servir para introduzir o que a autora pretende demonstrar na sua análise dos "hungry forties": George Wilson vai a casa do industrial Carson e, ao ter que assistir aos preparativos do pequeno almoço, fica perturbado pois já não comia nada desde o dia anterior. Gaskell comenta: "the servants were like *the rest of us*, [...] not feeling hunger themselves, forgot it was possible another might."²¹ À medida que vai avançando no seu relato, ela vai descrevendo o progressivo agravamento da situação da classe trabalhadora:

For three years past, trade had been getting worse and worse, and the price of provisions higher and higher. This disparity between the amount of the earnings of the working classes, and the price of their food, occasioned in more cases than could well be imagined, disease and death. Whole families went through a gradual starvation. [...] in the terrible years 1839, 1840, and 1841.²²

¹⁷ *Ibid.*, Cap. 6, pág. 98.

¹⁸ *Id. Ibid.*

¹⁹ *Ibid.*, pág. 99.

²⁰ Engels, *op. cit.*, pág. 126.

²¹ *M.B.*, Cap. 6, pág. 106.

²² *Ibid.*, Cap. 8, pág. 125-126.

Não admira, assim, que os próprios patrões (liderados por W. R. Greg²³) se tivessem sentido tão ultrajados com *Mary Barton*. E, no entanto, é impossível não reparar que Gaskell procura ser compreensiva com os patrões e que adota muitas vezes o ponto de vista deles. Quando John Barton se pergunta, "Why should he alone suffer from bad times?", como membro consciente da classe média liberal, Gaskell responde, numa das suas habituais intromissões autorais: "I know that this is not really the case; and I know what is the truth in such matters: but what I wish to impress is what the workman thinks and feels"²⁴. Vale a pena contrastar esta atitude com a insistência de Engels de que: "society knows how injurious such conditions are to the health and life of its workers, and yet does nothing to improve these conditions."²⁵ Gaskell chega mesmo ao ponto de culpar Barton pela sua extravagância: "with childlike improvidence, good times will often dissipate his grumbling, and make him forget all prudence and foresight"²⁶. Mas, a este respeito, Engels tem uma opinião diferente: "To save is unavailing, for at the utmost he cannot save more than suffices to sustain life for a short time, while if he falls out of work, it is for no brief period."²⁷

Embora Gaskell não consiga esconder uma certa ânsia de defesa da sua classe, a força principal do seu romance mostra que ela está em uníssono com o relato feito por Engels. Morte, exploração, miséria, sofrimento, injustiça, e o detalhe verdadeiro com que o romance abunda, vão abertamente contra as suas recomendações de contenção e poupança.²⁸ Mas, se *Mary Barton* é exemplar no realismo do seu tratamento da vida da classe trabalhadora, *North and South* contém proporcionalmente menos imagens da sordidez e miséria dos operários e das suas famílias: em primeiro lugar porque a história é agora narrada do ponto de vista da

²³ William Rathbone Greg (1809-81), industrial e ensaísta, amigo de Elizabeth Gaskell, criticou *Mary Barton* por achar que o romance dava uma imagem negativa dos industriais de Manchester.

²⁴ *Id. Ibid.*

²⁵ Engels, *op. cit.*, pág. 127.

²⁶ *M.B.*, Cap. 3, pág. 60.

²⁷ Engels, *op. cit.*, pág. 147.

²⁸ Sobre este assunto, ver John Lucas, *The Literature of Change: Studies in the Nineteenth Century Provincial Novel*, 1977, págs. 34-56.

classe média; e em segundo lugar porque se tinha verificado uma melhoria das condições sociais e uma subida geral do nível de vida. Os "Hungry Forties" corresponderam ao período tratado por *Mary Barton*; o novo romance relata agora o início da década de 50 e o aumento da prosperidade comercial.

Em *North and South*, Gaskell dá à cidade de Manchester um nome fictício — Milton Northern — e as descrições que ela faz (as ruas escuras e frias para onde os Hales vão viver, e a fábrica de Mr Thornton, onde ele próprio vive), poder-se-iam aplicar a qualquer cidade industrial do norte de Inglaterra:

For several miles before they reached Milton, they saw a deep lead-coloured cloud hanging over the horizon in the direction in which it lay. It was all the darker from the contrast with the pale gray-blue of the wintry sky [...] Nearer to the town, the air had a faint taste and smell of smoke. Quick they were whirled over long, straight, hopeless streets of regularly-built houses, all small and of brick. Here and there a great oblong many-windowed factory stood up, like a hen among her chickens, puffing out black 'unparliamentary' smoke."²⁹

É através dos olhos de Margaret Hale (uma jovem da classe média, e porta-voz da autora) que Gaskell apresenta os habitantes da classe trabalhadora desta cidade: "The side of the town on which Crampton lay was especially a thoroughfare for the factory people. In the back streets around them there were many mills, out of which poured streams of men and women two or three times a day. [...] They came rushing along, with bold, fearless faces, and loud laughs and jests, particularly aimed at those who appeared to be above them in rank or station."³⁰

O conhecimento íntimo que Gaskell tinha das condições físicas e espirituais dos lares da classe trabalhadora está, no entanto, bem exemplificado nas suas descrições da habitação e dos credos da família Higgins, assim como das condições de trabalho na fábrica. Bessy Higgins, uma jovem operária têxtil, descreve o seu trabalho e as condições em que ele é efectuado: "I began to work in a carding-room soon after, and the fluff got into my lungs and poisoned me."³¹ A sua doença, tuberculose pulmonar, foi causada pela inalação dos resíduos de algodão no ar, resultantes do processo de

²⁹ Gaskell, *North and South*, Cap. 7, pág. 96.

³⁰ *N.S.*, Cap. 8, pág. 110.

³¹ *N.S.*, Cap. 13, pág. 146.

cardação. Gaskell critica, assim, a falta de cumprimento da legislação fabril: "Some folk have a great wheel at one end o' their carding-rooms to make a draught, and carry off th' dust; but that wheel costs a great deal of money [...] and brings in no profit: so it's but a few of th' masters as will put' em up"³².

North and South transmite a mesma imagem dos trabalhadores fabris que o romance anterior — atrofiados, empobrecidos, e amargurados, mas com uma vitalidade intelectual que faz deles opositores consideráveis. A sua vitalidade é uma consequência das condições que constituem motivo de protesto — a congestão, barulho, e tumulto da fábrica e da cidade. John Barton, nado e criado em Manchester, estava abaixo da média em estatura e em palidez³³, mas tinha "acuteness and intelligence of countenance, which has often been noticed in a manufacturing population."³⁴ Nicholas Higgins, o líder grevista de *North and South*, é um personagem semelhante àquele, apenas vivendo num período um pouco mais próspero.

Existe, apesar de tudo, neste último romance um maior optimismo por parte de Gaskell em relação ao sistema fabril; uma recusa implícita da visão negativa e horrenda da vida industrial: "there was something dazzling [...] in the energy which conquered immense difficulties with ease; the power of the machinery of Milton, the power of the men of Milton"³⁵ Essa recusa está, por exemplo, presente na altura em que Margaret Hale tenta dissuadir Higgins de 'emigrar' para o idílico sul de Inglaterra com a sua família:

You would not bear the dullness of the life; you don't know what it is; it would eat you away like rust. Those that have lived there all their lives, are used to soaking in the stagnant waters. They labour on from day to day, [...] — never speaking or lifting up their poor, bent, downcast heads. The hard spadework robs their brain of life; the

³² *Id. Ibid.*

³³ "... a thorough specimen of a Manchester man; born of factory workers, and himself bred up in youth, and living in manhood, among the mills. He was below the middle size and slightly made; there was almost a stunted look about him; and his wan, colourless face, gave you the idea, that in his childhood he had suffered from the scanty living consequent upon bad times ..." (*Mary Barton*, Cap. 1, pág. 41).

³⁴ *M.B.*, Cap. 1, pág. 41.

³⁵ *N.S.*, Cap. 8, pág. 108.

sameness of their toil deadens their imagination; they don't care to meet to talk over thoughts and speculations [...] after their work is done; they go home brutishly tired, [...] caring for nothing but food and rest."³⁶

Gaskell parecia, assim, esquecer que os trabalhadores fabris estavam, por seu lado, a ser desumanizados pela máquina e privados de socialização pela mera relação monetária ("cash nexus"). Inconscientemente, Gaskell encarava-os como as vítimas naturais do sistema, meras exceções: "the acute sufferers for the good of many [...] these exceptions"³⁷. Mas a pobreza de que os trabalhadores de Milton se queixavam parecia-lhes menos natural, mais arbitrária, do que os perigos da natureza ou as enfermidades do corpo e da alma. Eles ressentiam-se das máquinas que apareciam para desvalorizar o seu trabalho e torná-los a eles próprios excedentários ("a surplus population", na linguagem dos economistas). Desconfiavam das leis da oferta e da procura, das recessões comerciais e da concorrência estrangeira (as usuais desculpas facultadas pelos patrões), das quais sabiam ser as principais vítimas.

2.2 As Relações Industriais: Patrões, Operários e Solidariedade Social

As relações sociais em Manchester eram frequentemente discutidas em termos gerais, tanto dentro como fora da cidade, pelos seus habitantes e pelos forasteiros. Já na década de 1780, se falava de um crescente abismo entre ricos e pobres. Por volta de 1820 era comum a atribuição de diferenças sociais e políticas básicas a divisões de interesse económico entre os patrões das fábricas e os trabalhadores.³⁸ Os trabalhadores fabris não estavam apenas sujeitos a sofrimentos físicos nas fábricas. Viviam ainda isolados dos seus patrões, com os quais tinham pouco ou nada em comum; e esta situação fazia com que muitas vezes se sentissem humilhados e esquecidos. A falta de comunicação entre patrões e trabalhadores era um assunto tão

³⁶ *N.S.*, Cap.37, pág. 382.

³⁷ *Id. Ibid.*

³⁸ Ver Briggs, *op. cit.*, págs. 88-90.

sério que chamou a atenção de escritores como Carlyle, em *Chartism* e *Past and Present*, e ainda de outros analistas contemporâneos, como Benjamin Love, Peter Gaskell, J. P. Kay, W. Cooke Taylor, Léon Faucher, Friedrich Engels e Eugène Buret.

Para uma boa compreensão de *Mary Barton* e de *North and South* é de importância central o conhecimento do debate contemporâneo que analisou o relacionamento entre patrões e trabalhadores, discutiu as responsabilidades dos industriais, e prescreveu remédios para a situação de perigo iminente que tinha surgido. É certo que o próprio sistema fabril podia ser culpado de criar as enormes fábricas, onde uma atmosfera de anonimato entre operários e patrões tinha ido substituir a velha relação paternal entre, por exemplo, proprietário e trabalhador rural. Além disso, com o crescimento dos movimentos sindicalistas e Cartistas, a animosidade entre os industriais e os seus trabalhadores aumentou, criando uma barreira de desconfiança entre as duas partes.

Como iremos ver, Elizabeth Gaskell atribuía o alheamento entre patrões e operários à ignorância do modo de viver e de sentir da outra parte. Nesta convicção, ela é corroborada pelo cônego de Manchester, o Reverendo Parkinson, que caracterizou aquele relacionamento como:

IGNORANCE OF EACH OTHER. This is the real secret of all their mutual distrust. This is the primary obstacle in the way of reconciliation between those whom God and nature meant to be friends, equally dependant upon, and equally beneficial to each other. He who can remove this ignorance, or even indicate the right course by which it may ultimately be removed, will indeed be a benefactor to mankind!³⁹

Tocou a Elizabeth Gaskell ser esse "benefactor": em *Mary Barton* ela propôs-se dissipar a ignorância sobre o modo de viver da "outra nação", em Manchester. O núcleo do problema não era meramente de ordem económica; a barreira entre patrões e operários tinha também consequências morais e religiosas, claramente implícitas em *Mary Barton*. Em 1849, Edward Miall afirma o que já tinha sido ilustrado naquele romance no ano anterior:

³⁹ *On the Present Condition of the Labouring Poor in Manchester; with Hints for Improving It* (Manchester, 1841), pág. 6. Citado em Fryckstedt, *Elizabeth Gaskell's 'Mary Barton' and 'Ruth': A Challenge to Christian England*, 1982, pág. 25.

Nothing is set on foot tending to show that the heart of the master is interested in the condition of his workpeople. If his eye is upon them, it is not to mark their wants. If sickness overtakes them, his is not the hand foremost in extending relief. He knows nothing of their sorrows. He makes no attempts to win their confidence. [...] The wear and tear which they sustain in his service elicit scarcely a single expression of sympathy. And when, disabled by calamity, or exhausted by premature age, they can work for him no longer, they are thrown, without compunction upon the Poor-law Union, for a scanty and humiliating support.⁴⁰

Outros comentadores, como Carlyle, tinham já dado importância à responsabilidade moral da nova "millocracy" (a nova e poderosa aristocracia industrial); havia uma missão moral a cumprir. Elizabeth Gaskell, numa carta dirigida a Lady Kay-Shuttleworth, manifestou a sua opinião sobre o assunto: " I can not imagine a nobler scope for a thoughtful energetic man, desirous of doing good to his kind, than that presented to his powers as the master of a factory,"⁴¹; e, de facto, este é um dos assuntos principais dos seus romances industriais, sobretudo de *North and South*.

Na época, os grandes industriais eram, duma forma geral, descritos como equivalentes aos monstros dos contos de fadas. Mas, representantes dessa nova classe, como Robert Owen, os Fieldens, os Gregs, os Ashtons e os Strutts, tornaram-se famosos por darem o exemplo na sua preocupação pelo bem-estar dos seus trabalhadores. Se alguém quizesse estudar o carácter de um fabricante de Manchester bastava-lhe efectuar uma visita à Bolsa de Manchester ("Manchester Exchange"), o parlamento dos chamados "cotton lords". Aí encontraria homens caracterizados por hábitos da maior perseverança e energia; por outras palavras, homens muito semelhantes a John Thornton de Gaskell, William Langshawe de E. Stone, e Millbank de Disraeli, todos eles de natureza independente e orgulhosa, mas também reservada e severa. Os fabricantes de Manchester eram frequentemente, como no caso de Carson em *Mary Barton* e Thornton em *North and South*; homens

⁴⁰ *The British Churches in Relation to the British People* (London, 1849), pág. 330. Citado em Fryckstedt, *op. cit.*, pág. 26. Miall era um clérigo congregacionista e membro do Parlamento; atacou a Igreja Oficial no seu jornal, o *Nonconformist*.

⁴¹ Chapple e Pollard, *The Letters of Mrs Gaskell*, 1966, pág. 119.

feitos à sua própria custa ("self-made men"), cuja iniciativa e persistência, combinada com energia e por vezes crueldade, tinha feito deles verdadeiros capitalistas.⁴²

Mary Barton resultou das observações que Gaskell fez das desigualdades existentes em Manchester — da sua reacção face à separação entre ricos e pobres (simbolizada pela história bíblica de Divas e Lázaro). No Prefácio, Gaskell indica a sua inclinação: "I had always felt a deep sympathy with the care-worn men, who looked as if doomed to struggle through their lives in strange alternations between work and want"⁴³. Com base na sua experiência, ela afirma: "I saw that they were sore and irritable against the rich, the even tenor of whose seemingly happy lives appeared to increase the anguish caused by the lottery-like nature of their own."⁴⁴

John Barton, o inconformado trabalhador fabril, é o personagem que melhor ilustra o tema bíblico de Gaskell. Tendo sido inicialmente um homem pronto a gostar do seu semelhante, quer ele fosse pobre ou rico — "could e'en have loved the masters if they'd ha' letten me"⁴⁵; tempos de privação tornaram-no num homem amargurado e sem fé — no seu semelhante mais afortunado e na própria religião:

If I am sick, do they come and nurse me? If my child lies dying (as poor Tom lay, with his white wan lips quivering, for want of better food than I could give him), does the rich man bring the wine or broth that might save his life? If I am out of work for weeks in the bad times, and winter comes, with black frost, and keen east wind, and there is no coal for the grate, and no clothes for the bed, and the thin bones are seen through the ragged clothes, does the rich man share his plenty with me, as he ought to do, if his religion was not a humbug? ⁴⁶

Usando Barton como seu porta-voz, Gaskell desafia os seus leitores da classe média que ignoram tudo aquilo, e cuja religião não passa de uma hipocrisia. Assim, Barton responde à sua própria interpelação da seguinte forma: "No, I tell you, it's the poor, and the poor only, as does such things for the poor."⁴⁷ Não existe solidariedade social entre as duas classes (isto é, os mais ricos não ajudam os mais necessitados nos

⁴² Sobre este assunto, ver Fryckstedt, *op. cit.*, págs. 24-28.

⁴³ *M.B.*, pág. 37.

⁴⁴ *Id. Ibid.*

⁴⁵ *Ibid.*, Cap. 3, pág. 59.

⁴⁶ *Ibid.*, Cap. 1, pág. 45.

⁴⁷ *Id. Ibid.*

momentos de crise), mas deveria existir uma responsabilização dos detentores da riqueza e do poder:

I say, if they don't know, they ought to know. We're their slaves as long as we can work; we pile up their fortunes with the sweat of our brows; and yet we are to live as separate as if we were in two worlds; ay, as separate as Dives and Lazarus, with a great gulf betwixt us: but I know who was best off then.⁴⁸

Barton não conseguiu arranjar trabalho na fábrica de Hunter devido à recessão comercial, e teve depois de sofrer a perda do seu filho. Gaskell mostra a situação de desespero em que ele se encontrava, e os contrastes que teve de observar:

Barton was out of work, living on credit. It was during this time that his little son fell ill of the scarlet fever. [...] Everything, the doctor said, depended on good nourishment, on generous living [...] Mocking words! when the commonest food in the house would not furnish one little meal. [...] Hungry himself, almost to an animal pitch of ravenousness, but with the bodily pain swallowed up in anxiety for his little sinking lad, he stood at one of the shop windows where all edible luxuries are displayed; haunches of venison, Stilton cheeses, moulds of jelly — all appetising sights. And out of this shop came Mrs Hunter! followed by the shopman loaded with purchases for a party. [...] Barton returned home with a bitter spirit of wrath in his heart, to see his boy a corpse!⁴⁹

Gaskell envia a sua mensagem de aviso aos mais ricos, aludindo às palavras que Abraão dirigiu a Divas: "Son, remember that you in your lifetime received your good things, and Lazarus in like manner evil things; but now he is comforted here, and you are in anguish".⁵⁰ As implicações da parábola são claras: os males da sociedade só terminarão quando os mais ricos passarem a actuar segundo os preceitos bíblicos. O cerne da crítica de Gaskell reside no seu ataque implícito da hipocrisia das classes média e alta, que frequentavam escrupulosamente a igreja. Outras cenas do romance servem para ilustrar este tema. O incêndio na fábrica Carson, por exemplo, é fundamental. Dado que o comércio estava em baixa, a velha maquinaria precisava de ser substituída; mas os Carsons estavam bem segurados e o incêndio foi uma benção inconfessada para o fabricante. Enquanto a vida familiar dos Carsons é transformada numa atmosfera de lazer, para os trabalhadores o incêndio significa calamidade:

⁴⁸ *Id. Ibid.*

⁴⁹ *Ibid.*, Cap. 3, pág. 60-61.

⁵⁰ Lucas, 16:25. Citado em Fryckstedt, *op. cit.*, pág. 100.

There is another side to the picture. There were homes over which Carson's fire threw a deep, terrible gloom; the homes of those who would fain work, and no man gave unto them ... There, the family music was hungry wails, when week after week passed by, and there was no work to be had, and consequently no wages to pay for the bread the children cried aloud for ...⁵¹

Mais adiante, Gaskell conta que, devido à concorrência comercial do Continente, os patrões tiveram que reduzir aos salários. No entanto, em vez de explicarem aos trabalhadores o que se passava, os patrões "stood upon being the masters, and that they had a right to order work at their own prices"⁵². Os trabalhadores, sentindo que os patrões pareciam viver bem enquanto eles passavam privações, perguntavam: "Why were the masters offering such low wages under these circumstances? Shame upon them!"⁵³ A desconfiança entre fabricantes e operários culmina na cena onde uma representação de trabalhadores se encontra com os patrões. O patrão Carson estava decidido a "not to be bullied into yielding; not even to be bullied into giving reasons for acting as the masters did"⁵⁴. O seu filho, também presente, na sua total ignorância dos sofrimentos passados por aqueles homens, resolve tirar o seu lápis e desenhar "an admirable caricature of them — lank, ragged, dispirited, and famine-stricken"⁵⁵. Este acto de crueldade faz nascer dentro de Barton um sentimento de profunda indignação: "to see that folk can make a jest of striving men; of chaps who comed to ask for a bit o' fire [...] for a bit o' bedding, and some warm clothing [...] and for victuals for the childer"⁵⁶.

O tema do Bom Samaritano também é importante em *Mary Barton*. Tal como na Bíblia, aqui não são os ricos mas os pobres que seguem à risca a palavra de Jesus de ajudar os mais necessitados (a religião deles não é, assim, superficial): "there was Faith such as the rich can never imagine on earth", "there was 'Love strong as death,' and self-denial, among rude, coarse men, akin to that of Sir Philip Sidney's most

⁵¹ *M.B.*, Cap. 6, pág. 96.

⁵² *Ibid.*, Cap. 15, pág. 221.

⁵³ *Id. Ibid.*

⁵⁴ *Ibid.*, pág. 222.

⁵⁵ *Ibid.*, Cap. 16, pág. 235.

⁵⁶ *Ibid.*, pág. 238.

glorious deed."⁵⁷ Entre os pobres, em *Mary Barton*, encontram-se os verdadeiros samaritanos que corporizam o espírito do Evangelho. Depois da morte de Davenport, a caridade dos seus vizinhos ajudou a sua viúva, tomando conta dos filhos dela, e ajudando-a a pagar a renda da casa e outras despesas. É Margaret quem, por sua vez, empresta dinheiro a Mary quando o pai desta fica desempregado. O próprio John Barton, que desconfia da religião, é o primeiro a correr à loja para empenhar os seus poucos haveres e, assim, comprar comida e combustível para os Davenports. Sua filha, Mary, é outro exemplo de abnegação e entre-ajuda; para salvar Jem da força e provar a sua inocência, ela não hesita em arriscar a sua vida na procura da única testemunha que o poderá salvar. Mas, talvez o personagem que mais mostra uma devoção desinteressada ao serviço dos seus semelhantes é Alice Wilson, cuja bondade espontânea é reconhecida por todos: "there's none more ready to help with heart or hand than she is. Though she may have done a hard day's wash, there's not a child ill within the street, but Alice goes to offer to sit up, and does sit up too, though may be she's to be at her work by six next morning."⁵⁸

Em *North and South*, as relações industriais entre patrões e operários e o problema da solidariedade social são também abordados de forma extensiva. As discussões entre Margaret Hale (a porta-voz da autora), John Thornton (o representante dos patrões) e Nicholas Higgins (o representante dos trabalhadores) sobre o individualismo económico face à responsabilidade social, e as forças do mercado livre face à justiça e à honestidade, representam o cerne do problema exposto por Gaskell. Mas em vez de adoptar uma posição a favor ou contra, o romance procura situar e explicar as atitudes partidárias de ambos os lados. Para isso, Gaskell coloca-os no contexto de um sistema económico que, embora cruel e opressivo, também oferece um certo entusiasmo e potencialidades para o bem comum.

⁵⁷ *Ibid.*, Cap. 6, pág. 96.

⁵⁸ *Ibid.*, Cap. 1, pág. 46.

Na altura em que o romance foi escrito, existiam duas concepções de "economia política": por um lado, ela era vista como uma "ciência", oferecendo um conjunto de proposições sobre a vida económica que todos deveriam conhecer e seguir; por outro lado, como um conjunto de teorias de interesse individualista, desenvolvidas apenas para justificar o sistema vigente (a política de *laissez-faire*).⁵⁹ A economia política é referida explicitamente por três vezes em *North and South*, embora surja de modo implícito em muitos diálogos e no próprio retrato do sistema capitalista industrial que é o romance. Cada referência explícita aparece no contexto da discussão sobre o relacionamento entre patrões e operários.

No capítulo 15 (apropriadamente intitulado "Masters and Men"), quando a greve iminente está em discussão entre Margaret, seu pai (Mr Hale) e Thornton, a "economia política" é nomeada pela primeira vez. A greve em *North and South* representa a resistência dos trabalhadores face a uma redução nos salários, mas também a exigência de uma comparticipação na gestão e nos lucros. Por seu lado, Thornton encara como uma questão de princípio não ter que revelar aos trabalhadores as suas razões para acabar com, ou reduzir, os salários: "We, the owners of capital, have a right to choose what we will do with it."⁶⁰ Mas ele leva ainda mais longe o seu argumento: "I maintain that despotism is the best kind of government for them [workers], laws and decisions which work for my own good in the first instance — for theirs in the second;"⁶¹ Margaret rebate, oferecendo uma imagem 'carlyliana' do que deveria ser a sociedade industrial: "God has made us so that we must be mutually dependent. We may ignore our own dependence, or refuse to acknowledge that others depend upon us in more respects than the payment of weekly wages"⁶².

⁵⁹ O corolário do desejo genérico de riqueza postulado por Adam Smith era a liberdade de acção económica, sem uma legislação reguladora ou uma caridade geradora de dependência. Um outro elemento fundamental era a "lei" da oferta e da procura, que deveria determinar toda a política de comércio, indústria e até dos assuntos sociais.

⁶⁰ N.S., Cap. 15, pág. 164.

⁶¹ *Ibid.*, pág. 167.

⁶² *Ibid.*, pág. 169.

Mas o principal expoente da relatividade das doutrinas da economia política no romance é o implacável sindicalista, Higgins, com o qual Margaret discute a greve (capítulo 17, "What is a Strike?"). A forma de pensar daquele é tão combativa como a de Thornton, com o objectivo de ensinar aos patrões os limites do seu controle; ao passo que a atitude de Margaret é a de procurar uma base comum de entendimento, alertando para o facto de que a greve prejudica a todos. Higgins, que tal como Thornton vê Margaret como uma forasteira ignorante, afirma que é o nível salarial e não o estado do comércio que constitui o problema, e mantém a sua atitude de resistência: "I just look forward to the chance of dying at my post sooner than yield."⁶³ E Higgins contrasta a atitude dos operários do norte com a dos trabalhadores rurais do sul (de onde Margaret é proveniente): "I have heerd they're a pack of spiritless, down-trodden men; welly clemmed to death; too much dazed wi' clemming to know when they're put upon."⁶⁴ O sindicalista vê claramente a sua missão como oposta à dos patrões: " ... it's their part [the masters'], ... to beat us down, to swell their fortunes; and it's ours to stand up and fight hard, — not for ourselves alone, but for them round about us — for justice and fair play."⁶⁵ Uma nova discussão volta a surgir no capítulo 28, depois da crise da greve ter passado (tendo os grevistas saído derrotados). Hale, um ex-clérigo, exprime o desejo sentido pela própria Gaskell: "I wish some of the kindest and wisest of the masters would meet some of you men and have a good talk on these things"⁶⁶. Mas Higgins diz que os patrões já tentaram doutriná-lo, inclusivé através da leitura de um livro sobre economia política; tudo em vão: "it [the book] went on about capital and labour, and labour and capital, till it fair sent me off to sleep.[...] and what I wanted for to know were the rights o' men, whether they were rich or poor — so be they only were men."⁶⁷

⁶³ *Ibid.*, Cap. 17, pág. 183.

⁶⁴ *Ibid.*, pág. 181.

⁶⁵ *Ibid.*, pág. 184.

⁶⁶ *Ibid.*, pág. 293.

⁶⁷ *Ibid.*, pág. 292-293.

Embora Gaskell, em última instância, não ofereça precisamente o mesmo relato e o mesmo diagnóstico que o seu contemporâneo, F. Engels, o que ela tem em larga medida a dizer em cada momento de crítica só vem confirmar as duras afirmações daquele observador acerca da burguesia industrial:

I have never seen a class so deeply demoralized, so incurably debased by selfishness, so corroded within, so incapable of progress, as the English bourgeoisie; particularly the Liberal, Corn Law repealing bourgeoisie. For it nothing exists in this world, except for the sake of money, itself not excluded. It knows no bliss save that of rapid gain, no pain save that of losing gold. [...] it is not possible for a single human sentiment or opinion to remain untainted. [...] It is utterly indifferent to the English bourgeois whether his working-men starve or not, if only he makes money. [...] Political Economy, the Science of Wealth, is the favourite study of these bartering Jews. Every one of them is a Political Economist.⁶⁸

2.3 Formas de Luta: Cartismo, Sindicalismo ou Cristianismo?

Se, nos sessenta anos que se seguiram à Revolução Francesa, a Inglaterra tivesse tido um levantamento popular do género do que se tinha dado em França, a maior parte dos ingleses acreditava que ele se daria precisamente em Manchester. Esta cidade industrial tinha obtido, a uma grande distância, uma notoriedade pouco invejável devido às suas propensões para os distúrbios e revoltas. Segundo os observadores daquela época, Manchester era o centro de uma turbulência 'fora-da-lei' que embaraçava o Governo e a legislatura, e aterrava os habitantes das regiões mais favorecidas. Embora sempre tivesse existido uma grande clivagem social naquela cidade, conducente a uma inevitável tensão social, esta foi muito agravada no final da década de 1830 devido à prevalência generalizada de uma recessão económica. Esta situação constituiu o plano de fundo do movimento Cartista em Manchester. Entre os operários, uma tradição política da classe trabalhadora tinha-se desenvolvido à volta da cidade, tendo produzido dois grandes movimentos de opinião popular, o

⁶⁸ Engels, *op. cit.*, ("The Attitude of the Bourgeoisie Towards the Proletariat"), págs. 301-302.

movimento Radical de 1816-20, que culminou no Massacre de Peterloo, e a campanha de apoio à "Reform Bill" de 1832. A memória destas actividades, e em particular da tragédia de Peterloo, foi muito acentuada durante o decorrer da agitação Cartista. Manchester assumiu, assim, desde muito cedo, uma liderança política.⁶⁹

Em Junho de 1837, cinquenta mil trabalhadores, da área de Manchester apenas, estavam desempregados ou trabalhavam durante períodos mais curtos.⁷⁰ Os mais atingidos foram os tecelões manuais; logo de seguida, os seus lugares foram tomados pelos imigrantes irlandeses que estavam a chegar em grandes números (por volta de 1841, perto de trinta e quatro mil viviam já em Manchester). Os membros da família daqueles artesãos tinham um rendimento diário de apenas 1,5 d.. Mas, quando, em Dezembro de 1837, os carenciados tecelões apresentaram uma petição para que um ordenado mínimo lhes fosse atribuído, o *Manchester Times* denunciou o pedido deles como "absolute folly" por tentar interferir com os 'processos económicos'⁷¹

A falta de vontade, ou incapacidade, dos agentes patronais para resolver o problema da miséria que prevaleceu de 1837 a 1842, constituiu a grande oportunidade para o desenvolvimento do Cartismo naquela região. Os dirigentes Cartistas usaram em primeiro lugar a retórica das dificuldades económicas; por exemplo, Rayner Stephens declarou no primeiro grande encontro Cartista de Lancashire: "This question of universal suffrage is a knife-and-fork question, a bread and cheese question [...] every working man in the land has a right to a good coat on his back, a good hat on his head, a good roof for the shelter of his household, a good dinner upon his table, no more work than will keep him in health, and as much wages as will keep him in the enjoyment of plenty"⁷². Uma representação democrática no Parlamento iria certamente assegurar que os trabalhadores tivessem sempre trabalho e salários condignos. Outro dos argumentos Cartistas baseava-se na noção de que era o Trabalho e não o Capital que representava o elemento fundamental da indústria: "The

⁶⁹ Ver Briggs (ed.), *Chartist Studies*, 1974, pág. 31.

⁷⁰ *Manchester Times*, 17 de Junho de 1837. Briggs, pág. 31.

⁷¹ *Ibidem*, 16 de Dezembro de 1837. Briggs, pág. 32.

⁷² *Manchester Guardian*, 26 de Setembro de 1838. Briggs, pág. 34.

real strength and all the resources of a country ever have sprung, and ever must spring, from the *labour* of its people"⁷³. Dava-se, assim, ênfase à oposição essencial entre patrões e trabalhadores. Aqueles, afirmava O' Connor num encontro, "fought the battle against labour"⁷⁴. Quando, em 1838, os outros movimentos (sindicalista, "Anti-Poor Law", e "Ten Hour") confluíram no Cartismo, já traziam com eles essa atmosfera de conflito.

Quando os patrões resolveram criar, em 1838, a "Anti-Corn Law League", a maioria dos Cartistas encarou-a como uma grande rival do seu próprio movimento.⁷⁵ A estratégia destes consistia em ir aos encontros da Liga e recusar sistematicamente as resoluções daquela, substituindo-as por outras a favor da "Carta". Para os operários, a grande "Reforma" de 1832 tinha sido interpretada, em 1838, como a grande traição: tinham esperado seis anos pelos benefícios que a nova lei lhes traria, sem entretanto receberem nenhuma vantagem. Com a "Carta" pretendiam, assim, retomar antigas reivindicações — o sufrágio universal, parlamentos anuais, voto secreto, e acabar com o requisito de propriedade. Para a maioria dos industriais de Lancashire, estas exigências eram inaceitáveis. Como forma de argumento, afirmavam que os trabalhadores só poderiam exigir o direito ao voto quando tivessem atingido a educação necessária para isso.⁷⁶

Um receio maior ainda do que a ameaça da reforma Cartista era a violência e a destruição da propriedade privada. Os dirigentes Cartistas, segundo o *Guardian*, esperavam o seguinte: "to bribe the poor to aid their designs, by holding out hopes of wholesale plunder and confiscation"⁷⁷. Directamente ligado a este medo da violência estava o problema da polícia. O estabelecimento de uma força policial no município de Manchester, em 1839, foi fortemente contestado pelos Cartistas locais: "... this

⁷³ *Manchester and Salford Advertiser*, 15 de Setembro de 1838 e 2 de Janeiro de 1841. Briggs, pág. 34. (Original no *Cobbett's Weekly Political Register*, 2 de Novembro de 1816, pág. 1).

⁷⁴ *Ibidem*, 23 de Dezembro de 1837. Briggs, pág. 35.

⁷⁵ Os patrões justificavam-se dizendo que o comércio livre iria aumentar os lucros e os salários. Os seus opositores afirmavam precisamente o contrário.

⁷⁶ Sir Benjamin Heywood na "Mechanics' Institution" de Manchester, em 1840. Briggs, págs. 38-39.

⁷⁷ *Manchester Guardian*, 26 de Setembro de 1838. Briggs, pág. 39.

armed police force would for ever act against the people."⁷⁸ E, na realidade, para os patrões aquela medida parecia-lhes indispensável para a protecção do seu património contra a acção dos Cartistas.

Os primeiros sintomas do Cartismo na região tinham surgido no início de 1837, quando se deu um encontro em Manchester para peticionar por parlamentos anuais, o sufrágio universal, e o voto secreto.⁷⁹ Em 1838, dois organismos pró-Cartistas foram fundados, "Manchester Universal Suffrage Association" e "Manchester Political Union" (M.P.U.); entre os dirigentes deste último encontravam-se J. W. Hodgetts, R. J. Richardson e Richard Cobbett⁸⁰. A grande realização deste organismo foi um encontro Cartista gigantesco (perto de 40 mil pessoas) em Kersal Moor, junto a Manchester, em Setembro de 1838, com o propósito de eleger delegados locais para a Convenção Nacional Cartista. John Fielden presidia, Stephens e O' Connor eram os principais oradores. Durante o resto de 1838, realizaram-se regularmente encontros em toda a região de Lancashire, muitos deles à noite e à luz de archotes ("torchlight meetings"). A classe média de Manchester ficava verdadeiramente alarmada com estas manifestações; ao ver multidões enormes e oradores exaltados, acreditava que se estava apenas a um passo da destruição incendiária de fábricas. O próprio O' Connor era conhecido como tendo afirmado o seguinte: "One of those torches (pointing at one near at hand) was worth a thousand speeches: it spoke a language so intelligible that no one could misunderstand."⁸¹ Tendo a Petição Nacional ("The Charter") sido rejeitada pelo Parlamento, várias ameaças de violência efectiva surgiram no decurso de 1839. Os Cartistas resolveram organizar o que eles designaram como um "National Holiday"

⁷⁸ *Northern Star*, 10 de Agosto de 1839. Briggs, pág. 40.

⁷⁹ O movimento a que, posteriormente, se deu o nome de "Cartismo" teve origem na "London Working Men's Association" (LWMA, 1836), cujos membros elaboraram uma petição a ser submetida ao Parlamento (1837), contendo seis pontos fundamentais: Sufrágio Masculino Universal, Parlamentos Anuais, Voto Secreto, Não-requisito de Propriedade, vencimentos para os Membros, e Distritos Eleitorais Iguais. Tendo sido assinada por mais de 3.000 pessoas, esta petição foi publicada em 1838, sob o título de "The People's Charter".

⁸⁰ R. Cobbett era um solicitador, filho de um pai famoso, William Cobbett.

⁸¹ Num encontro em Rochdale, em Novembro. *Manchester Guardian*, 10 de novembro de 1838. Briggs, pág. 45.

(uma greve mais prolongada). Esta nova determinação voltou a alarmar a população burguesa, e desta vez as autoridades municipais efectuaram muitas prisões. Num encontro nacional de delegados, em Manchester, tomou-se a resolução de formar a "National Charter Association"(1840), que iria dominar o movimento com significativa força política. Durante o Outono de 1841, O' Connor deu uma série de palestras na viagem que realizou ao norte. Muitos operários têxteis depositaram de novo esperanças na reforma política na expectativa de diminuir os seus problemas económicos. Desta vez, o movimento conseguiu o apoio de várias associações sindicais.⁸² Mas a Petição Nacional não conseguiu alcançar o seu objectivo, tendo sido liminarmente rejeitada pelo Parlamento.

Dado que agora a recessão económica tinha atingido o seu ponto máximo, os operários têxteis começaram a desesperar mais uma vez. No Verão de 1842, nos distritos fabris, "Hungry and half-clothed men and women were stalking through the streets begging for bread."⁸³ A ameaça de uma redução nos salários, já demasiado baixos, fez alastrar uma greve por todos os distritos têxteis; o mote era: "a fair day's wage for a fair day's work"⁸⁴. As acções mais radicais consistiram em retirar as válvulas das caldeiras em funcionamento, nas fábricas.⁸⁵ Embora os Cartistas tivessem dado apoio a estas greves⁸⁶, o seu público estava agora mais interessado nas questões económicas imediatas.⁸⁷

Entre 1842 e 1846, uma grande mudança ocorreu na atmosfera social da região. O sentimento de hostilidade dos operários em relação aos patrões começou finalmente a diminuir. Esta mudança de atitude deveu-se sobretudo a uma retoma da prosperidade comercial. Deu-se, igualmente, um reavivar da agitação sindicalista —

⁸² Por exemplo, sessenta e quatro delegados sindicalistas participaram num encontro Cartista em Manchester, em Março de 1842.

⁸³ *Manchester Times*, 9 de Julho de 1842. Briggs, pág. 53.

⁸⁴ *Manchester Guardian*, 10 de Agosto de 1842. Briggs, pág. 53.

⁸⁵ Daí que o nome dado ao movimento tenha sido "Plug Plot" ou "Plug Riots".

⁸⁶ No encontro nacional de delegados Cartistas realizado em Manchester, em Agosto, com a presença de dirigentes como O' Connor, McDouall, e Cooper, foi tomada a resolução de levar os grevistas a permanecer em greve até à aprovação da "Carta".

⁸⁷ Ver Anexo H.

depois de 1842, muitos operários da região trocaram os ideais Cartistas pela acção sindical directa.⁸⁸ Outro fenómeno que ajudou a estreitar o fosso entre as classes foi o apoio popular conseguido pela "Anti-Corn Law League", e pelos esforços reformistas da classe média; alguns patrões tornaram-se mesmo menos rígidos na sua política económica. O novo espírito de cordialidade e de conciliação alastrou a todos os quadrantes, incluindo os sindicatos.⁸⁹

Por volta de 1847, a uma nova vaga de emigrantes irlandeses e ao desemprego em massa, sucedeu um grave surto de cólera. Deste modo, em Maio de 1848, deu-se uma série de tumultos e rebeliões, em Manchester, sobretudo depois da tentativa governamental de aí abrir uma "workhouse". No entanto, se na Europa aquele era o ano das revoluções,⁹⁰ em Lancashire não se deu nenhuma revolução Cartista. A apresentação de uma Petição Nacional (a 10 de Abril) terminou num verdadeiro fiasco. Para todos os efeitos, o Cartismo em Manchester tinha-se dissolvido.⁹¹

Elizabeth Gaskell, contemporânea de todo o processo que levou primeiro ao surgimento do Cartismo em Manchester e depois ao seu desaparecimento, optou por apresentar no seu primeiro romance, *Mary Barton*, o retrato de um trabalhador que se embrenhou na causa Cartista (John Barton). As esperanças de 1839 e o desespero da classe trabalhadora quando os seus métodos pacíficos da sua petição foram assim repudiados, constituem o cerne daquela obra de Gaskell. A altura em que o romance foi publicado também não foi accidental, tal como Gaskell dá a entender no Prefácio: "the state of feeling among too many of the factory-people in Manchester [...] has

⁸⁸ As associações sindicais mais proeminentes eram a "Lancashire Colliers' Union", "The Associated Operative Cotton Spinners Union" e a "Building Trades Union".

⁸⁹ Ver Briggs, págs. 58-61.

⁹⁰ Nos anos de 1846-48, as más colheitas de trigo e batata, e a consequente crise comercial, contribuíram decisivamente para a queda da maioria dos sistemas políticos da Europa. Esta foi varrida por inúmeras revoluções: o levantamento popular na Polónia em 1846, a revolução Republicana de 1848 em França, e outras (por exemplo, na Hungria).

⁹¹ Ver Briggs, págs. 61-64. Sobre este assunto, ver ainda D. Thompson, *The Chartists*, 1984, (Capítulos 3, 6, 9, 10, 11); J. Epstein e D. Thompson (eds.), *The Chartist Experience*, 1982, (Capítulos 1, 2 e 5).

received some confirmation from the events which have so recently occurred among a similar class on the Continent."⁹²

Gaskell tencionava inicialmente dar ao seu romance o título de *John Barton*, tendo afirmado que o personagem John Barton era o único baseado num protótipo real: "Round the character of John Barton all the others formed themselves; he was my hero, *the* person with whom all my sympathies went, with whom I tried to identify myself at the time, because I believed from personal observation that such men were not uncommon, and would well reward such sympathy and love as should throw light down upon their groping search after the causes of suffering, and the reason why suffering is sent, and what they can do to lighten it ...".⁹³ O destino de Barton — desemprego, miséria, crime, e morte — tornou-se representativo de uma classe de homens que, desesperados e revoltados com certas injustiças, procuraram formas de luta mais directas.⁹⁴

"Resolute either for good or evil"⁹⁵, J. Barton tornou-se assim "chairman at many a trades' union meeting; a friend of delegates, and ambitious of being a delegate himself; a Chartist, and ready to do any thing for his order."⁹⁶ Quando se viu obrigado a trabalhar menos horas, e o seu amigo Wilson desempregado, Barton "was out of spirits and depressed. [...] morose, and soured towards mankind as a body, and the rich in particular."⁹⁷ A insatisfação dele manifesta-se novamente numa conversa com Wilson: "You'll say (...) they'n gotten capital an' we'n gotten none. I say, our labour's our capital and we ought to draw interest on that. [...] They'n screwed us down to th' lowest peg, in order to make their great big fortunes, [...] Can you say there's nought wrong in this?"⁹⁸

⁹² *M.B.*, pág. 38.

⁹³ Gaskell, numa carta dirigida a Mrs. Sam Greg, em 29 de Maio de 1849. Citada em Sharps, *op. cit.*, pág. 56.

⁹⁴ Na época, John Barton foi também identificado com um personagem real — um fiandeiro de algodão que Gaskell conheceu.

⁹⁵ *Mary Barton*, Cap. 1, pág. 41.

⁹⁶ *M.B.*, Cap. 3, pág. 61.

⁹⁷ *M.B.*, Cap. 6, pág. 97.

⁹⁸ *M.B.*, pág. 104.

Os hábitos de um trabalhador empenhado no conhecimento das causas que o oprimem e na procura de soluções para os seus sofrimentos, estão perfeitamente caracterizados em Barton: " ... he sat smoking his pipe by the fire, while he read an old 'Northern Star', borrowed from a neighbouring public-house."⁹⁹ Tendo lido por acaso algo escrito por um médico acerca das condições de trabalho nas fábricas, Barton diz: " [...] this I know, that by far th' greter part o' th' accidents as comed in, happened in th' last two hours o' work, when folk getten tired and careless."¹⁰⁰ Mas ele mantém certas expectativas: "Working folk won't be ground to the dust much longer [...] So, if th' masters can't do us no good, [...], we mun try higher folk."¹⁰¹ Assim, Gaskell descreve a tentativa patética destes de dar a conhecer ao Governo as suas misérias: "They could not believe that the government knew of their misery [...] the starving multitudes had heard that the very existence of their distress had been denied in Parliament, [...] So a petition was framed, and signed by thousands in the bright spring days of 1839, imploring Parliament to hear witnesses who could testify to the unparalleled destitution of the manufacturing districts."¹⁰²

Um dos delegados — "Life-worn, gaunt, anxious, hunger-stamped men"¹⁰³ — era John Barton. A sua participação nestas actividades é cuidadosamente apontada por Gaskell, assim como os seus sentimentos: "There was [...] the really pure gladness of heart, arising from the idea that he was one of the chosen to be instruments in making known the distresses of the people"¹⁰⁴. Na véspera da sua partida para Londres, Barton recebe os amigos em sua casa; e todos lhe dão sugestões: "... do ask' em to make th' masters break th' machines. There's never been good times sin' spinning-jennies came up.", "I would like thee to tell' em to pass th' short-hours' bill." Mas Barton diz apenas: "I'm afeard, neighbours, [...], I've not much chance o' telling

⁹⁹ *Ibid.*, Cap. 8, pág. 123. O jornal lido por Barton pertencia a um dos dirigentes Cartistas mais radicais, Feargus O' Connor.

¹⁰⁰ *Ibid.*, pág. 125.

¹⁰¹ *Id. Ibid.*

¹⁰² *M.B.*, pág. 127. Gaskell refere-se aqui à primeira apresentação da petição Cartista, cujo Preâmbulo relatava a situação desesperada dos distritos industriais.

¹⁰³ *Id. Ibid.*

¹⁰⁴ *Id. Ibid.*

'em all yo say';¹⁰⁵ O seu regresso a casa depois da apresentação da petição seria, na verdade, marcado pelo insucesso: "Parliament had refused to listen to the working-men"; apesar de não querer falar do assunto, ele não consegue esconder a sua amargura: "As long as I live, our rejection that day will abide in my heart; and as long as I live I shall curse them as so cruelly refused to hear us;"¹⁰⁶.

Depois do que aconteceu, diz-nos Gaskell, Barton não conseguiu voltar ao seu trabalho, ficando assim desempregado: "when he asked leave to resume work, he was told they were diminishing their number of hands every week, and he was made aware by the remarks of fellow workmen, that a Chartist delegate, and a leading member of a Trades' Union, was not likely to be favoured in his search after employment."¹⁰⁷ Sua filha, Mary, foi forçada a vender ou empenhar praticamente todo o recheio da casa. Mas Barton mostrava-se ressentido e indiferente, recusando quer a assistência social da "workhouse" quer a do sindicato: "I don't want money child! D—n their charity and their money! I want work, and it is my right."¹⁰⁸

Apesar de todas as contrariedades e privações, Barton não deixou de ser quem era; o homem empenhado numa causa. Quando Mary agora olhava para fora da janela à noite, via: "Strange faces of pale men, with dark glaring eyes, peered into the inner darkness, and seemed desirous to ascertain if her father were at home. Or a hand and arm (the body hidden) was put within the door, and beckoned him away. He always went." E, de forma típica, Gaskell comenta: "They were all desperate members of Trades' Unions, ready for anything; made ready by want."¹⁰⁹

À medida que as condições económicas dos trabalhadores pioravam de dia para dia, também o estado de espírito de Barton se ia deteriorando. Gaskell descreve a progressiva alienação da mente daquele homem: "The mind became soured and morose, and lost much of its equipoise. It was no longer elastic, [...], it ceased to

¹⁰⁵ *M.B.*, págs. 128-130.

¹⁰⁶ *Ibid.*, Cap. 9, págs. 141-145.

¹⁰⁷ *M.B.*, Cap. 10, pág. 158.

¹⁰⁸ *Ibid.*, pág. 159.

¹⁰⁹ *Ibid.*, pág. 162.

hope. And it is hard to live on when one can no longer hope"¹¹⁰. Embora Barton não faça outra coisa senão pensar no mistério das desigualdades e injustiças deste mundo, Gaskell parece considerar (numa das suas habituais intrusões) que o raciocínio daquele é erróneo: "No education had given him wisdom; and without wisdom, even love, [...], too often works but harm. He acted to the best of his judgement, but it was a widely-erring judgement."¹¹¹

Daqui em diante, Gaskell vai descrever a "descida aos infernos" ou a "queda" do seu herói; "John Barton became a Chartist, a Communist"¹¹², all that is commonly called wild and visionary."¹¹³ Muito embora a autora admire o carácter deste homem — "being visionary is something. It shows a soul, [...]; a creature who looks forward for others,"¹¹⁴ — não se deixa convencer pelo recurso a certas formas de protesto, como a greve e a violência. Assim, numa das ocasiões em que os patrões resolvem baixar os salários para poderem competir com os preços estrangeiros, os trabalhadores deliberam que desta vez farão greve: "And the workmen sat silent and stern with folded hands refusing to work for such pay. There was a strike in Manchester."¹¹⁵ John Barton foi eleito para o comité grevista, enquanto delegados sindicalistas de Glasgow e Nottingham vieram ajudá-los, inclusive com dinheiro, a manter o espírito de resistência.

Segundo Gaskell, as 'más' acções dos sindicatos começaram quando outros trabalhadores (neste caso os tecelões mais pobres) foram por eles impedidos, por vezes de forma violenta, de prosseguir com as suas tarefas. Gaskell critica: "But they had no right to tyrannize over others,"; "Combination is an awful power [...] capable of almost unlimited good or evil"¹¹⁶. Barton reúne-se com os outros representantes e

¹¹⁰ *Ibid.*, Cap. 15, págs. 218-219.

¹¹¹ *Id. Ibid.*

¹¹² É importante aqui ignorar a maioria das conotações modernas da palavra. Para E. Gaskell, em 1848, a palavra derivaria o seu sentido mais das experiências comunitárias de Robert Owen (1771-1858) e de François Fourier (1772-1837) do que de Marx e Engels.

¹¹³ *M.B.*, pág. 220.

¹¹⁴ *Id. Ibid.*

¹¹⁵ *M.B.*, págs. 221-222.

¹¹⁶ *Ibid.*, pág. 223.

tenta convencê-los de que em vez de atacarem os 'fura-greves' (nomeadamente com ácido sulfúrico), deviam atacar os próprios patrões. Então, Gaskell descreve elaboradamente a forma como "they built up a deadly plan. Deeper and darker grew the import of their speeches, ... glaring, with eyes that told the terror ... Their clenched fists, their set teeth, their livid looks, ... in the contemplation of crime, [...] Then came one of those fierce terrible oaths which bind members of Trades' Unions to any given purpose."¹¹⁷ Depois de tirarem à sorte, é Barton quem fica encarregado (em segredo) de executar o plano, que consistia em assassinar Harry Carson. Assim, Gaskell dá a entender que a influência dos sindicatos ou das organizações laborais pode ser nefasta para homens já revoltados, como Barton. No entanto, no romance, ela apresenta um outro personagem que, apesar de pertencer à mesma organização sindical, não partilha das opiniões de Barton. O velho Job Legh, um verdadeiro amador de botânica, não se cansa de apontar as suas razões: "I were obliged to become a member [of the Union] for peace, else I don't go along with 'em. [...] now that's not British liberty, I say. I'm forced to be wise according to their notions, else they persecute me, and starve me out."¹¹⁸

Em *North and South*, estas questões são abordadas por Gaskell de forma mais cautelosa. Depois das revoluções continentais de 1848 (e do perigo eminente do Cartismo), o seu intervencionismo filantrópico tornou-se mais moderado. Assim, nota-se neste romance a preocupação da autora de evitar que as suas palavras possam de algum modo incitar à violência ou à luta de classes. Gaskell também tinha sentido profundamente as críticas que os patrões lhe tinham dirigido depois da publicação de *Mary Barton*. Parece, então, ter resolvido considerar a questão laboral não só do ponto de vista dos trabalhadores mas também (e sobretudo) do dos patrões, num contexto de maior prosperidade e harmonia social.

Neste novo romance, o conhecimento pessoal que Gaskell tem dos trabalhadores de Manchester é revelado no carácter de Nicholas Higgins, um dos

¹¹⁷ *M.B.*, Cap. 16, pág. 241.

¹¹⁸ *Ibid.*, Cap. 17, págs. 249-250.

representantes sindicais mais activos. "An excellent representative of a Lancashire operative"¹¹⁹, o obstinado e prático tecelão é tão directo e independente como o próprio patrão, John Thornton; como este, Higgins vê as relações entre patrões e operários como uma verdadeira batalha. O acontecimento mais importante do romance, em que ele participa, é uma greve de grandes proporções e duração. Enquanto que em *Mary Barton* a greve traz consigo desastre, em *North and South* ela serve para clarificar a situação de ambas as partes. O poder acrescido das organizações sindicais a partir da década de 1850 revela-se claramente neste romance; é o próprio Thornton que se refere ironicamente à possibilidade de os patrões terem de ir com toda a humildade ao "Spinners' Union" pedir mão de obra aos preços por estes estipulados.¹²⁰ Esta possibilidade nunca teria sido colocada em *Mary Barton*, onde os sindicatos têm, na melhor das hipóteses, apenas um papel conspiratório.

O sindicato é para Higgins a sua principal fonte de confiança; com a sua força e meios, ele e os seus companheiros estão mesmo preparados para confrontar os patrões. Quando Margaret lhe põe a seguinte questão: "Why do you strike? [...]. Striking is leaving off work till you get your own rate of wages, is it not?"¹²¹, Higgins tenta explicar-lhe que a greve é a única arma de que os trabalhadores podem fazer uso para se defenderem: "Why yo' see, there's five or six masters who have set themselves again paying the wages they've been paying these two years past, and flourishing upon, and getting richer upon. And now they come to us, and say we're to take less. And we won't."¹²² Por outro lado, a entidade patronal representada por Thornton declara ter pena que os patrões já não possam usar certas armas para acabar com as greves: "I wish the old combination-laws were in force."¹²³

¹¹⁹ Sir William Fairbairn. Citado em Duthie, *The Themes of Elizabeth Gaskell*, 1990, pág. 77.

¹²⁰ *North and South*, Cap. 18, pág. 195.

¹²¹ *N.S.*, Cap. 17 ("What Is a Strike?"), pág. 181.

¹²² *Ibid.*, pág. 182.

¹²³ *Ibid.*, Cap. 18, pág. 195. As "Combination Laws", aprovadas em 1799 e 1800, proibiam qualquer pessoa de se juntar com outras para obter aumentos de salários ou diminuir o horário de trabalho, ou ainda incitar à greve.

Tal como em *Mary Barton*, Gaskell tenta demonstrar que as acções grevistas decretadas pelas organizações sindicais podem ter efeitos extremamente nefastos sobre a população trabalhadora, especialmente aquela que se encontra mais carenciada. Uma família, em particular, não consegue suportar as crescentes dificuldades e privações provocadas pela falta de salário daquele que a mantém, John Boucher. E, apesar da solidariedade demonstrada pelos vizinhos (entre eles, Higgins), aquele acaba por se suicidar, numa atitude de desespero e impotência. No entanto, Gaskell também mostra que, perante as mesmas circunstâncias adversas, há homens que conseguem manter-se firmes na sua posição inicial; é o caso de Higgins: "I say again, there's no help for us but having faith i' th' Union."¹²⁴

Embora a intenção do sindicato não seja a de recorrer a métodos violentos para atingir os seus objectivos, pois tem consciência de que isso iria prejudicar o apoio do público, a verdade é que se tornou mais difícil controlar o desenrolar da greve do que estava previsto. Assim, Thornton resolve chamar trabalhadores irlandeses para tomar os lugares dos grevistas na sua fábrica, Marlborough Mills. Visto que aqueles não se importam de trabalhar por salários mais baixos, esta atitude é suficiente para provocar uma violenta confrontação. Gaskell faz a descrição da atmosfera carregada e do progressivo levantamento popular, testemunhados por Margaret Hale¹²⁵. Descreve igualmente a violência latente da multidão, já em frente aos muros e portões da fábrica, e a ameaça quer para os operários irlandeses aí refugiados quer para a própria família de Thornton: "... an increasing din of angry voices raged behind the wooden barrier, which shook as if the unseen maddened crowd made battering-rams of their bodies ... till their great beats made the strong gates quiver, like reeds before the wind."¹²⁶ Depois dos portões terem finalmente cedido, Thornton dá-se conta de que é a ele que, no fundo, os trabalhadores amotinados pretendem chegar e resolve enfrentá-los sózinho, mas: "As soon as they

¹²⁴ N.S., Cap. 19, pág. 207.

¹²⁵ N.S., Cap. 21, pág. 226.

¹²⁶ *Ibid.*, Cap. 22, pág. 229.

saw Mr Thornton, they set up a yell, — to call it not human is nothing, — it was as the demoniac desire of some terrible wild beast for the food that is withheld from his ravening."¹²⁷ É naquele preciso momento que um destacamento de soldados intervem para dispersar a multidão e prender os instigadores.¹²⁸

Depois deste acontecimento, Gaskell descreve os sentimentos de vingança do patrão Thornton (aliás, típicos da sua classe): "He clearly saw his object. Punishment and suffering, were the natural consequences to those who had taken part in the riot. All that was necessary, in order that the property should be protected, and that the will of the proprietor might cut to his end, clean and sharp as a sword."¹²⁹ No entanto, Gaskell mostra também o estado de espírito daqueles que tantas esperanças tinham depositado na greve. Bessy Higgins confessa a Margaret que seu pai não esteve presente no levantamento popular, embora tivesse sido designado como delegado sindical, mas que estava muito decepcionado com o sucedido, pois "the Committee charged all members o' th' Union to lie down and die, if need were, without striking a blow;". Desordeiros, como Boucher, tinham arruinado os intentos da greve e dado razão aos patrões: "He'd show the world that th' real leaders o' th' strike were not such as Boucher, but steady thoughtful men; good hands, and good citizens, who were friendly to law and judgement, ..." ¹³⁰.

Deste modo, em *North and South*, Gaskell procura dar uma imagem imparcial do conflito de classes, no sentido em que tenta analisar e comparar os argumentos de ambas as partes (patrões e operários), sem tomar partido imediato por esta ou aquela. Esta atitude está igualmente presente na seguinte cena: ao manifestar o seu repúdio pela coerção cruel do sindicato sobre os seus membros, Margaret compara a tirania destes à tirania exercida pelos patrões. Higgins, por sua vez, defende-se dizendo que os métodos por eles usados resultam da necessidade de união entre os trabalhadores para que possam sobreviver: "It's a withstanding of injustice, ~~past~~ present, or to

¹²⁷ *Ibid.*, pág. 232.

¹²⁸ *Ibid.*, págs. 233-236.

¹²⁹ *Ibid.*, Cap. 23, pág. 245.

¹³⁰ *N.S.*, Cap. 25, pág. 259.

come. It may be like war, along wi' it come crimes; but I think it were a greater crime to let it alone. Our only chance is binding men together in one common interest"¹³¹. No entanto, a posição final de Gaskell sobre este assunto parece estar presente na resposta de Mr Hale: "your Union in itself would be beautiful, glorious, — it would be Christianity itself — if it were but for an end which affected the good of all, instead of that merely of one class as opposed to another."¹³²

As organizações laborais, como os sindicatos e as chamadas "friendly societies"¹³³, constituíram em primeiro lugar uma resposta face a uma necessidade prática. Para que pudessem sobreviver e manter um certo grau de independência num ambiente sócio-económico hostil, os trabalhadores tiveram que recorrer a determinadas acções colectivas: "Through trade unions labour aristocrats could defend their interests against the superior power of employers. Through friendly societies the mass of working men could pool meagre resources and make provision against misfortune."¹³⁴ Sob vários aspectos, tanto os sindicatos como aquelas associações de amizade e entre-ajuda se encontraram em total dissonância com a classe média dominante e a sua ideologia.

Tal como Elizabeth Gaskell acabou de demonstrar em *North and South* (e, em certa medida, também em *Mary Barton*), os sindicatos dos ofícios eram pontos fulcrais de conflito de classes numa sociedade que, paradoxalmente, exaltava a harmonia social. Quando um patrão se confrontava com um sindicato acabado de formar, passava a destruí-lo o mais rapidamente possível, incluindo métodos como "lock-outs" (greve de patrões), opressão, repressão legal, 'fura-greves' ("blacklegs"), e listas negras. Embora o progresso económico tivesse contribuído para um relaxamento das tensões das décadas de 1830 e 1840, tinha também criado as

¹³¹ *Ibid*, Cap. 28, págs. 295-296.

¹³² *Id. Ibid*.

¹³³ Tendo a sua verdadeira origem nas corporações medievais, as "Friendly Societies" tinham esquemas de ajuda mútua em tempo de doença, desemprego, morte, ou outro tipo de calamidade. A partir de 1817, tinham já um banco de poupanças. Em termos numéricos, eram as instituições laborais mais representativas. A maior era a "Manchester Unity of Oddfellows". Ver Anexo I.

¹³⁴ Tholfson, *Working Class Radicalism in Mid-Victorian England*, 1976, pág. 268.

condições para o crescimento das organizações sindicais. Assim, durante as décadas seguintes (1850 e 1860), os conflitos laborais tornaram-se predominantes; mas agora os trabalhadores organizavam-se para reivindicarem colectivamente.¹³⁵

Ironicamente, a própria actividade sindical representava uma negação da tão badalada harmonia social, uma das imagens mais queridas dos vitorianos. *North and South* é uma prova real disso, pois o sindicalista Higgins, o personagem de Gaskell, representa essa destruição de um quadro idealizado das relações entre patrões e operários, ou seja, da dependência afectiva do servo em relação ao seu senhor. Agora, quando as acções repressivas se faziam sentir, os trabalhadores já não estavam dependentes da caridade burguesa. As suas organizações, para as quais contribuíam regularmente com uma pequena quantia, providenciavam apoio financeiro para as vítimas de todo o tipo de perseguição pós-grevista. Além de permitirem a procura de melhores salários e condições, as organizações sindicais tiveram um grande papel no impulso radical dado à auto-estima, à independência e à igualdade; factores que contribuíram decisivamente para uma consciência de classe.¹³⁶

¹³⁵ Uma destas organizações, "The Amalgamated Society of Engineers" ilustra o padrão básico das relações laborais na sociedade médio-vitoriana, tendo realizado uma longa e aguerrida greve em 1851. As greves na indústria de algodão foram também consideráveis durante a década de 1850, embora os patrões desta indústria fossem os primeiros a aceitar o movimento sindicalista.

¹³⁶ Sobre este assunto ver Tholfson, págs. 268-278.

O ROMANCE DA "FALLEN WOMAN" — MARY BARTON E RUTH

3.1 A Situação da Mulher Trabalhadora (1830-1850)

Por volta de meados do século XIX, o trabalho feminino remunerado abarcava sobretudo três categorias. O serviço doméstico constituía de longe a maior e estava em progressivo crescimento. A seguir vinha o trabalho fabril (uma área importante para algumas mulheres da classe trabalhadora), sobretudo na indústria têxtil. E, finalmente, as áreas ligadas aos ofícios de vestuário e à costura (trabalho desempenhado em oficinas próprias ou ao domicílio). Estes três grupos constituíam oitenta por cento do total de mulheres trabalhadoras, por volta de 1851. Em contraste, o número de trabalhadoras registado nas ocupações agrícolas e florestais mostrou tendência para uma redução drástica.¹

A partir da década de 1820, a mecanização da tecelagem trouxe pela primeira vez, em grande números, trabalhadores do sexo feminino para as fábricas têxteis: "The individuals employed at them are chiefly girls and young women from 16 to 22 or 23 years of age; indeed the weavers in many mills are exclusively females ..."². As tarefas desempenhadas pelas mulheres eram diferentes das dos homens: definidas como menos especializadas, eram também as pior remuneradas (os salários rondavam os 5s. a 11s. por semana). Nas fábricas de algodão da região de Lancashire, as mulheres empregadas eram, na sua maioria, solteiras; e as casadas faziam parte de uma minoria mais pobre: "the majority of the girls who attended the power looms in the 'thirties and 'forties were the daughters of distressed handloom weavers who entered the factory to better their prospects; and the married women, [...] were wives

¹ Ver Jane Rendall, *Women in an Industrializing Society: England 1750-1880*, 1990, pág. 55. Neste livro, os números apontados para o ano de 1851 são os seguintes: Agricultura, horticultura e florestação (229 mil); indústrias têxteis (635 mil); vestuário (491 mil); serviços pessoais e domésticos (1.135).

² *The Manufacturing Population of England* (1833), pág. 182. Citado em Pinchbeck, *Women Workers and the Industrial Revolution, 1750-1850*, 1981, pág. 184.

of weavers, forced by bitter necessity to leave their homes."³ Elas trabalhavam como tecelãs em teares mecânicos ou em actividades preparatórias como a cardação. Enquanto os filhos eram demasiado pequenos para trabalhar (ou quando o pai tinha um emprego precário), a família da classe trabalhadora passava muitas privações, e a mãe era forçada a trabalhar.⁴ Visto que, por volta de 1851, a proporção de mulheres casadas nesta indústria tinha aumentado significativamente, a sua situação e elas próprias passaram a ser objecto de condenação por parte de alguns observadores do sistema fabril.

Durante as décadas de 1840, 1850 e até 1860, reformistas sociais e políticos de todos os quadrantes, assim como romancistas, procuraram chamar a atenção para o contraste existente entre as suas próprias vidas familiares e as condições encontradas nos distritos industriais do norte. Alguns estudos focavam de modo um pouco sensacionalista a ausência das esposas que estavam empregadas e a consequente desagregação dos lares, assim como a frustração dos maridos desempregados por não poderem ser eles a sustentá-las.⁵ Do mesmo modo, nenhum dos romances industriais de Elizabeth Gaskell (*Mary Barton* e *North and South*) contém um retrato favorável de uma trabalhadora fabril: pelo contrário, a autora parece lamentar os salários 'altos', o sentido de independência, e a falta de treino nas tarefas domésticas, que caracterizavam a jovem operária.

Tanto os observadores da classe média como os da classe trabalhadora estavam preocupados em defender a situação dos trabalhadores adultos masculinos; caso o processo de mecanização continuasse, eles recebiam a competição da mão de obra feminina e infantil.⁶ Deste modo, a legislação subsequente procurou limitar não

³ S. C. on *Handloom Weavers*, 1834. Pinchbeck, pág. 185.

⁴ Quando existia a alternativa de levar o trabalho para casa, as mulheres não procuravam emprego nas fábricas. Ver Rendall, pág. 59.

⁵ Dois estudos importantes que abordaram esse assunto foram os seguintes: *The Manufacturing Population of England* (1833) do Dr. Peter Gaskell, e *Condition of the Working Classes in England in 1844* (1845) de Friedrich Engels.

⁶ Uma das poucas primeiras organizações sindicais dentro das fábricas, o sindicato dos fiandeiros de algodão de John Doherty, excluiu explicitamente as mulheres a partir de 1829.

apenas o trabalho infantil mas também o das mulheres (na verdade, estas eram consideradas pouco mais do que crianças): por exemplo, o "Factory Act" de 1844 excluiu pela primeira vez as mulheres do trabalho nocturno e limitou as suas horas de trabalho diário para apenas doze. Tanto os reformistas sociais como os sindicalistas se opunham à extensão do trabalho feminino, especialmente nas áreas onde ele pudesse interferir com os interesses dos trabalhadores masculinos.⁷ Os seus argumentos baseavam-se nas seguintes 'premissas': "home, its cares and its employments, is woman's true sphere", "women brought up in factories cannot make a shirt, darn a stocking, cook a dinner or clean a house"⁸.

No que respeita aos ofícios tipicamente femininos, deu-se uma progressiva exclusão das mulheres dos empregos mais especializados (sobretudo na área da alfaiataria). Por outro lado, existiam poucas possibilidades de as jovens se tornarem aprendizes na confecção de vestidos, nas modistas de chapéus ("milliners") e de capas ("mantua makers"). Estes eram geralmente estabelecimentos pequenos, geridos por mulheres; embora pudessem servir uma clientela elegante e empregar costureiras especializadas ("seamstresses"), requeriam geralmente longas horas de trabalho e ofereciam salários de miséria.⁹ Não admira que poucas mulheres estivessem dispostas a trocar a sua situação "with the ill-used genteel little slaves, who have to lose sleep and health, in catering to the whims and frivolities of the butter-flies of fashion."¹⁰ Por outro lado, a crescente procura de vestuário barato e prático — sobretudo pelos homens — criou uma nova indústria de sub-contratação de costureiras que faziam roupas em série, ao domicílio.¹¹ Estes eram os chamados "sweated trades" pelo

⁷ O facto de que a maioria das mulheres da classe média partilhava desta opinião, indica a forte influência dos padrões religiosos burgueses. A autoridade masculina deveria manifestar-se tanto em casa como no local de trabalho; incluindo as tarefas de supervisão e a gestão paternalista da fábrica.

⁸ "Short Time Committee", *Manchester and Salford Advertiser*, 1842. Citado em Pinchbeck, pág. 200.

⁹ A área da moda constituía uma das poucas hipóteses das mulheres se tornarem independentes como mulheres de negócio.

¹⁰ *Examiner*, 1832. Pinchbeck, pág. 200.

¹¹ Nos principais centros urbanos — Leeds, Manchester, Liverpool, Birmingham — havia importantes indústrias de vestuário que sub-contratavam mulheres dos distritos rurais.

trabalho árduo que implicavam. Segundo os filantropos da época, estas eram também as profissões que mais levavam as mulheres a praticar a prostituição ocasional, pois não satisfaziam as suas necessidades básicas.¹²

A partir de meados do século, começaram a surgir novas ocupações que se coadunavam melhor com a concepção vitoriana da mulher. Segundo esta concepção, o trabalho deveria ser limpo, leve, respeitável, e desempenhado principalmente entre outras mulheres: o trabalho físico pesado e os perigos morais da mistura com muitos homens foram, assim, evitados. Por outro lado, as jovens mais instruídas da classe trabalhadora (alta) e da classe média começaram a ter acesso ao ensino público ou privado, como professoras ou perceptoras ("governesses"). Embora as fases iniciais da industrialização tivessem provocado uma descida nos índices de alfabetismo feminino nas regiões mais afectadas (em Manchester, por exemplo, desceu de 29 por cento na década de 1750, para apenas 19 por cento entre 1810 e 1820), por volta de 1844, os índices nacionais apontavam já para uma subida considerável de 52 por cento.¹³

O ano de 1857 assinala o apoio 'feminista' dado às mulheres trabalhadoras, que até então tinham suportado as condições mais indignas e os salários mais miseráveis; a "Association for the Promotion of the Employment of Women" inaugurou o seu centro, em ligação com o *Englishwomen's Journal*, em Langham Place. As revelações feitas sobre a situação das mulheres assalariadas levaram a consciência nacional a sair do seu habitual torpor; primeiro as costureiras, depois as operárias fabris, a seguir as governantas e finalmente as enfermeiras. As agitações a favor das costureiras e das operárias foram praticamente contemporâneas; assim, em 1844, foi formada a "Association for the Aid and Benefit of Dressmakers and

¹² Por exemplo, a situação das costureiras londrinas na década de 1840 era notoriamente dramática, devido ao elevado número de horas de trabalho diário a que eram obrigadas e aos reduzidos salários que recebiam.

Sobre este assunto, ver Rendall, págs. 64-70.

¹³ *Ibidem*, págs. 71-78.

Milliners".¹⁴ Entretanto, surgiram vários romances que defendiam a causa da mulher trabalhadora; as histórias que mais vendiam eram as que relatavam a situação das costureiras e das operárias.¹⁵

Apesar da enorme produção ficcional que relatava as dificuldades e privações destas mulheres, não se pode afirmar que estes romances abordavam o assunto de um ângulo marcadamente feminista. Mary Barton (a heroína de Gaskell), por exemplo, não se sentia atraída pela dignidade do trabalho feminino. Contentava-se com ser uma aprendiz de costureira, pois teria sido pior trabalhar numa fábrica; isto muito embora tivesse preferido ser casada do que ganhar a vida de uma forma tão penosa. Neste sentido, Elizabeth Gaskell apenas vem confirmar a atitude de outros comentadores da época que se opunham ao trabalho feminino.¹⁶

Na realidade, *Mary Barton* (1848) possui diversos testemunhos sobre os aspectos perniciosos do trabalho feminino, sobretudo daquele que conduz a deformações físicas e morais irremediáveis. Logo no início do romance, John Barton e George Wilson conversam sobre o desaparecimento de Esther, uma trabalhadora fabril e irmã da mulher de Barton, e Barton comenta: "That's the worst of factory work, for girls. They can earn so much when work is plenty, that they can maintain themselves any how. My Mary shall never work in a factory, that I'm determined on."¹⁷ No entanto, Barton é a favor do trabalho 'honesto', sobretudo para as mulheres: "I'd rather see her earning her bread by the sweat of her brow, [...] than be like a do-nothing lady, worrying shopmen all morning, and screeching at her pianny all afternoon, [...]"¹⁸.

¹⁴ Ver Patricia Thomson, *The Victorian Heroine. A Changing Ideal 1837- 1873*, 1978, págs. 66-68.

¹⁵ Como ilustração da popularidade daquelas histórias, ver os Anexos J e L.

¹⁶ É o caso de outro romancista, e político, Benjamin Disraeli: "We have removed woman from her sphere; we may have reduced wages by her introduction into the market of labour; but under these circumstances what we call domestic life is a condition impossible to be realised for the people of this country." (Citado em Patricia Thomson, *op. cit.* pág. 71).

¹⁷ *Mary Barton*, Cap. 1, pág. 43.

¹⁸ *M.B.*, pág. 44.

A atitude das próprias mulheres reflecte a ideia de que o trabalho na fábrica criou nelas certas deficiências; Jane Wilson, que ficou deformada devido a um acidente de trabalho quando ainda jovem, confessa a Mary: "I had been in a factory sin' five years old a'most, and I knew nought about cleaning, or cooking, let alone washing and such like work."¹⁹ Mary, por seu turno, diz-lhe que seu pai também não gosta que as mulheres trabalhem em fábricas; e Jane aproveita para condenar aquelas que continuam a trabalhar depois de casadas: "ay, nine men I know, as has been driven to th' public-house by having wives as worked in factories; [...] putting their little ones out at nurse, and letting their house go all dirty, and their fires all out;"²⁰. A velha Alice, sua irmã solteira, que trabalhara uma vida inteira como lavadeira (uma das ocupações mais duras na época) ao serviço das famílias burguesas de Manchester, corrobora aquela afirmação: "I say it's Prince Albert as ought to be asked how he'd like his missis to be from home when he comes in, tired and worn, and wanting some one to cheer him", e pergunta mesmo: "So why can't he make a law again poor folks' wives working in factories?"²¹.

Com estas recomendações na sua mente, a jovem Mary vê chegado o dia de ela própria, juntamente com seu pai, decidir o que vai fazer. Barton reflecte bastante sobre o assunto: "The factories being, [...] out of the question, there were two things open — going out to service, and the dressmaking business"²². Mas depressa as hipóteses se vão reduzindo, pois: "with his ideas and feelings towards the higher classes, he considered domestic servitude as a species of slavery; a pampering of artificial wants on the one side, a giving-up of every right of leisure by day and quiet rest by night on the other."²³ As ideias de Mary eram bastante mais ambiciosas; o que ela pretendia era casar-se bem e tornar-se uma 'senhora'. No entanto, estava disposta a considerar um emprego prévio: "a dressmaker's apprentice must (or-so Mary thought)

¹⁹ *M.B.*, Cap. 10, pág. 164.

²⁰ *Ibid.*, pág. 165.

²¹ *Ibid.*, págs. 165-166.

²² *Ibid.*, Cap. 3, pág. 61.

²³ *Id. Ibid.*

be always dressed with a certain regard to appearance; must never soil her hands, and need never redden or dirty her face with hard labour."²⁴ Gaskell mostra conhecer tanto as realidades de cada ocupação, como os sentimentos dos seus personagens em relação a elas.

Assim, Gaskell descreve a forma como a sua heroína se torna aprendiz de uma certa Miss Simmonds, "milliner and dressmaker", que trata as suas empregadas como "her young ladies". Mary iria trabalhar durante dois anos sem remuneração: "she was to be there by six, bringing her day's meals [...] Her time for returning home at night must always depend upon the quantity of work [...]".²⁵ A crítica social está assim implícita nas longas horas de trabalho, na falta de remuneração da aprendizagem, na má alimentação, nos perigos de regressar a casa à noite depois do trabalho. Ao longo do romance, Gaskell vai indicando ainda outros aspectos negativos desta ocupação: a deformação física (exemplificada por Margaret, amiga de Mary, que acabou por ficar cega por costurar à luz da vela); as 'más' influências, exemplificadas por Sally Leadbitter, uma colega de trabalho de Mary, que a tenta 'desviar' através da sua vaidade e colaboração com um 'sedutor'.

Mas o romance de Gaskell que melhor aborda a situação da costureira, os perigos e a exploração a que este grupo profissional estava sujeito, é sem dúvida *Ruth* (1853). Ruth Hilton, uma jovem de dezasseis anos, orfã de ambos os pais e a cargo de um "guardian", é colocada como aprendiz de modista no respeitável estabelecimento de Mrs Mason. Gaskell descreve o cenário onde a sua heroína é introduzida, do seguinte modo: "Two o'clock in the morning chimed [...] And yet more than a dozen girls still sat in the room into which Ruth entered, stitching away as if for very life, not daring to gape, or show any outward manifestation of sleepiness."²⁶ Esta é uma das ocasiões em que as jovens costureiras têm de trabalhar até tarde, pois os vestidos têm de estar prontos no dia seguinte para o baile de caça que vai ter lugar no condado.

²⁴ *M.B.*, pág. 62.

²⁵ *Ibid.*, pág. 63.

²⁶ Gaskell, *Ruth*, Cap. I, pág. 3.

Gaskell indica os seguintes contrastes: "frugal supper", "the scanty fireplace", e o estado físico e psicológico em que as jovens se encontram: "a deadened sense of life, consequent upon their unnatural mode of existence, their sedentary days, and their frequent nights of late watching."²⁷

O estado de espírito de Ruth é o de uma reclusa: "she sprang to the large old window, and pressed against it as a bird presses against the bars of its cage.", e nos momentos mais difíceis atinge o desespero: "Oh! how shall I get through five years of these terrible nights! in that close room! and in that oppressive stillness! which lets every sound of the thread be heard as it goes eternally backwards and forwards"²⁸. Gaskell mostra, assim, o realismo das emoções da jovem costureira. Mas também é capaz de, através de uma crítica velada, apresentar o carácter de Mrs Mason ("the slave-driver"). Esta também tinha as suas ideias sobre a justiça, comenta Gaskell: "but they were not divinely beautiful and true ideas; they were something more resembling a grocer's, or tea-dealer's ideas of equal right."²⁹. Mrs Mason regulava os seus assuntos domésticos com uma "pinching economy", de tal modo que aos domingos as jovens aprendizes não tinham sequer direito a uma refeição ou a um pouco de aquecimento. Gaskell pergunta: "What became of such as Ruth, who had no home and no friends in that large populous desolate town?", e responde: "She sat on, hungry and cold, trying to read her Bible,"³⁰.

Como iremos ver, a resposta à sua pergunta é bastante mais complexa pois constitui o problema central de *Ruth*, que será desenvolvido na segunda parte deste capítulo. Embora, ao longo do romance, Ruth vá ainda experimentar outras ocupações além da de costureira (Gaskell vai descrever o seu percurso até ela se tornar perceptora em casa dos Bradshaws, e finalmente até ela se oferecer como

²⁷ *Ibidem*, págs. 4 e 10.

²⁸ *Ibid.*, págs. 4 e 8.

²⁹ *Ibid.*, Cap. II, pág. 19.

³⁰ *Ibid.* Cap. III, págs. 34-35.

enfermeira voluntária durante um surto de cólera), a autora não pretende aqui fazer uma análise de outros grupos profissionais femininos.

3.2 Os Perigos da Sedução e da Prostituição: A 'Dupla Perspectiva'

Know the temptation ere you judge the crime!³¹

Then guard and shield her innocence,
Let her not fall like me;
'Twere better, Oh! a thousand times,
She in her grave should be.³²

Embora a sedução de raparigas inocentes da classe trabalhadora por libertinos da classe média não fosse um fenómeno constante, uma grande parte das prostitutas apontava geralmente a "sedução" como a causa imediata da vida que levavam.³³ A sequência estereotipada de raparigas seduzidas, grávidas, e abandonadas nas ruas, correspondia apenas a uma pequena minoria de mulheres que em última instância recorriam à prostituição. Em geral, o fenómeno da ilegitimidade parece ter constituído um problema social distinto da prostituição. A maioria das mães solteiras eram empregadas domésticas, rondando os vinte anos de idade, que não praticavam a prostituição.³⁴

Dentro dos principais factores que predispunham as mulheres a recorrer a tal escolha, estavam a pobreza e as circunstâncias difíceis de vida; "A great number of those young women (after twelve hours hard labour) being without friends are compelled to walk the streets at night, in order to make out a miserable existence"³⁵.

³¹ 'Street Walks', *Mary Barton*, Cap. 14, pág. 206.

³² Mote, *Mary Barton*, Cap. 10, pág. 157.

³³ "In a late-nineteenth-century survey, 2,836 out of 16,000 prostitutes gave 'seduction' as the immediate cause for their going on the streets; of this number only 659 said they had been seduced by a gentleman." (Judith Walkowitz, *Prostitution and Victorian Society. Women, Class, and the State*, 1991, Cap. 1, pág. 18).

³⁴ De acordo com os testemunhos apresentados à "Infant Life Protection Commission", 1871. Ver Walkowitz, págs. 18-19.

³⁵ "The Distressed Sempstress", in Louis James (ed.), *Print and the People 1819-1851*, 1976, p.322.

Uma característica determinante do passado social destas mulheres era o seu estatuto de orfãs ou de filhas pertencentes a famílias desintegradas. Sem uma ligação emocional a uma mãe ou a um pai, tornava-se mais fácil para uma jovem agir contra as normas convencionais. Por outro lado, as oportunidades extremamente limitadas abertas às jovens da classe trabalhadora, faziam com que elas fossem subvalorizadas socialmente, e até exploradas financeiramente. Outro factor determinante era constituído pelas grandes expectativas que elas alimentavam; as jovens eram atraídas pelas características da 'profissão': "nothing to do; plenty of money; your own mistress; perfect liberty; being a lady."³⁶

A maior parte das cidades vitorianas tinha pelo menos um bairro onde as mulheres 'públicas' tradicionalmente viviam, e faziam o seu 'comércio', entre uma população de trabalhadores pobres. Em Manchester, por exemplo, as prostitutas pobres estavam congregadas em Angel Meadow, onde residiam vendedores ambulantes, operários, e os irlandeses pobres. Como "outcast women", as prostitutas juntavam-se e adoptavam uma aparência exterior, e um estilo de vida, mais afluente que as distinguia das outras mulheres da classe trabalhadora. Os comentadores da classe média queixavam-se frequentemente de que "painted dressy women flaunting along the streets in dirty white muslin and greasy cheap blue silk"³⁷ exerciam uma influência perniciosa nas raparigas serventes da vizinhança.³⁸ Os operários também eram bastante hostis à presença das prostitutas, pois pretendiam proteger as suas famílias.

Por volta de 1850, a prostituição tinha-se tornado "the Great Social Evil" da nova era industrial, uma afronta à moralidade e uma ameaça à santidade da família e à ordem social. Na década de 1840, o estudo da prostituição atraiu em primeiro lugar

³⁶ Merrick, *Work Among the Fallen*, p. 39. Citado em Walkowitz, *op. cit.*, 1991, pág. 21.

³⁷ Ronald Pearsall, *The Worm in the Bud: The World of Victorian Sexuality*, 1969, pág. 283. Citado em Walkowitz, pág. 26.

³⁸ Sobre este assunto, ver Valverde, "The Love of Finery: Fashion and the Fallen Woman in Nineteenth Century Social Discourse", 1989.

individualidades religiosas³⁹, mas também reformadores morais e médicos 'Evangélicos'⁴⁰. Eles exigiam um padrão único de conduta sexual, condenando os casamentos de conveniência entre as classes altas. Como defensores da família patriarcal, encaravam as prostitutas como uma fonte constante de tentação, embora reconhecessem que os membros da sua classe fossem muitas vezes responsáveis pela 'queda' inicial daquelas mulheres.⁴¹ Os guardiões da "poor-law" que recusavam a assistência exterior às viúvas e às mães solteiras, e os comerciantes que pagavam mal às suas costureiras, também contribuíam indirectamente para levar essas mulheres para a 'rua'.

Por seu turno, os críticos da classe trabalhadora usavam a prostituição como tema de abertura da sua retórica condenatória da "corrupção" da 'velha ordem' imoral e da exploração nas relações de classe, sob o capitalismo industrial. O ataque aos 'sedutores' das classes altas foi importante na campanha contra as cláusulas da "New Poor Law" sobre a ilegitimidade. Socialistas e Cartistas afirmavam que essas leis tinham sido introduzidas para aliviar a responsabilidade daqueles que se recusavam a sustentar os seus filhos ilegítimos.⁴² Nas análises feitas pelos investigadores da época, as prostitutas eram tratadas como seres que tinham caído irreversivelmente em pecado; o destino daquelas mulheres só podia ser "premature Old Age and early Death"⁴³. O tratamento que lhes era dado era a repressão; eram banidas dos locais públicos, rotuladas como se de inimigos públicos, criminosos, ou párias, se tratasse. Em 1844, "A Bill for the Effectual Suppression of Brothels and Trading in Seduction and Prostitution" chegou a ser introduzida no Parlamento, mas acabou por não ser aprovada.

³⁹ São disso exemplo, os clérigos congregacionalistas William Bevan, Ralph Wardlaw, e Robert Vaughn.

⁴⁰ Como William Logan e J. B. Talbot, e Michael Ryan e William Tate, respectivamente.

⁴¹ Na verdade, a procura de prostitutas era feita essencialmente por homens das classes média e alta.

⁴² Ver Walkowitz, *op. cit.*, pág. 35.

⁴³ William Tait, *Magdalenism: An Inquiry into the Extent, Causes and Consequences of Prostitution*, 1840. Citado em Walkowitz, pág. 39.

Os escritores 'Evangélicos' da década de 1850⁴⁴ mostraram ter, por seu lado, uma visão bastante mais restrita e moralista do problema. Evitavam a discussão das causas económicas da prostituição, preferindo abordar a habitação insalubre e na educação moral inferior que aquelas mulheres possuíam. Para eles, a prostituição constituía uma desordem que ameaçava "infectar" as vizinhanças "saudáveis" da classe média. Por sua vez, a acção policial foi reforçada, tendo sido estimulada pela "Society for the Suppression of Vice". Retiraram, assim, do debate o conteúdo político que o problema tinha possuído anteriormente (nomeadamente, durante a agitação Cartista). Foi durante o revivalismo religioso desta década, que a luta contra "o grande mal" ganhou mais popularidade, alistando agora muitas mulheres da classe média (como Elizabeth Gaskell).

Os escritos de W. R. Greg e William Acton tiveram a sua importância no controle e regulação das doenças venéreas. Embora considerando as relações extra-conjugais perigosas para os homens, Greg também as via como naturais; ao passo que a promiscuidade feminina era encarada de forma diferente: "To many middle-class Victorian males there were indeed, two women: the pure one to be married, the other to be used. It was essential that there should be no meeting of the two"⁴⁵. Estes reformadores apenas pretendiam regular o funcionamento da prostituição de modo a não 'contaminar' as famílias burguesas. Nos seus escritos sobre a sexualidade e a prostituição, Acton também via este flagelo como inevitável e reconhecia a presença da prostituta como parte natural da cena urbana.⁴⁶ A atitude dos reformistas só confirma que "a large but hidden number of Victorians accepted the presence of a large body of prostitutes, not as a force against the *status quo* but rather as a supporter of it"⁴⁷. Assim, o esforço de relacionamento das causas da

⁴⁴ Os nomes mais conhecidos eram os dos reformistas William Rathbone Greg (industrial, amigo de Gaskell) e William Acton (médico eminente).

⁴⁵ Watt, *The Fallen Woman in the Nineteenth-Century English Novel*, 1984, pág. 8.

⁴⁶ William Acton, *Prostitution Considered in Its Moral, Social and Sanitary Aspects in London and Other Large Cities; with Proposals for the Mitigation and Prevention of Its Attendant Evils* (1857). Walkowitz, pág. 44.

⁴⁷ Watt, *op. cit.*, pág. 7.

prostituição com as estruturas sociais existentes foi muito debilitado por estas atitudes.⁴⁸

Em *Mary Barton*, Elizabeth Gaskell decidiu fazer dissipar um pouco o 'tabu' que rodeava aquelas mulheres desafortunadas, através do seu retrato compreensivo de uma prostituta — Esther. Neste romance, nota-se a tentativa de sondar a mente de uma mulher que perdeu a sua reputação, e transmitir a sua impotência desesperada perante a sua degradação; "To whom shall the outcast prostitute tell her tale? Who will give her help in the day of need? Hers is the leper-sin and all stand aloof dreading to be counted unclean ..." ⁴⁹. A causa da 'queda' de Esther era bastante usual e frequente na época — paixão e amor traído; na verdade, a sua história representa a versão estereotipada da prostituta. Através desta intriga secundária, Gaskell pretende inculcar nos seus leitores as qualidades cristãs da compaixão e do perdão.

John Barton, cunhado de Esther, é quem primeiro prevê o futuro dela; com a sua vaidade e o hábito de chegar a casa a altas horas da noite, a bela operária facilmente cairá na tentação: "I see what you'll end at with your artificials, and your fly-away veils, and stopping out when honest women are in their beds; you'll be a street-walker, Esther" ⁵⁰. Quando, depois da morte da sua mulher (pela qual ele culpa Esther), Barton a encontra na rua, fica horrorizado pelo seu aspecto alterado: "the glaring paint", "the gauze bonnet, once pink, now dirty white; the muslim gown, all draggled, and soaking wet up to the very knees", "her large, unnaturally bright grey eyes" ⁵¹. Mas a reacção de Barton é de repúdio e de desprezo por um membro da sua família ter escolhido aquele modo de vida. Não dá, assim, oportunidade a que ela se redima através de um experiente aviso de que a filha dele, Mary, corre um perigo semelhante ao dela: "How can I keep her from being such a one as I am; such a

⁴⁸ Sobre este assunto ver ainda Perkin, 1989, *Women and Marriage in Nineteenth-Century England* ("Rough and Ready Women"), e Thomson, 1978, *The Victorian Heroine*, ("The Social Evil").

⁴⁹ Gaskell, *Mary Barton*, Cap. 14, pág. 207.

⁵⁰ *M.B.*, Cap. 1, pág. 43.

⁵¹ *Ibid.*, Cap. 10, págs. 168-169.

wretched, loathsome creature!"⁵². Esther é depois encontrada por um polícia que, pensando que ela se encontrava embriagada, a leva para a esquadra; Gaskell descreve a má sorte desta mulher: "The next morning she was taken up to the New Bailey. It was a clear case of disorderly vagrancy, and she was committed to prison for a month."⁵³

Embora de carácter imperfeito, Esther é basicamente boa. Ela faz o possível por salvar a sua sobrinha, Mary, de um tipo de vida que a levaria finalmente à prostituição, e arrepende-se profundamente da sua própria situação. Num encontro com Jem Wilson, amigo e pretendente de Mary, Esther tenta avisá-lo de que aquela corre perigo: "I found our Mary went to learn dress-making, and I began to be frightened for her; for it's a bad life for a girl to be out late at night in the streets, and, after many an hour of weary work, they're ready to follow after any novelty that makes a little change."⁵⁴; e Esther concretiza os seus receios: "Mary's walks homewards were not alone. She was joined soon after she came out, by a man; a gentleman. I began to fear for her, for I saw she was light-hearted, and pleased with his attentions"⁵⁵. Assim, Esther compara a situação de Mary com a sua própria: "As she is loving now, so did I love once; one above me far."⁵⁶ Jem ouve então a história daquela mulher: Tendo partido com um oficial do exército para Chester, sob a promessa de aquele casar com ela, Esther tem uma filha. Passado algum tempo, ele teve que partir para a Irlanda, deixando-a só. Esther confessa: "Formerly I had earned it easily enough at the factory, and as I had no more sensible wants, I spent it on dress and on eating. While I lived with him, I had it for asking,"⁵⁷. A partir daí, a vida de Esther foi-se deteriorando de tal forma que nem dinheiro tinha para saciar a fome e

⁵² *Ibid.*, pág. 170.

⁵³ *Id. Ibid.*

⁵⁴ *M.B.*, Cap. 14, págs. 211-212.

⁵⁵ *Ibid.*, pág. 212.

⁵⁶ *Ibid.*, pág. 209.

⁵⁷ *Ibid.*, pág. 210.

cuidar da criança: "So I went out into the street, one January night", e pergunta: "Do you think God will punish me for that?"⁵⁸

Gaskell mostra que nem todos renegam uma mulher como Esther, apesar dos seus pecados. Jem não se limita a ouvi-la com compreensão, também quer salvá-la de tal vida; nele estão inerentes os sentimentos verdadeiramente cristãos que o resto da nação parece não possuir. A sua reacção é de ajuda espontânea: "Come home with me. [...] And tomorrow I will see if some honest way of living cannot be found for you." No entanto, Esther diz-lhe que é tarde demais para recomeçar uma vida nova, e dá-lhe as seguintes razões: "I could not lead a virtuous life if I would. [...] I must have drink. Such as live like me could not bear life if they did not drink. It's the only thing to keep us from suicide. If we did not drink, we could not stand the memory of what we have been"⁵⁹. E quando Jem lhe pergunta inocentemente onde ela vive, para se manter em contacto, ela responde amargamente: "And do you think one sunk so low as I am has a home? ... No, if you want me, come at night, and look at the corners of the streets about here. The colder, the bleaker, the more stormy the night, the more certain you will be to find me."⁶⁰ Quando Esther finalmente lhe diz que ainda vai a tempo de salvar Mary, mas que já não pode fazer nada por ela própria — "I am past hope" — Gaskell parece concordar com os reformistas seus contemporâneos na convicção de que a mulher que pratica a prostituição uma vez nunca mais poderá voltar a ser o que era; o seu destino foi inevitavelmente traçado e não existe retorno possível (pelo menos neste mundo).

As visitas frequentes que Elizabeth Gaskell efectuou a uma "mulher perdida" na prisão de New Bailey, em Salford, aumentaram substancialmente o seu conhecimento das condições físicas e mentais de tais "outcasts". Em *Mary Barton*,

⁵⁸ *Id. Ibid.*

⁵⁹ *Ibid.*, págs. 212-213. As razões apresentadas por Esther eram infelizmente comuns na época; as prostitutas refugiavam-se nas bebidas alcoólicas (tendo sido inicialmente forçadas a consumi-las) e frequentavam os chamados "gin palaces".

⁶⁰ *Ibid.*, pág. 214. Antes das reformas sanitárias de Greg e Acton se concretizarem e da assistência social a estas mulheres ter sido levada a cabo (através de centros de reabilitação), as prostitutas da classe trabalhadora pernoitavam muitas vezes nas ruas.

Gaskell atinge uma competência artística pouco usual na sua perspicaz descrição dos sofrimentos psicológicos de uma prostituta. A sua colaboração com Thomas Wright⁶¹ fortaleceu a sua convicção de que a sociedade era a principal responsável pelo fenómeno da prostituição, e encorajou o seu desafio aos leitores cristãos para agirem de acordo com o Evangelho. Assim, Gaskell resolveu escolher como heroína do seu romance seguinte uma "pecadora" muito especial: Embora vítima de uma sedução, esta "fallen woman" não chega a cair na prostituição, devido a um gesto cristão inesperado.

Ruth (1853) rejeita, assim, a atitude complacente de uma nação que declarava ser cristã e, no entanto, recusava às mulheres seduzidas uma oportunidade de se redimirem. Como se constatará, este romance ataca a 'dupla perspectiva' (do ponto de vista da sexualidade) e as condições de trabalho das costureiras que são propícias à sedução, assim como indirectamente o fenómeno da prostituição (que aliás nunca é nomeado). Ao abordar a atitude da sociedade em relação àquelas mulheres, aos "pecadores masculinos" e aos filhos ilegítimos, Gaskell irá basear-se em noções formadas a partir de ideias morais e sentimentais pré-concebidas.

Na sua concepção de *Ruth Hilton*, Gaskell baseia-se igualmente na sua experiência de reabilitação das "fallen women". Por volta de 1850, a piedade de Gaskell foi despertada pela situação de uma rapariga de dezasseis anos, chamada Pasley, que ela tinha visitado na prisão de New Bailey. Tendo sido aprendiz de uma costureira irlandesa cujo negócio faliu, Pasley fora entregue a uma outra mulher que serviu de cúmplice na sua 'sedução' por um médico. Pasley entrou para a penitenciária, onde encontrou outra mulher que a introduziu na prostituição. Depois de meses de desespero, durante os quais foi obrigada a beber e a roubar, a rapariga acabou na prisão. A pedido de Thomas Wright, Gaskell foi vê-la; pouco depois

⁶¹ Thomas Wright McDermid, de Manchester, era capataz numa fundição e ficou conhecido como "the Prison Philanthropist". Fundou uma associação, "Discharged Prisoners' Aid", que ajudava os prisioneiros a encontrar trabalho ou a emigrar.

escrevia a Dickens pedindo-lhe que enviasse a jovem para outro continente num dos 'seus' navios de emigração mais respeitáveis.⁶²

Os destinos de Pasley e do seu 'sedutor' sugerem de algum modo os de Ruth Hilton e de Bellingham. Tal como o médico que seduziu Pasley, Bellingham consegue atingir uma boa posição social e política (como membro do Parlamento), sem que a sua carreira seja prejudicada pelo seu relacionamento com Ruth. Pelo contrário, a situação em que Ruth e Pasley são colocadas altera por completo as suas vidas e o seu estatuto social: uma é renegada como mãe solteira, e a outra como prostituta. Quando Ruth deu à luz um filho ilegítimo, a sua situação era bastante comum na época: só em 1851, 42 mil crianças nasceram nessas condições, constituindo para as mães o primeiro passo para a prostituição.⁶³ Embora Ruth não tenha sido forçada a recorrer a essa solução, Gaskell dá a entender que esse anátema está suspenso sobre ela. Kellow Chesney explica porque é que uma jovem como Ruth estava sujeita a esse destino: "... a tendency to lump all unchaste women into one category. [...] any woman contaminated by fornication was put practically on a level with the professional harlot. [...] When social commentators spoke of a young woman who had mothered a bastard as half-way to the streets, they had good reason;"⁶⁴.

Juntamente com Nathaniel Hawthorne⁶⁵, Gaskell foi uma pioneira na apresentação de uma criança ilegítima como meio de redenção da mãe pecadora. Os comentadores sociais acreditavam que a criança era o elo de ligação entre a "fallen woman" e o seu retorno à moralidade. Assim, em *Ruth*, a existência do filho bastardo

⁶² Entre os filantropos encarregados de 'salvar' as "fallen women", encontrava-se Charles Dickens, que se tinha associado a "Urania Cottage" (financiada por Angela Burdett-Coutts) de 1846 a 1858. Esta associação encarregava-se de enviar costureiras pobres e empregadas domésticas que tinham sido 'seduzidas' para as colónias (sobretudo para a Austrália). A intenção era dar-lhes a possibilidade de uma vida nova num nova terra onde ninguém as pudesse condenar do seu passado.

⁶³ Perto de 5,384 crianças ilegítimas nasceram em Lancashire, em 1848. Acton, *Prostitution*, pág. 18. Ver Fryckstedt, *Elizabeth Gaskell's 'Mary Barton' and 'Ruth': A Challenge to Christian England*, 1982, pág. 134.

⁶⁴ Chesney, *The Victorian Underworld*, págs. 372-373.

⁶⁵ O romance de N. Hawthorne, *The Scarlet Letter* (1850), pode ser considerado como uma influência possível em *Ruth*, já que foi o único romance muito lido em Inglaterra que focou um trio constituído por "female sinner", "male sinner" e criança ilegítima. O conceito de que esta última constitui uma recompensa em vez de um castigo é outro aspecto em comum entre os dois romances.

constitui um acontecimento importante, do qual a redenção e a reabilitação de Ruth dependem. Este aspecto é reforçado pelo facto de que as mães solteiras tinham muitas razões para se livrarem dos seus bebés: eles constituíam um forte impedimento tanto para a actividade de uma prostituta como para a de uma costureira. O destino destas crianças era invariavelmente cruel: podia ir desde o infanticídio, o abandono, a venda, até à adopção. É neste contexto que a sorte de Leonard, filho de Ruth, deve ser vista; ele só foi poupado graças à exemplar caridade cristã dos Bensons.

Ao contrário de Esther, em *Ruth Hilton*, Gaskell corporizou uma "fallen woman" que nada tinha a ver com uma prostituta; o que ela pretendia mostrar era a própria inocência, maculada por um conjunto de circunstâncias adversas. Na sociedade da época, poder-se-ia atacar eloquentemente o homem que seduzia e abandonava a mulher de seguida — "Let the same measure of retributive justice be dealt to the seducer who deserts the woman who has trusted him, and allows her to come upon the town"⁶⁶, mas na realidade o credo ortodoxo de que a "fallen woman" não se podia reintegrar na sociedade mantinha-se inalterado.

O ataque ao código de ética social que, por um lado, condenava a mulher pecadora e que, por outro, absolvía o homem pecador implica o repúdio pela 'dupla perspectiva'. Tanto os jornalistas como os romancistas com uma forte inclinação religiosa (como Gaskell) tendiam a encarar a dupla perspectiva e a falta de caridade cristã como inteiramente responsáveis pela própria prostituição. No entanto, só por volta de 1860 é que alguém abertamente criticou a hipocrisia religiosa e moral dos cidadãos ingleses: "There are men in Manchester, chaste and proper enough when they are at home, who have a sort of little harem up in London dependent upon their wealth, [...] whose is the greatest share of blame? ... The adjudication of the social

⁶⁶ Greg, "Prostitution", *Westminster Review*, 1850, pág. 504. Citado em Fryckstedt, *op. cit.*, pág. 140.

blame is so unequal, the girl being universally discarded while her seducer is courted and caressed"⁶⁷.

Perfeitamente consciente da veracidade daquela afirmação, Gaskell resolve compor um romance que ilustre essa situação, infelizmente tão comum. Para isso, ela utiliza habilmente um contexto que serve de ponto de partida para o enredo — as condições deploráveis do estabelecimento de moda de Mrs Mason, que serão tidas como responsáveis pela "queda" de Ruth.⁶⁸ A responsabilidade moral das modistas, cuja falta de preocupação pelas suas aprendizes fazia com que elas se 'perdessem', constitui talvez a crítica mais dura de Gaskell. Na sua descrição de Mrs Mason e da sua conduta aos domingos, Gaskell não poupa acusações, visto que é apenas aos domingos que Ruth se pode encontrar com Bellingham. Aos olhos da autora, o 'pecado' da modista é sobretudo o de omissão: "she chose to conclude that all her apprentices had friends who would be glad to see them to dinner", "Mrs Mason was careless about the circumstances of temptation into which the girls entrusted to her as apprentices were thrown, but severely intolerant if their conduct was in any degree influenced by the force of these temptations."⁶⁹ A falta daquilo que Gaskell designa como "tender vigilance" e "maternal care" é determinante no processo que leva à 'queda' de Ruth.

Ruth é talvez o romance que melhor reflecte a doutrina 'Unitária' de Gaskell, pois ele baseia-se em fortes convicções religiosas. Os 'Unitários' acreditavam que o homem era fundamentalmente bom, com tendência para se 'perder', mas capaz de encontrar novamente o caminho certo; para eles, Deus era também misericordioso e

⁶⁷ Arthur Mursell, "Gay Life". A Lecture Delivered in the Free Trade Hall, on Sunday, March 11th, 1860 (Manchester), págs. 167-177. Citado em Fryckstedt, *op. cit.*, pág. 142.

⁶⁸ Gaskell estava assim a contribuir para o debate público sobre as condições nos estabelecimentos de moda, iniciado em 1843 com *The Second Report of the Commissioners on the Employment of Children*, continuado por E. Stone em *The Young Milliner*, C. E. Tonna em "Milliners and Dressmakers", e pelo artigo "Milliners' Apprentices" publicado na *Fraser's Magazine* (1846). Em 1848, surgiu o *Report of the Association for the Aid and Benefit of Dressmakers and Milliners*, e ainda um artigo na *English Review*, intitulado "Female Immorality, Its Causes and Remedies". John C. Cobden continuou o debate com o seu *White Slaves of England* (1853).

⁶⁹ *Ruth*, Cap. III, pág. 34, e Cap. IV, pág. 54.

benevolente. Assim, Gaskell pensava que um pecador arrependido não estava condenado a um castigo eterno, mas que se podia redimir com a ajuda de uma sociedade verdadeiramente cristã. Na história de Ruth Hilton — a sua 'queda', arrependimento, redenção, e reconhecimento final da sociedade — Gaskell coloca questões religiosas importantes. Mas ela também re-examina certos conceitos como os da falsidade e/ou verdade, caridade e/ou hipocrisia.

O predicamento de Ruth começa depois de Mrs Mason a ter visto na companhia de Bellingham (um jovem aristocrata habituado a gozar impunemente os prazeres da vida): "Mrs Mason had clearly seen, ... the attitude in which Ruth had stood with the young man ... Ruth's hand had been lying in his arm, and fondly held there by his other hand."⁷⁰ De imediato, e com a maior frieza, a modista acusou-a de dar má reputação ao seu estabelecimento e ameaçou-a de expulsão, não reparando sequer na reacção da jovem: "It seemed to the poor child as if Mrs Mason's words were irrevocable, and that, being so, she was shut out from every house"⁷¹. Bellingham, vendo o estado de abandono e de desespero de Ruth, resolve aproveitar-se da situação e propõe-lhe partir com ele: "what is more natural [...] than that you should throw yourself upon the care of the one who loves you dearly?" Quando ela hesita, Bellingham dá-lhe a entender que não lhe resta outra solução; daí a aceitação de Ruth: "Low and soft, with much hesitation, came the 'Yes'; the fatal word of which she so little imagined the infinite consequences." Por último, Gaskell apela à compreensão do leitor: "Remember how young, and innocent, and motherless she was!"⁷²

Ao partir para Londres, e mais tarde para Gales, com o seu 'sedutor', Ruth inicia a sua descida aos "infernos": ela torna-se uma "fallen woman", e depois mãe de um filho ilegítimo. Ao descrever a sua 'viagem', Gaskell vai mostrando as reacções dos vários personagens à passagem da 'heroína pecadora'. Como esteriótipo da

⁷⁰ *Ibid.*, Cap. IV, pág. 54.

⁷¹ *Ibid.*, pág. 55.

⁷² *Ibid.*, págs. 56 e 58.

moralidade convencional, Mrs Bellingham (mãe do jovem) acha verdadeiramente ultrajante que "this degraded girl should remain under the same roof", e acredita que Ruth "led her son astray with her artifices"⁷³. Ao dar a Ruth £50 e ao procurar obter admissão para ela na penitenciária de Fordham, Mrs Bellingham pensava ter cumprido todos os seus deveres morais. As próprias aias se afastam de Ruth com medo de serem 'contaminadas' apenas pela sua presença. Mrs Morgan, a estalajadeira, embora simpatize com a jovem, procura mostrar-se respeitável ao tratá-la com desprezo diante dos seus hóspedes.

Mas o destino de Ruth produz reacções mais complexas: três personagens mudam a suas atitudes convencionais em relação a ela no decurso do romance — Faith Benson (irmã do homem que salvou Ruth do suicídio após ter sido abandonada por Bellingham), Bradshaw (o 'respeitável' proprietário e homem de negócios que a contrata como perceptora das suas filhas), e Jemima Bradshaw (a filha mais velha daquele). Faith inicialmente recua perante a perspectiva de se encontrar com uma "sinful woman"; o que a choca mais é a felicidade 'imprópria' que Ruth sente ao saber que se encontrava grávida. Depois, o espírito dócil e arrependido da jovem mãe conquista o coração da irmã do seu benfeitor. Bradshaw, o epítome da hipocrisia e do farisaísmo, vira-se contra Ruth quando descobre a verdade do passado dela (Ruth não era afinal uma 'respeitável' viúva, mas sim uma mãe solteira impostora), expulsa-a de sua casa e acusa-a de corromper as suas filhas. Só depois de Ruth se ter penitenciado durante anos de sofrimento (acabando por morrer), é que a atitude dele finalmente muda. No seu retrato de Bradshaw, Gaskell transmite a sua mensagem moral: "... if all had entertained his opinions, [Ruth] would have been driven into hopeless sin"⁷⁴. A atitude de Jemima em relação a Ruth evidencia a natureza controversa do assunto abordado por Gaskell. Tendo tido uma educação conservadora e protegida, Jemima sente-se horrorizada ao saber-se em contacto com uma mulher "stained with that evil

⁷³ *Ibid.*, Cap. VIII, pág. 90.

⁷⁴ *Ibid.*, Cap. XXXVI, pág. 458.

most repugnant to her womanly modesty"⁷⁵. Mas a sua luta interna transforma a repulsa em compreensão; Jemima "will bear witness to Ruth" e irá defendê-la perante seu pai.⁷⁶ Ela analisa as razões que levaram à 'queda' de Ruth, e vê que o destino daquela foi marcado pelas circunstâncias: "With a father and a mother, and home and careful friends, I am not likely to be tempted like Ruth"⁷⁷.

Em profundo contraste com Bradshaw, para quem "the world has decided how such women are to be treated", Thurstan Benson, o benfeitor de Ruth, "takes his stand with Christ against the world"⁷⁸. Ele corporiza o desafio que Gaskell faz aos seus leitores, servindo-lhe de porta-voz: "Is it not time to change some of our ways of thinking and acting? [...] to every woman who, like Ruth, has sinned should be given a chance of self-redemption"⁷⁹. Aos olhos do mundo, o 'pecado' de Ruth deriva de uma depravação inata e resulta em opróbrio, ao passo que o comportamento de Bellingham é visto como "the venial errors of youth"⁸⁰ e aquele tratado com condescendência. A crítica de Gaskell à ética social prevalecente está presente na observação que Benson faz a Bellingham depois da morte de Ruth: "Men may call such actions as yours youthful follies! There is another name for them with God"⁸¹.

O tratamento que Gaskell faz da situação de Leonard constitui a sua oportunidade de criticar a atitude da sociedade em relação às crianças ilegítimas. Mas o filho ilegítimo de Ruth também serve de razão pela qual Benson recorre a uma mentira (fazer passar Ruth por uma viúva para a poupar não só a ela, mas sobretudo seu filho, da condenação da sociedade). Leonard funciona também como meio de redenção de sua mãe. Ao apresentá-lo como uma benção de Deus e não como um emblema de vergonha e desonra, Gaskell pretende ir contra os inúmeros casos de rejeição, e até infanticídio, de crianças inocentes. Mais uma vez, a sua posição é

⁷⁵ *Ibid.*, Cap. XXV, pág. 324.

⁷⁶ *Ibid.*, Cap. XXVI, pág. 338.

⁷⁷ *Ibid.*, Cap. XXVIII, pág. 365.

⁷⁸ *Ibid.*, Cap. XXVII, pág. 351.

⁷⁹ *Id. Ibid.*

⁸⁰ Greg, "Prostitution", *Westminster Review*, pág. 474. Citado em Fryckstedt, pág. 155.

⁸¹ *Ruth*, Cap. XXXVI, pág. 454.

representada por Benson: "The world has, indeed, made such children miserable, innocent as they are; but I doubt if this be according to the will of God"⁸². Ele acredita que "the little innocent babe [...] may be God's messenger to lead her back to Him", "here is the very instrument to make her forget herself, and be thoughtful for another. Teach her [...] to reverence her child; and this reverence will shut out sin, — will be purification"⁸³. A posição de Gaskell é reiterada numa cena crucial do romance, em que Ruth rejeita a possibilidade de transformar o seu filho ilegítimo numa criança aceite pela moralidade convencional. Ao fazer Ruth recusar a proposta de casamento de Bellingham, quando os dois se voltam a encontrar passados anos, Gaskell toma uma atitude ousada e pouco convencional.⁸⁴

O desafio religioso de Gaskell face à atitude que a sociedade tem em relação a "female and male sinners", e à questão da ilegitimidade, baseia-se na sua crítica da conduta hipócrita da maioria daqueles que frequentavam a Igreja. Gaskell ataca principalmente aqueles que, como Bradshaw, mostram pouca compaixão ou compreensão perante a fraqueza humana, mas que, tal como ele, "went to chapel twice a day, and gave a hundred pounds apiece to every charity in the town"⁸⁵. Assim, o destino de Ruth é uma ilustração bem conseguida de como a "fallen woman" deve ter a hipótese de se redimir do seu erro, evitando quer o suicídio quer a prostituição ("a worse fate"), a que a 'dupla perspectiva' da sociedade a quer impiedosamente condenar.

⁸² *Ibid.*, Cap. X, pág. 120.

⁸³ *Ibid.*, pág. 119.

⁸⁴ Ver Cap. XXIV, págs. 296-304.

⁸⁵ *Ibid.*, Cap. XXV, pág. 307.

A RESOLUÇÃO DO PROBLEMA SOCIAL: AS SOLUÇÕES PROPOSTAS POR GASKELL

They laid her [Esther] in one grave with John Barton. And there they lie without name, or initial, or date. Only this verse is inscribed upon the stone which covers the remains of those two wanderers.

Psalm ciii. v. 9. —'For He will not always chide, neither will He keep his anger for ever.'¹

"The Society in which Elizabeth Gaskell lived and wrote was intersected horizontally by class and vertically by gender divisions."² Gaskell estava perfeitamente consciente desse facto; e a prova disso está patente em *Mary Barton*, *Ruth* e *North and South*. Embora se tenha criado uma imagem dividida da sua obra de cunho social ao focar, por um lado, o problema industrial e, por outro, a situação da mulher, na realidade ambas as questões estiveram sempre profundamente interligadas. Mas, no 'romance social' de Gaskell, essa mútua dependência entre o conflito industrial e o problema da mulher manifesta-se principalmente na forma como a autora procurou apresentar soluções idênticas para eles.

Das obras que foram analisadas nos capítulos anteriores, *Mary Barton* é, sem dúvida, aquela que melhor articula os dois tipos de problemas sociais denunciados por Gaskell. Esta articulação deve-se, em parte, à presença de dois enredos paralelos no romance. Por um lado, temos a história das condições industriais, de uma crescente consciência social e da luta política, como elas são vividas por John Barton. Por outro, temos o relato dos perigos — sedução e prostituição — encontrados pela mulher trabalhadora, a que Mary Barton se expôs e depois ultrapassou (ao contrário de Esther). Na verdade, as duas linhas condutoras do romance chegam a cruzar-se a vários níveis. Por exemplo, o patrão que oprime os trabalhadores — Harry Carson — é também aquele que procura seduzir Mary. De igual modo, quando aquele é

¹ *Mary Barton*, Cap 38, pág. 465.

² Patsy Stoneman, *Elizabeth Gaskell*, 1987, p.45.

assassinado, não se sabe inicialmente se o culpado é John Barton (o delegado Cartista) ou John Wilson (o pretendente e defensor de Mary).

O que é que liga estes dois lados da "vida em Manchester"? São os ideais e ambições de John e Mary Barton. O primeiro pretende sair da sua situação de pobreza através da obtenção do poder político para a sua classe. Por seu turno, Mary, desejando evitar um destino como "factory girl", pretende efectuar um casamento rico. É talvez significativo o facto de que, no final do romance, nenhum dos dois personagens principais consegue atingir os seus objectivos: John Barton, tendo-se tornado um vulgar criminoso, acaba por morrer sem ver os seus ideais políticos concretizados; e Mary acaba por se casar com um membro da classe operária e ambos emigram para o Canadá. Do mesmo modo, a prostituta (Esther), tendo ultrapassado qualquer hipótese de reabilitação, acaba por morrer no mais completo abandono.

É assim, nos últimos capítulos de *Mary Barton*, que Elizabeth Gaskell demonstra mais claramente a sua posição em relação àqueles problemas. Por um lado, defende que a única forma de acabar com o conflito entre patrões e operários é através de uma reconciliação fraterna e não através da luta política dos trabalhadores. E, por outro lado, apresenta implicitamente os "infractores morais" (Barton, o assassino político, e Esther, a prostituta sem reabilitação) como os indesejáveis da sociedade: a única saída que Gaskell vislumbra para eles é a morte. Mas ela vai ainda mais longe na sua posição quando faz com que a sua heroína, marido e família emigrem para o Novo Continente para começar uma vida nova: Gaskell dá, assim, a entender que não há lugar em Inglaterra para aqueles que, de algum modo, desafiaram as incongruências do *status quo*. Alguns críticos contemporâneos também se aperceberam desse facto: "We fear the author has but little hope of a speedy realisation of [the lasting relief of the class depicted], for she has not been able to find any other means for securing the happiness of her hero and heroine, than that of

sending them to Canada into *voluntary banishment*"³; "Hopelessness remains [...] No remedy proposed — But *Emigration* which is only an *evasion*, an escape not a remedy"⁴.

Previsivelmente, a secção menos conseguida do romance é aquela em que Gaskell oferece uma solução possível para a alienação tão dramaticamente exemplificada nos conflitos vividos por John Barton. Os últimos capítulos de *Mary Barton* projectam a sua convicção, aliás já sugerida em capítulos anteriores, de que a bondade humana é o único padrão de relacionamento bem sucedido entre patrões e trabalhadores. Infelizmente, o desejo de dramatizar a beleza e eficácia de um sentimento de fraternidade, leva-a a simplificar demasiado as dificuldades reais de uma mudança de valores mais completa. Esta atitude de Gaskell está sobretudo presente na cena final de reconciliação entre Carson (o patrão, cujo filho foi assassinado) e John Barton (o delegado Cartista, responsável pelo crime).

Naquela cena, Gaskell tenta conciliar os princípios básicos da Economia Política (defendidos pelos membros da sua classe) e as exigências morais e humanas da sua formação cristã, através de uma mistura entre sentimentalismo e ideologia. No seu leito de morte, John Barton confronta-se com Harry Carson, o seu antigo patrão cujo filho ele assassinou. Ambos tinham nutrido sentimentos de ódio um pelo outro. Mas, quando entram em contacto efectivo, ambos os adversários se arrependem dos seus sentimentos anteriores. Barton já não vê Carson como: "the employer, a being of another race, eternally placed in antagonistic attitude; [...] no longer the enemy, the oppressor, but a very poor and desolate old man."⁵ Por seu turno, Carson sente-se comovido ao ver a realidade dos sofrimentos vividos por Barton: "something of pity would steal in for the poor, wasted skeleton of a man, the smitten creature, who has

³ Crítica anónima no *Economist*, 25 de Novembro de 1848, vi, 1337-8. Citada em Easson, *op. cit.*, pág. 78.

⁴ Maria Edgeworth, numa carta dirigida a Honora Beaufort, 1849. Citada em Easson, *op. cit.*, pág. 89.

⁵ *Mary Barton*, Cap.35, p. 435.

told him of his sin, and implored his pardon that night."⁶ Tipicamente, depois de uma noite de reflexão e de leitura do Evangelho, um Carson convertido volta para segurar o moribundo Barton nos seus braços e perdoar-lhe.

No entanto, e apesar da sua inesperada caridade para com o assassino do seu filho, Carson ainda mantém os seus valores de "economista político". Ao perguntar a Job Legh qual a causa da tragédia de Barton, aquele responde-lhe que "he were sadly put about to make great riches and great poverty square with Christ's Gospel". Carson interpreta estas palavras da seguinte forma: "You mean he was an Owenite; all for equality, and community of goods, and that kind of absurdity."⁷ Ao replicar-lhe, Job Legh encarna o papel da autora, nomeadamente os seus valores intervencionistas Cristãos: "No, no! John Barton was no fool. [...] But what hurt him sore, and rankled in him as long as I knew him, was that those who wore finer clothes, and eat better food, [...] kept him at arm's length, and cared not whether his heart was sorry or glad, whether he was bound for heaven or hell."⁸ Carson ouve tudo atentamente e aproveita para expôr a posição dos patrões (que é, apesar de tudo, a sua); fala-lhe das leis naturais da oferta e da procura que tudo determinam: "We cannot regulate the demand for labour. [...] When there is no market for our goods, we suffer just as much as you can do"⁹; e tenta convencê-lo de que cada homem deve ser independente e confiar apenas nas suas próprias capacidades. Mas Gaskell, através de Job, rebate violentamente aquela filosofia utilitarista: "You can never work facts as you would fixed quantities; [...] Now to my thinking, them that is strong in any of God's gifts is meant to help the weak, —be hanged to the facts!"¹⁰.

Tendo finalmente compreendido que ao prestar atenção ao sofrimento dos outros, ele estaria a evitar o seu próprio e o dos seus (evitando quer as greves quer os assassinatos), Carson é levado a desenvolver uma nova filosofia social que irá fazer

⁶ *Ibid.*, p. 439.

⁷ *Ibid.* pág. 455.

⁸ *Ibid.* pág. 456.

⁹ *Id. Ibid.*

¹⁰ *Ibid.* pág. 457

patrões e trabalhadores apreciar e debater os seus interesses comuns. Para atingir essa meta, Carson afirma ser necessário "to have educated workers, capable of judging, not mere machines of ignorant men; and to have them bound to their employers by the ties of respect and affection, not by mere money bargains alone; in short, to acknowledge the Spirit of Christ as the regulating law between both parties."¹¹ Gaskell opera, assim, uma transformação tão repentina (se não "forçada") no representante patronal que chega a pôr em dúvida a própria realidade dessa conversão. A facilidade aparente com que Carson agora preconiza um perfeito entendimento e uma completa confiança entre patrão e trabalhadores — "the interests of one were the interests of all"¹² — não deixa de ser pouco convincente (e até dúbia) no contexto da agudeza do conflito social, tal como Gaskell o expôs anteriormente. Assim, a sua resolução do problema parece ser urdida e inconsequente, uma evasão ao conflito de classes e à crise estrutural do capitalismo.

Em *North and South*, escrito seis anos mais tarde, Gaskell tenta abordar de forma mais realista as noções e valores básicos de alguém na posição de Carson, e conseguir aquilo que tinha 'falhado' anteriormente — seguir a evolução das convicções de um "economista político", no sentido de uma aceitação dos princípios intervencionistas. Neste romance, a dialéctica entre conflito e conciliação desenrola-se de forma mais complexa, pois não trata apenas de questões laborais (luta de classes) mas também de confrontos culturais (o norte industrial contra o sul rural). O contexto é agora o de uma melhoria das condições de trabalho e de uma subida da prosperidade económica, embora também o de uma tendência reaccionária generalizada, da qual os próprios escritores não conseguiram escapar:

They felt vaguely that *moderation* was necessary since excesses had been committed, and their reforming intentions were directed towards *prudent solutions* by a more or less conscious fear of starting something that might get out of hand. Mrs. Gaskell too shared this general tendency.¹³

¹¹ *Ibid.*, Cap. 37, pág 460.

¹² *Id.Ibid.*

¹³ Louis Cazamian, *The Social Novel in England 1830-1850*, 1973, p. 226.

Em *North and South* Gaskell estava, por isso, menos empenhada socialmente. Procurou usar uma heroína que funcionasse como observadora 'objectiva' da cena social e projectasse algumas das suas atitudes e convicções pessoais. Procurou, igualmente, sugerir uma resolução das diferenças e desentendimentos, não só através do impulso da *caritas* mas também da influência sentimental. O relacionamento emocional entre Margaret Hale e John Thornton (o industrial), é profundamente afectado pelas convicções sociais de ambos. Enquanto aquele é gradualmente convertido às opiniões intervencionistas de Margaret, esta deixa-se levar pela admiração dos feitos industriais de Thornton. O impulso de moderação e de compromisso está presente no romance precisamente através do sentimento e da emoção. Tal como em *Mary Barton*, são estes, e não a razão, que triunfam sobre o conflito, que reconciliam as atitudes do patrão e do trabalhador, do norte e do sul, do homem e da mulher.

O conflito entre norte e sul coloca numa nova perspectiva o confronto anterior entre Capital e Trabalho. Neste romance, os defeitos do norte acabam por se transformar em virtudes, reflexos do espírito democrático que animava a nova sociedade industrial. Por isso, Thornton afirma: "it is one of the great beauties of our system that a workingman may raise himself into the power and position of a master by his own exertions and behaviour."¹⁴ É, assim, o norte que oferece um novo modelo de conciliação social, devido ao seu poder de inovação e progresso. Não é por acaso que a greve em *North and South* é consideravelmente menos violenta do que em *Mary Barton*, e que Thornton perde apenas a sua fábrica e não a vida (como Harry Carson), para poder obter um melhor entendimento com os seus trabalhadores. Gaskell dá a entender que é na industrialização que reside o cerne do problema, mas também a sua própria solução. No final do romance, Thornton espera levar a cabo "one or two experiments" que possam conduzir a um relacionamento mais íntimo entre trabalhadores e patrões, algo para além do mero "cash nexus". Ele propõe-se

¹⁴ *North and South*, Cap. 10, p. 125.

apressar o processo ao empenhar activamente os seus trabalhadores no planeamento da indústria. No entanto, como seria previsível, as suas reformas permanecem dentro do sistema do capitalismo industrial:

North and South is the most 'optimistic' of the social novels, not because it belittles the social problem but because it looks for its melioration within the framework of the same industrial order that created the problem. [...] it signifies a return to the social vision of Adam Smith and a rejection of that of Malthus and Ricardo.¹⁵

A imagem que Gaskell dá dos trabalhadores industriais neste romance é também a mais optimista das suas duas obras de cunho social. A violência anárquica (corporizada por John Barton), que só se resolve através de um assassinato, é substituída pela inteligência e receptividade ao liberalismo de Nicholas Higgins, que encontra uma resolução na cooperação e na reforma. A morte de Bessy, em vez de fomentar o radicalismo deste, torna-o mais permeável às tentativas reconciliadoras de Margaret e seu pai. O novo instinto de Higgins de procurar consolação na religião é reforçado, e leva-o a aceitar melhor os princípios da economia política que antes lhe pareciam uma mera racionalização da injustiça social. O suicídio de Boucher também serve para suavizar o seu orgulho e inflexibilidade em relação aos patrões, pois para ajudar a família daquele ele pede trabalho a Thornton. A aproximação é, assim, recíproca, tal como afirma Gaskell: "Once brought face to face, man to man, [...] master and workman, [...] had each begun to recognise that 'we have all of us one human heart'".¹⁶

As limitações da visão social de Gaskell podem, deste modo, ser atribuídas à forma ambígua como ela pretende desafiar a ordem social: "She wanted to reconcile the middle and working classes; [...] the Christian ethics of her class with the appalling social conditions she saw around her, [...] the religious imperative to love thy neighbour with the creed of commercial individualism"¹⁷. Ambos os romances industriais demonstram quão mais fácil era para ela apresentar problemas do que

¹⁵ Himmelfarb, *The Idea of Poverty. England in the Early Industrial Age*, 1984, pág. 513.

¹⁶ *N. S.*, Cap. 50, pág. 511.

¹⁷ David, *Fictions of Resolution in Three Victorian Novels*, 1981, pág. 8.

soluções eficazes para eles: "Elizabeth Gaskell [...] in *Mary Barton* and *North and South* [...] does not enquire into the economic basis of Manchester misery; she observes, records, and hopes for the best"¹⁸. A tendência para personalizar as questões está patente na convicção ingénua da autora de que a compreensão e cooperação de meros seres individuais (Carson e Barton; Thornton e Higgins) podem triunfar sobre conflitos de classe bem mais complexos.

É talvez importante referir que em termos da resolução do problema social da "fallen woman", Elizabeth Gaskell não vai mais longe do que nos seus romances industriais. Pelo contrário, *Ruth* demonstra mais claramente a sua ambivalência entre ser fiel à natureza dos factos ou comprometer-se com as convenções sociais. Embora este romance tenha sido, em certa medida, um grande desafio às atitudes sociais da sua época (apenas pela sua coragem na escolha de um tema delicado), ele possui algumas limitações para o leitor moderno no que respeita ao seu tratamento da transgressão sexual. Na verdade, a excessiva moralização do 'pecado' de Ruth e a insistência nas doutrinas do arrependimento e da expiação arruinam tanto a expressão artística como o intento reformador do romance. Esta foi também a opinião de alguns críticos contemporâneos de Gaskell: "the Scriptural narrative rather points to spiritual salvation than worldly restoration"¹⁹.

She has first imagined a character as pure, pious, and unselfish as poet ever fancied [...] and then with damaging and unfaithful inconsistency, has given in to the world's estimate in such matters, by assuming that the sin committed was of so deep a dye that only a life of atoning and enduring penitence could wipe it out ²⁰

A incongruência da solução oferecida por Gaskell reside no seguinte: uma jovem, seduzida em circunstâncias de total ignorância dos assuntos de natureza sexual, é daí em diante vítima de uma consciência excessivamente pesada, só encontrando a sua redenção numa morte auto-sacrificial. Paradoxalmente, *Ruth* é um estudo sobre a repressão sexual que se parece auto-reprimir, pois o romance coloca uma série de

¹⁸ David, *op. cit.*, pág. 8.

¹⁹ *Spectator*, 15 de Janeiro de 1853. Citada em Easson, *op. cit.*, pág. 212.

²⁰ W.R. Greg, *National Review*, Janeiro de 1859. Citado em Easson, *op. cit.*, pág. 328.

questões, às quais parece não saber dar uma resposta eficaz; "Why the innocent should suffer all through life, and the guilty escape [...] these are questions raised by the story, but in no sense answered"²¹.

O facto de Gaskell usar e abusar da morte nos seus romances sociais pode ser encarado como uma tentativa de evasão ou de fácil resolução dos problemas por ela denunciados. Se olharmos para o que acontece a Esther no final de *Mary Barton*, numa descrição simbólica: "*fallen* into what appeared simply a heap of white or light-coloured clothes, fainting or *dead*, lay the poor crushed Butterfly —the once *innocent* Esther."²², vemos que não lhe foi dada hipótese de reabilitação. Só no final do romance é que ela é lembrada: "your poor Aunt Esther has no home: — she's one of them miserable creatures that walk the streets". Jem and Mary resolvem então tentar encontrá-la nas ruas e becos de Manchester, mas Gaskell decide que "It was not to be [...] they never met Esther." No entanto, eles acabam por encontrar o seu local de perdição: "a large garret where twenty or thirty people of all ages and both sexes lay and dozed away the day, choosing the evening and night for their trades of beggary, thieving, or prostitution."²³ A nota de esperança expressa primeiro por Mary: "bring her home, and we will love her so, we'll make her good", e depois por Jem: "she shall go to America with us; and we'll help her to get rid of her sins."²⁴, não parece ter produzido efeito em Gaskell.

Ao fazer com que ambas as suas "fallen women" (Esther e Ruth) morram no final dos romances, Gaskell dá razão àqueles que acreditavam que a 'destruição' de tais mulheres fazia parte da purificação da sociedade que as 'produziu'. Os leitores vitorianos habituaram-se, assim, a aceitar esse tipo convencional:

Prostitutes can appear if idealized or good-hearted, *or if they die*, [...] the mid-nineteenth century in its fiction could stomach fallen women, illegitimate children

²¹ *Observer*, 23 de Janeiro de 1853. Citado em Easson, *op. cit.*, pág. 225.

²² *Mary Barton*, Cap. 38, pág. 465.

²³ *Ibid.*, págs. 462-463.

²⁴ *Id Ibid.*

[...] provided that certain rules were observed: that [...] they are *peripheral*, that there is no reward for vice, or if there is, it is *condemned*.²⁵

Em *Ruth*, Gaskell incluiu a "fallen woman" como tema principal do romance, ignorando assim o preceito que ela tinha observado em *Mary Barton* — fazer a história de Esther periférica. O facto de ela ter feito da "pecadora" um ser heróico é essencial à novidade do romance e ao desafio por ele lançado. Gaskell tinha todo o espírito da sua época contra ela, impedindo-a de interpretar objectivamente o fenómeno da transgressão sexual. Ao mostrar que aqueles que transgrediram "may still redeem themselves if they will only rise and do honestly the work that still lies before them to be done"²⁶, Gaskell desafiou alguns dos preconceitos contemporâneos.²⁷ No entanto, a sua emancipação de certas atitudes tradicionais consagradas na literatura popular²⁸ não foi tão completa assim; o princípio de mortificação emocional como expiação do pecado tem muito a ver com a sua ideia de reabilitação.

A questão sexual era uma fonte delicada de ansiedade e de culpa para uma mulher vitoriana. O sentimento de embaraço de Gaskell explica, de certo modo, a ênfase dada, por um lado, à inocência de Ruth e, por outro, à sua culpabilidade, assim como o seu controverso final. Se a sua história tivesse terminado no momento em que Ruth é finalmente aceite aos olhos de todos pela sua exemplar dedicação como enfermeira num terrível surto de cólera, poderia ter constituído uma lição em como resolver "the Great Evil". Mas isso não acontece. Num impulso trágico, Ruth volta para trás para tratar o seu antigo sedutor e acaba por contrair ela própria a doença e

²⁵ Craik, *Elizabeth Gaskell and the Provincial Novel*, 1975, p.48.

²⁶ *Ruth*, Cap. XXV, pág. 271.

²⁷ O seu romance chegou mesmo a influenciar a actuação de Josephine Butler, que fomentou o movimento feminista vitoriano — "Ladies' National Association". Foi ao ler *Ruth*, e ao ver a reacção negativa do público mais conservador, que ela se sentiu motivada para ajudar as mulheres nessas circunstâncias.

²⁸ Na literatura popular, nomeadamente nos romances de Mrs Henry Wood (*Pomeroy Abbey* e *East Lynne*) — uma mistura de sensacionalismo, melodrama e rectitude moral — a 'queda' das mulheres seduzidas é tida como irreversível.

morrer.²⁹ As falhas do romance derivam essencialmente da incapacidade de Gaskell decidir, ou enfrentar, a questão de saber se Ruth é, ou não, culpada. Por um lado, ela não se cansa de apontar a pureza, bondade, e inocência da sua heroína ("white as snow", "snow pure"), mesmo depois da sua sedução ter sido consumada — o que por si só é uma ameaça à sua credibilidade. Por outro lado, Gaskell insiste na necessidade de Ruth se penitenciar, pois ela é culpada tanto aos olhos de Deus como aos do mundo: "Can you accept all this treatment meekly, *as but the reasonable and just penance God has laid upon you* — feeling no anger at those who slight you"³⁰. Deste modo, Gaskell mostra como os impulsos naturais da mulher são transformados, sob a pressão de valores incutidos, em algo de monstruoso.

A morte de Ruth (assim como a de Esther) foi uma concessão feita por Gaskell à crítica conservadora da sua época ("this conventionality refused or failed to see the difference between a pure woman like Ruth and a prostitute"³¹). Tal resolução foi de igual modo concebida com base em certos princípios religiosos: a transgressão sexual só poderia ser verdadeiramente expiada através da morte física ("It would be better for her to die at once..."³²) ou da purificação espiritual. Na verdade, o excessivo comprometimento religioso de Gaskell impediu-a de pôr em causa quer as convenções sociais da sua época em relação ao comportamento sexual da mulher, quer de condenar as suas iniquidades sociais no seio do conflito de classes. Tal como afirma Margaret Ganz, "... such *romans à thèse* as *Mary Barton*, *Ruth*, and *North and South* [...] had made demands upon her [Gaskell] that her divided social conscience could not satisfactorily fulfill."³³

²⁹ Ver George Watt, *The Fallen Woman in the Nineteenth-Century English Novel*, 1984, págs. 11-40.

³⁰ *Ibid.*, Cap. XXVII, pág. 357.

³¹ Watt, *op. cit.*, pág. 7.

³² *Ruth*, Cap. XI, pág. 112.

³³ Ganz, *Elizabeth Gaskell: The Artist in Conflict*, 1969, p. 131.

BIBLIOGRAFIA

INTRODUÇÃO

EASSON, Angus (ed.) *Elizabeth Gaskell, The Critical Heritage*. Routledge, London and New York, 1991.

HOWARD, D.,
LUCAS, J., e
GOODE, J.(eds.) *Tradition and Tolerance in Nineteenth-Century Fiction, Critical Essays in Some English and American Novels*. Routledge and Kegan Paul, London, 1966. (Ver John Lucas, "Mrs. Gaskell and Brotherhood").

PARTE I

Capítulo 1

ALVES, Hélio "Things as they could have been: The politically involved novel in late eighteenth-century England". *Diacrítica*, n° 7 (1992), págs. 217-231.

CAZAMIAN, Louis (1903) *The Social Novel in England 1830-1850, Dickens, Disraeli, Mrs Gaskell, Kingsley*. (Trad. Martin Fido) Routledge and Kegan Paul, London and Boston, 1973.

CLEMIT, Pamela *The Godwinian Novel, the Rational Fictions of Godwin, Brockden Brown, Mary Shelley*. Clarendon Press, Oxford, 1993

KELLY, Gary *The English Jacobin Novel, 1780-1805*. Oxford University Press, Oxford, 1976

KOWALESKI-
-WALLACE,
Elizabeth *Their Fathers' Daughters. Hannah More, Maria Edgeworth and Patriarchal Complicity*. Oxford University Press, New York and Oxford, 1991.

WHEELER, Michael *English Fiction of the Victorian Period 1830-1890*. Longman, London and New York, 1986.

Capítulo 2

- CAZAMIAN, Louis (1903) *The Social Novel in England 1830-1850, Dickens, Disraeli, Mrs Gaskell, Kingsley*. (Trad. Martin Fido) Routledge and Kegan Paul, London and Boston, 1973.
- DAVIDOFF, L. e
HALL, C. *Family Fortunes, Men and Women of the English Middle Class 1780-1850*. Routledge, London, 1992.
- HIMMELFARB, G. *The Idea of Poverty, England in the Early Industrial Age*. Faber and Faber, London and Boston, 1984.
- JAMES, Louis *Fiction for the Working Man, 1830-50*. (A study of the literature produced for the working classes in early Victorian urban England). Penguin University Books, Harmondsworth, 1974.
- JAMES, Louis (ed.) *Print and the People, 1819-1851*. Allen Lane, Penguin, London, 1976.
- KLANCHER, Jon P. *The Making of English Reading Audiences, 1790-1832*. The University of Wisconsin Press, Wisconsin, 1987.
- VINCENT, David *Literacy and Popular Culture. England 1750-1914*. Cambridge University Press, Cambridge, 1993.

Capítulo 3

- BRIGGS, Asa *Victorian Cities*. Penguin Books, Harmondsworth, 1977.
- CARLYLE, Thomas (1888) *Sartor Resartus. Lectures on Heroes. Chartism. Past and Present*. Chapman and Hall, London.
- CHESNEY, Kellow *The Victorian Underworld*. Penguin Books, Harmondsworth, 1976.
- DICKENS, Charles (1854) *Hard Times*. The World's Classics, Oxford University Press, Oxford and New York, 1989.
- DRAMIN, Edward *Light in a Dark Place, Romanticism in the Victorian Social-Political Novel: A Critical Anthology*. University Press of America, New York, London, 1987.

- EASSON, Angus (ed.) *Elizabeth Gaskell, The Critical Heritage*. Routledge, London and New York, 1991.
- GREGG, Pauline *A Social and Economic History of Britain 1760-1980*. Nelson, Surrey, 1990.
- HARDMAN, Malcolm *Six Victorian Thinkers*. Manchester University Press, Manchester and New York, 1991.
- HOUGHTON, W. E. *The Victorian Frame of Mind, 1830-1870*. Yale University Press, New Haven and London, 1985.
- MILL, John S. *Three Essays. On Liberty, Representative Government, The Subjection of Women*. (Introduction by Richard Wolheim, 1975), Oxford University Press, Oxford, 1989.
- WILLIAMS, Raymond *Culture and Society 1780-1950*. Penguin Books (in association with Chatto and Windus), 1985.
- WILLIAMS, Susan *The Rich Man and the Diseased Poor in Early Victorian Literature*. Macmillan Press, London, 1987.

PARTE II

Capítulo 1

- COLLINS, H. P. "The Naked Sensibility: Elizabeth Gaskell". *Essays in Criticism*, 1953, 3, págs. 60-72.
- DUTHIE, Enid L. *The Themes of Elizabeth Gaskell*. Macmillan, Hampshire and London, 1990.
- EASSON, Angus (ed.) *Elizabeth Gaskell, The Critical Heritage*. Routledge, London and New York, 1991.
- SHARPS, John G. *Mrs. Gaskell's Observation and Invention. A Study of Her Non-Biographic Works*. Linden Press, Sussex, 1970.
- STONEMAN, Patsy *Elizabeth Gaskell*. The Harvester Press, Sussex, 1987.
- UGLOW, Jenny *Elizabeth Gaskell. A Habit of Stories*. Faber and Faber, London, 1993.
- WILLIAMS, Raymond *Culture and Society 1780-1950*. Penguin Books (in association with Chatto and Windus), 1985.

Capítulo 2

- BRIGGS, Asa *Victorian Cities*. Penguin Books, Harmondsworth, 1977.
- BRIGGS, Asa (ed.) *Chartist Studies*. Macmillan, London, 1974.
- CHAPPLE, J. e
POLLARD, A. *The Letters of Mrs Gaskell*. Manchester University Press, Manchester, 1966.
- DUTHIE, Enid L. *The Themes of Elizabeth Gaskell*. Macmillan, Hampshire and London, 1990.
- ENGELS, Frederick (1892) *The Condition of the Working Class in England*. (Introduction by Eric Hobsbaum, 1969), Granada, London, 1982.

- EPSTEIN, J. e
THOMPSON, D. (eds.) *The Chartist Experience. Studies in Working-Class Radicalism and Culture, 1830-1860.* Macmillan Press, London and Basingstoke, 1982.
- FRYCKSTEDT, M. C. *Elizabeth Gaskell's 'Mary Barton' and 'Ruth': A Challenge to Christian England.* Acta Universitatis Upsaliensis, Studia Anglistica Upsaliensia 43, Uppsala, 1982.
- GASKELL, Elizabeth (1848) *Mary Barton, a Tale of Manchester Life.* Penguin Classics, Harmondsworth, 1985.
- (1855) *North and South.* Penguin Classics, Harmondsworth, 1986.
- HOPKINS, Eric *A Social History of the English Working Classes 1815-1945.* Edward Arnold Ltd., London, 1984.
- HOWARD, D.,
LUCAS, J.
GOODE, J.(eds.) *Tradition and Tolerance in Nineteenth-Century Fiction, Critical Essays in Some English and American Novels.* Routledge and Kegan Paul, London, 1966. (Ver John Lucas, "Mrs. Gaskell and Brotherhood").
- LUCAS, John *The Literature of Change: Studies in the Nineteenth Century Provincial Novel.* The Harvester Press, Sussex, 1977
- PRYKE, Jo "The Treatment of Political Economy in *North and South*". *Gaskell Society Journal*, 1990, V. 4.
- RULE, John *The Labouring Classes in Early Industrial England 1750-1850.* Longman, London and New York, 1986.
- SHARPS, John. G. *Mrs. Gaskell's Observation and Invention, A Study of Her Non-Biographic Works,* Linden Press, Sussex, 1970.
- SHELSTON, Alan "Elizabeth Gaskell's Manchester". *Gaskell Society Journal*, 1989, V. 3.
- THOLFSEN, Trygve *Working Class Radicalism in Mid-Victorian England.* Croom Helm, London, 1976.
- THOMPSON, Dorothy *The Chartists.* Temple Smith, London, 1984.
- HOPKINS, Eric *A Social History of the English Working Classes 1815-1945.* Edward Arnold Ltd., London, 1984.

Capítulo 3

- BERGMANN, Helena *Between Obedience and Freedom. Women's Role in the Mid-Nineteenth Century Industrial Novel*. Acta Universitatis Gothoburgensis, Gothenburg Studies in English 45, Goteborg Sweden, 1979.
- CHESNEY, Kellow *The Victorian Underworld*. Penguin Books, Harmondsworth, 1976.
- ENGELS, Frederick (1892) *The Condition of the Working Class in England*. (Introduction by Eric Hobsbaum, 1969), Granada, London, 1982.
- FOSTER, Shirley *Victorian Women's Fiction: Marriage, Freedom and the Individual*. Croom Helm, London, 1986.
- FRYCKSTEDT, M. C. *Elizabeth Gaskell's 'Mary Barton' and 'Ruth': A Challenge to Christian England*. Acta Universitatis Upsaliensis, Studia Anglistica Upsaliensia 43, Uppsala 1982.
- GASKELL, Elizabeth (1848) *Mary Barton, a Tale of Manchester Life*. Penguin Classics, Harmondsworth, 1985.
- (1853) *Ruth*. The World's Classics, Oxford University Press, Oxford and New York, 1985.
- JAMES, Louis (ed.) *Print and the People, 1819-1851*. Allen Lane, Penguin, London, 1976.
- PINCHBECK, Ivy (1930) *Women Workers and the Industrial Revolution 1750-1850*. Virago Press Ltd., London, 1981.
- PERKIN, Joan *Women and Marriage in Nineteenth-Century England*. Routledge, London, 1989.
- RENDALL, Jane *Women in an Industrializing Society: England 1750-1880*. Historical Association Studies, Basil Blackwell, Oxford, 1991.
- THOMSON, Patricia 1956, *The Victorian Heroine, A Changing Ideal 1837-1873*. Greenwood Press, Westport, Connecticut, 1978.

VALVERDE, Mariana "The Love of Finery: Fashion and the Fallen Woman in Nineteenth-Century Social Discourse", *Victorian Studies: A Journal of the Humanities, Arts and Sciences*, 1989, Winter, V. 32.

WALKOWITZ, Judith *Prostitution and Victorian Society. Women, Class, and the State*. Cambridge University Press, Cambridge, 1991.

Capítulo 4

CAZAMIAN, Louis (1903) *The Social Novel in England 1830-1850, Dickens, Disraeli, Mrs Gaskell, Kingsley*. (Trad. Martin Fido) Routledge and Kegan Paul, London and Boston, 1973.

CRAIK, Wendy A. *Elizabeth Gaskell and the Provincial Novel*. Methuen, London, 1975.

DAVID, Deirdre *Fictions of Resolution in Three Victorian Novels 'North and South', 'Our Mutual Friend', 'Daniel Deronda'*. Columbia University Press, New York, 1981.

EASSON, Angus (ed.) *Elizabeth Gaskell, The Critical Heritage*. Routledge, London and New York, 1991.

GANZ, Margaret *Elizabeth Gaskell: The Artist in Conflict*. Twayne Publishers, New York, 1969.

GASKELL, Elizabeth (1848) *Mary Barton, a Tale of Manchester Life*. Penguin Classics, Harmondsworth, 1985.

(1853) *Ruth*. The World's Classics, Oxford University Press, Oxford and New York, 1985.

(1855) *North and South*. Penguin Classics, Harmondsworth, 1986.

HIMMELFARB, G. *The Idea of Poverty, England in the Early Industrial Age*. Faber and Faber, London and Boston, 1984.

Marriage and Morals among the Victorians, and other essays. Faber and Faber, London and Boston, 1986.

- SCHOR, Hilary M. *Scheherezade in the Marketplace, Elizabeth Gaskell and the Victorian Novel*. Oxford University Press, New York and Oxford, 1992.
- STONEMAN, Patsy *Elizabeth Gaskell*. The Harvester Press, Sussex, 1987.
- THOMPSON, Dorothy *Outsiders. Class, Gender and Nation*. Verso, London and New York, 1993.
- WATT, George *The Fallen Woman in the Nineteenth-Century English Novel*. Croom Helm, London, 1984.

ANEXOS

Anexo A

JACK SHEPPARD'S SONGSTER.



NIX MY DOLLY ! Pals fake away.

In a box of a stone jug I was born,
Of a hempen widow the kid forlorn.

Fake away.

And my noble father, as I've heard say,
Was a famous merchant of capers gay.
Nix my dolly, pals, fake away,
Nix my dolly, pals, fake away.

The knave in quod did my schoolmen play,
And put me up to the time o'day.

Fake away.

No dummy hanger had forks so fly,
No knacker or telly could fake a fly.
Nix my dolly, pals, fake away,
Nix my dolly, pals, fake away.

But my nuttier lady one fine day,
To the banks did her gent-man betray.

Fake away.

And so I was bowled out at last,
And into the jug for a lag was cast.
Nix my dolly, pals, fake away,
Nix my dolly, pals, fake away.

But I slept my darbies one fine day,
And gave to the dubman a holiday.

Fake away.

And here I am, pals, merry and free,
A regular rollicking company.
Nix my dolly, pals, fake away,
Nix my dolly, pals, fake away.

Carpenter's Daughter.

THE Carpenter's Daughter was fair and free—
Fair, feckle, and false was she,
She slighted the journeyman (meaning me)
And smiled on a gallant of high degree,
Degree, degree.
She smiled on a gallant of high degree.

When years rolled by she began to rue
Her love for her gentleman, (meaning you.)
"I slighted a journeyman fond," quoth she,
"But where is my gallant of high degree?"
"Where, where,"
"Oh! where is my gallant of high degree?"

JOLLY NOSE.

JOLLY NOSE, the rubies that garnish thy tip
Are dug from the mines of Canary,
And to keep up the lustre, I moisten my lip,
With hogsheads of claret and cherry.

Jolly Nose, he who sees thee across a broad glass
Beholds thee in all thy perfection,
And, to the pale snout of a temperate ass,
Entertains the profoundest objection.

For a big-bellied glass is the palette I use,
And the choicest of wine is my colour,
And I find that my nose takes the merriest hum
The tulle I fill it—the fuller.

Jolly Nose, they are looks who say drink burns
the sight,
Such dullards know nothing about it;
'Tis better with wine to extinguish the light,
Than live always in darkness without it.

Farewell my Scamps and Fogies.

NOW farewell my scamps and fogies,
Tolls and pops and all, farewell,
London—scene of all glories,
Where I oft have come the swell.

Tyburn once I viewed reflective,
Come old man we'll now kiss hands,
Welcome to my new perspective,
Cracking ribs in other lands.

BERT, Printer, 39, Great St. Andrew Street,
Seven Dials.

Anexo B

THE

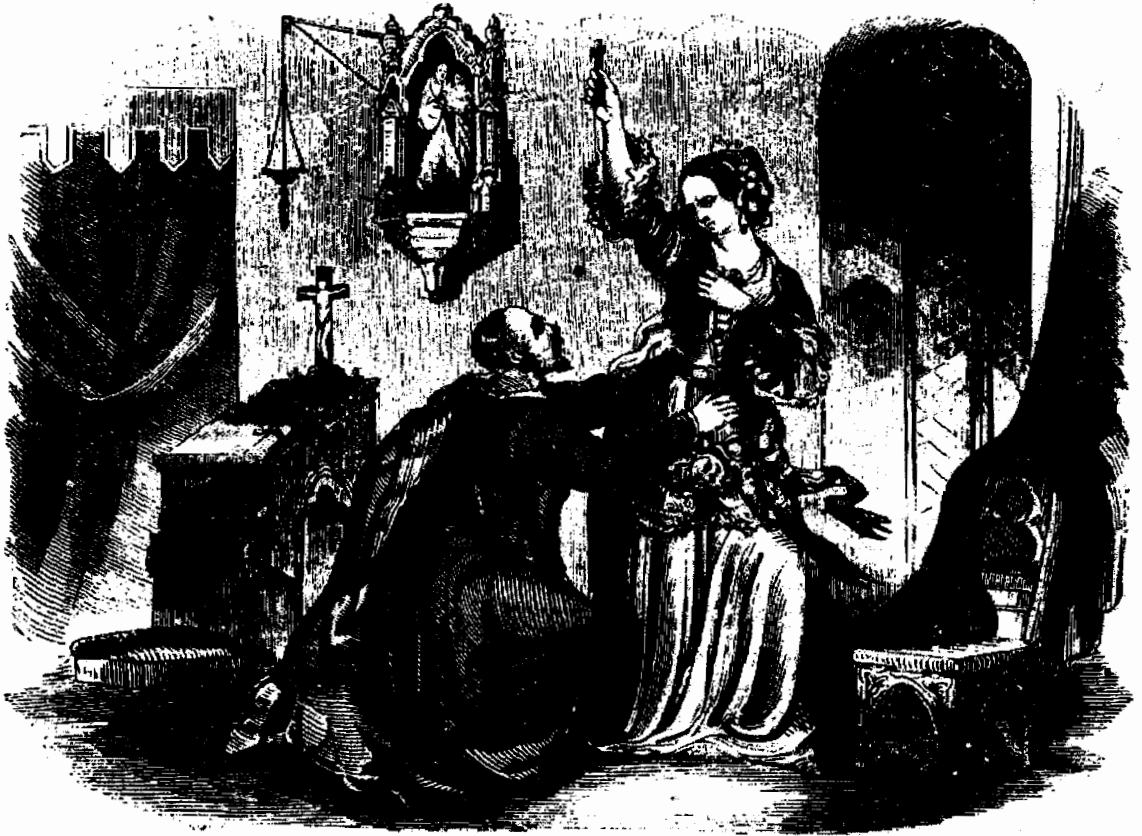
LONDON JOURNAL;

And Weekly Record of Literature Science, and Art.

No. 9. Vol. I.

FOR THE WEEK ENDING APRIL 26, 1845.

[PRICE ONE PENNY.]



THE MYSTERIES OF THE INQUISITION.

CHAPTER III.

DOLOREZ.

We must now introduce the reader to one of those spacious and commodious Andalusian houses, lighted only by glass doors and windows opening upon a large court perfumed with flowers.

On one side of the upper storeys of this house, which served generally as the winter-residence, and adjacent to a large saloon in which the family partook of their repasts, was a small chamber furnished like the cell of a nun. A bed, white as snow, but of no downy and luxurious material,—two chairs of black wood beautifully sculptured,—a praying-desk in the same style, and surmounted by an ivory crucifix,—and a figure of the Madonna in a niche, with an ever-burning lamp suspended before it,—these were the characteristics of this up-tending little chamber.

The house to which we have alluded was the palace of Count Manuel Argos, governor of Seville. The little chamber was that of his only daughter, the Donna Dolorez.

This young lady, who had lost her mother at an early age, was the darling of her father's heart. She was now seventeen years old, and was very

far from resembling the other women of Andalusia. Of a loveliness at once simple and noble,—of a firm and elevated disposition, Dolorez had not passed her time in that mysterious indolence which has so baneful an effect upon the naturally ardent imaginations and voluptuous passions of the Spanish women.

Her preceptor was an uncle—a learned and enlightened man, who had travelled much in France and Germany, and had fortified his naturally powerful intellect by the aid of a sound and liberal philosophy. He had not sown in a sterile soil: Dolorez would even at the present day have been deemed a very remarkable woman.

Possessed of the most correct notions of probity,—loving virtue for virtue's sake,—and enthusiastic in her admiration of everything generous, noble, and good, Dolorez was imbued with the pure faith of the fathers of the church. Her indulgent charity revolted against all the errors, hypocrisies, and crimes of fanaticism. She was pious as was Isabella the catholic—that great queen whose faith taught her to struggle long, though timidly, against the establishment of the Inquisition, and always to counteract its most enormous crimes. The governor's daughter followed the true spirit

and morality of the gospel—a most dangerous proceeding at that time, when, in order to live in peace, it was necessary not only to be the disciple of Christ, but the creature of the Inquisition.

Nevertheless, in spite of a philosophy so enlightened for her age and especially for the epoch in which she lived, Dolorez, faithful to the observance of external ceremonies, had endeavoured to avoid the suspicions of the terrible tribunal.

The Grand Inquisitor of Seville, Peter Arbuces, who was even more dreaded than the Cardinal Archbishop of Seville, the Grand Inquisitor of the province,—seemed to extend his all-powerful protection over the mansion of the lord governor.

Received at all hours into the family,—in his quality of priest and as the chief of the inquisitorial tribunal of the city,—Arbuces, who was then in the prime of life, and was a prey to all the feaz-passions of the tropics, had not beheld that pure and saint-like virgin, without becoming deeply enamoured of her beauty. Nor had he perceived without feelings of horrible jealousy, that the young Stephen de Vargas was the object of this charming creature's tenderest affections.

Vainly had he endeavoured, beneath the veil of a holy and paternal friendship, to lead into the

Anexo C

FAMILY

A Domestic Magazine of

DO NOT IN PROSPERITY WHAT MAY BE REPENTED OF
IN ADVERSITY.

HERALD

Useful Information and Amusement.

BE THAT SWELLS IN PROSPERITY WILL BE SURE TO
SHRINK IN ADVERSITY.

No. 228.—Vol. V.]

FOR THE WEEK ENDING SEPTEMBER 18, 1847.

[PRICE ONE PENNY.]

MARGARETTA.

When I was in my teens
I loved dear Margaretta;
I know not what it means—
I cannot now forget her.
That vision of the poet
My hand is ever craving;
Yet when I saw her last
I could not speak for gazing.
Oh! lingering roas of May!
Dear as when first I met her:
Worn in my heart always,
Life-cherish'd Margaretta!
We parted near the stile,
Just as the morn was breaking;
For many a weary mile
Oh! how my heart was aching!
But distance, time, and change
Have lost me Margaretta;

And yet 'tis sadly strange
That I cannot forget her.
Oh! queen of rural maidens,
Dear dove-eyed Margaretta!
The heart the mind upbids
That struggles to forget her.
My love, I know, will soon
A wayward, boyish folly;
But, ah! it was a dream
Most sweet—most melancholy.
Were mine the world's domains,
To me 'twere fortune better
To be a boy again,
And dream of Margaretta.
Oh! memory of the past,
Why linger to regret her?
My first love is my last;
For that is Margaretta.

G. P. M.

THE STORY-TELLER.
SAYING AND DOING.

The post-house of Oberhausberg had just been thrown into a flurry by a travelling-carriage arriving from Saverny, on its way to Strasburg. Master Topfer, the innkeeper, was running backwards and forwards, giving instructions to his domestics and postillions; whilst the carriage, standing unheeded before the great gateway, was surrounded by children and idlers, making remarks and observations to each other. Among the latter was an individual with a lively eye and swarthy complexion, whose sharp, jerking accent formed a singular contrast with the Teutonic language of the other spectators. Master Bardonou was, in truth, born in the south of France; chance had directed his steps to Oberhausberg, where, facing the post-house, he had opened a barber's shop, the blue window-shutters of which bore the double inscription—

*Hair cut and Beards
Dressed at all prices.*

*Shaving done in the
Marcellus style.*

Mixed up with the crowd of gapers who thronged Topfer's gateway, the barber took part in the general conversation, in a kind of German, an idea of which may be formed from the circumstances that it was Alsatian spoken by a native of Provence.

"Have you seen the traveller, Master Bardonou?" inquired an old woman, who carried on her arm one of those baskets, filled with thread, pins, and stay-laces, which indicate the female pedlar.

"Doubtless, Dame Hartmann," replied the barber; "he is a stout personage, with an appearance of possessing more brawn than brains."

It is to be remarked that Master Bardonou had a turn for the epigrammatic; and passed at Oberhausberg for a wit of no ordinary stamp and promise.

Those who heard his joke at the expense of the traveller replied to it by a horse laugh, in which Dame Hartmann began by taking part; then, shaking her head in a sage-like fashion, "Money is worth more than wit, neighbour," said she, looking the barber full in the face; "for with wit one walks a-foot; while money enables one to ride in a carriage."

"What you say there is the perfect truth, Dame Hartmann," replied the Provencal, with a profound air. "And yet heaven knows where wealth often goes! I should like to learn, for instance, what this stranger has done to merit travelling with an equipage."

"Be quiet, Bardonou; he is a baron," interrupted, all at once, a youthful and laughing voice.

Bardonou turned round, and perceived the god-daughter of Master Topfer, who had just made her appearance at the inn-door. "A baron!" he repeated. "Who told you that, Nicette?"

"The tall valet who accompanies him," replied the young woman. "He said that the baron could not be served in the public room, and that everything was to be carried into the grand saloon with the balcony."

The crowd looked upwards. The saloon of which Nicette spoke was situated immediately above the spot on which the gapers stood; and the window was open; but the blind being let down, permitted nothing to be seen within.

"So it is there you have served his dinner?" asked Dame Hartmann, indicating by a look the saloon.

"Not I," said the young woman. "The baron would neither make use of our porcelain nor of our crystal glasses. He always carries with him a dinner-service in silver; and I saw the valet take it out of a large ebony box."

A murmur of surprise and admiration rose from the crowd; the Provencal barber shrugged his shoulders. "That is to say, the baron can neither eat nor drink like other Christians," observed he, ironically. "He must have a chamber to himself, and set out of silver-plate! The great King Solomon said, with reason, 'Vanity of vanities, all is vanity!'"

"Get along with you, Bardonou; you are going to speak ill of your neighbour," interrupted Nicette, laughingly.

"Of my neighbour!" echoed the barber. "Is a baron my neighbour? Let me alone. I know the stout gentleman already; he resembles all the nobles whom we see pass this way. Did you hear in what a tone he called his servant, who had stopped to say a word with Master Topfer?—'I am waiting for you, Germain—I am waiting for you!' just as if the poor fellow had no right to speak with any one for a moment. This same baron must be a real tyrant."

"Ah! what are you saying there, Bardonou?" cried Nicette. "Pshaw! heaven, you deceive yourself! Are you aware for what reason he is proceeding to the duchy of Baden?"

"Not I, indeed."

"His valet told me," continued the young woman, letting her voice drop, "that he is on his way to get married."

"To get married!"

"With the richest heiress of the country—a widow, whom——"

"Whom, without a doubt, he does not know?"

"I cannot answer that."

"It is not necessary he should know her. These people marry much in the way that commerce is carried on; that is, by correspondence. They think only of satisfying their avarice."

"Hold your tongue, Bardonou," again interrupted the lively Nicette.

"You are too ready to judge ill of others, without knowing them."

"And I judge worse of them when I do know them," added the barber.

"You nevertheless know that everybody does not marry for riches," replied the young woman, slightly blushing, and throwing a look askance at him. "There are people who consult only their affection——"

"Like me, for instance," gaily continued Bardonou, who seized Nicette's hands, and forced her to look him in the face.

"That is not the affair at present," said the young woman, hurriedly.

"Pardon me," exclaimed the Provencal. "You are well aware that I do not run after wealth, and that I do not find you less beautiful, because Father Topfer has declared that he would give you no marriage portion. But I am an original, my charmer—a philosopher, as your godfather says. On these matters I entertain ideas different from those of other people. That is why my blood boils when I see men like your baron, for whom riches are only a means of vanity, tyranny, and avarice; and I cannot help thinking that, were I in his place, I would do more credit to the choice of Providence."

"That remains to be seen, Master Bardonou," observed the old female pedlar. "Riches produce strange effects on the character of men."

"Ay, that is when one is divested of principle," sharply chimed in the Provencal, "when one turns like a weathercock with every wind that blows. But I know what I mean, and what ought to be, Dame Hartmann. I possess some philosophy. Were I suddenly to become rich, do you see, I should no more change than our old church steeple. You would always find me as just, disinterested, and as good a fellow as I am now."

Distrust of himself, it would seem, formed no part of Bardonou's character. All that he disallowed in point of morals and good sense to his neighbours he ascribed to himself with a scrupulous exactness. As satisfied with his own person as he was dissatisfied with that of others, he would willingly have reproached Providence with having made man after his own image rather than after the image of Bardonou. Once engaged on this favourite topic, he suffered himself to run into an improvisation out of all bounds. He set forth the great and useful things he would accomplish, were chance suddenly to send him one of those rich Indian uncles who are no longer found even on the stage. He passed in review all the virtues he would display—the various kinds of merit of which he would give proof; he was, in short, about to accord himself an apotheosis, when the traveller, who had given rise to this self-gratulation, presented himself at the inn-door. He

Anexo D

THE

NEW POOR LAW BILL
IN FORCE.

All round the country there is a pretty piece of work
All round the country against poor people's will,
Feeble, and borne down with grief,
They ask the Parish for relief, (Law Bill.
They tell you to go home and try to learn the Poor

CHORUS.

*Now, if a man has got a Wife and seven Children Starving, Distress
should only seize him, he has got no work to do, and if to the Overseers
go, Ground down with sorrow, Grief, and ill use, they will tell you to go
home and try to learn the Poor Law Bill.*

SPOKE.—Now, Mr. Blubberhead the Bandle, fetch in the Overseers' and Churchwardens 12 bottles of the best Port Wine, yes Sir, and Blubberhead, is there any Vagrants outside's wants examining? why, Sir, there is a wonderful lot of people outside, and I think they are all Bones, for there is very little flesh upon them.—Now, Mr. Blubberhead, the Bandle, let in one of those Rascals—Who are you pray, Why Sir, my name is John Pineway, who is been ill Seventeen long months, I have a Wife Confined, and eight Children Starving.—Well, what odds is that to me? Go home and sell your bed—I have no bed: I sleep upon straw. Well, poor man, I pity you.—When had you any food? Last Saturday, Sir. Mr. Blubberhead. Yes, Sir. Get a truck and put this old man and his family into it, and have them removed to the New Workhouse. Put the man in 114 cell, and the woman in 306 ward; and take the children six miles from thence, and tell them not to let them see each other for once in six months.

Now (if a man has got a Wife, &c.

SPOKE.—Now, Mr. Blubberhead, let in another. Who are you, pray? Why, Sir, my name is Bill Fantasmouth. Aye, and I expect you will have to fast three months. How old are you? 122 next Friday week. Where is your wife? She is dead, Sir. And

why did not you die too, you good-for-nothing old son of a rascal?—because nobody would not kill me. Mr. Blubberhead, yes Sir, get a burrow and tie this old man to the legs of it, and tell Tum Sweatwell, to drive him to the New Workhouse, sixteen miles off, and tell him when he comes back he shall have a basin of water (drud) for his trouble.

Now (if a man has got a Wife, &c.

Now Mr. Blubberhead, is there any likelihood of a rest outside? why Sir, there is old Hellyskin in a bonnet, and old Peter Broken Back grumbling. Put them in the Stocks side by side till to-morrow, at Eleven o'Clock, and they shall have three months each at the Treadmill. Let in another. Who are you ma'am? why Sir, my name is Jenny Frolicksome, and you appear in a Frolicksome way? yes Sir I am very queer, so it seems, who is the Father of it? Blubberhead the Bandle, Sir, the deuce he is, is that true Blubberhead? perhaps so Sir, then kick her out, and how much is your pay One Pound per week, well for the future it shall be Thirty Shillings, thank be Sir, Let in another, who are you ma'am? Why Sir, my name is Betsey Begenough, so it seems, have you the dropsy, why, why, why, why the devil don't you speak up, Sir, I am, I am, I am, What are you? I am in the family way, Sir, the devil you are. Are you not ashamed of yourself? No Sir, the devil you are not. Who is the Father of it? Blubberhead, the Bandle Sir, Where did he get it? Behind the tombstone in the church-yard, Sir. Kick her out Blubberhead, and for the future your salary shall be two guineas per week. Thankee, Sir.

Now (if a man has got a Wife &c.

SPOKE.—Now Mr. Blubberhead, let in another. Who are you Ma'am? Why sir, my name is Mary Neversweat. What the devil do you want? Why sir, my husband is very ill, and I have nine children starving. Who sent you here? The magistrate. Mr. Blubberhead, send all the paupers and vagrants home to their homes; and them that has got no homes must go to Farmer snuffnose's cart-house to sleep; and take this old man and his wife in our dray cart to the New Workhouse. Put the man in 116 cell, and the woman in 304 ward, and take the children to the barn twelve miles from there, and tell them not to let them see each other for once in two years, for we must enforce the rule of the New Poor Law bill.

Sharp, Printer, 30, Kent Street, Borough.

Anexo E

GOD HELP THE POOR

God help the poor, who, on this wintry morn,
 Come forth from alleys dim and courts obscure.
 God help yon poor pale girl, who droops forlorn,
 And meekly her affliction doth endure;
 God help her, outcast lamb; she trembling stands,
 All wan her lips, and frozen red her hands;
 Her sunken eyes are modestly down-cast,
 Her night-black hair streams on the fitful blast;
 Her bosom, passing fair, is half revealed,
 And oh ! so cold, the snow lies there congealed;
 Her feet benumbed, her shoes all rent and worn,
 God help thee, outcast lamb, who standst forlorn!
 God help the poor!

God help the poor! An infant's feeble wail,
 Comes from yon narrow gateway, and behold!
 A female crouching there, so deathly pale,
 Huddling her child, to screen it from the cold;
 Her vesture scant, her bonnet crushed and torn;
 A thin shawl doth her baby dear enfold:
 And so she 'bides the ruthless gale of morn,
 Which almost to her heart hath sent its cold.
 And now she, sudden, darts a ravening look,
 As one, with new hot bread, goes past the nook;
 And, as the tempting load is onward borne,
 She weeps. God help thee, helpless one, forlorn!
 God help the poor!

God help the poor! Behold yon famished lad,
 No shoes, nor hose, his wounded feet protect;
 With limping gait, and looks so dreamy sad,
 He wanders onward, stopping to inspect
 Each window, stored with articles of food.
 He yearns but to enjoy one cheering meal;
 Oh! to the hungry palate, viands rude,
 Would yield a zest the famished only feel !
 He now devours a crust of mouldy bread;
 With teeth and hands the precious boon is torn;
 Unmindful of the storm that round his head
 Impetuous sweeps. God help thee, child forlorn!
 God help the poor!

God help the poor! Another have I found —
 A bowed and venerable man is he;
 His slouched hat with faded crape is bound;
 His coat is grey, and threadbare too, I see.
 'The rude winds' seem 'to mock his hoary hair';
 His shirtless bosom to the blast is bare.
 Anon he turns and casts a wistful eye,
 And with scant napkin wipes the blinding spray;
 And looks around, as if he fain would spy
 Friends he had feasted in his better day:
 Ah! some are dead; and some have long forborne
 To know the poor; and he is left forlorn!
 God help the poor!

God help the poor, who in lone valleys dwell,
 Or by far hills, where whin and heather grow,
 Theirs is a story sad indeed to tell,
 Yet little cares the world, and less 't would know
 About the toil and want men undergo.
 The wearying loom doth call them up at morn,
 They work till worn-out nature sinks to sleep,
 They taste, but are not fed. The snow drifts deep
 Around the fireless cot, and blocks the door;
 The night-storm howls a dirge across the moor;
 And shall they perish thus — oppressed and lorn?
 Shall toil and famine, hopeless, still be borne?
 No! God will yet arise, and help the poor.

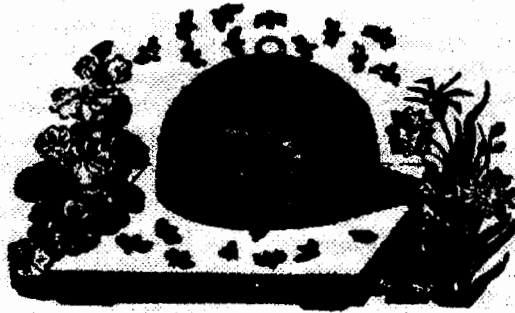
Samuel Bamford (1788-1872), autor de *Passages in the Life of a Radical* (1840-44). Um tecelão cuja poesia e ações em prol das classe oprimidas lhe trouxeram a admiração de todos. O poema que aparece em *Mary Barton* (Cap. 9, págs. 154-56) é um testemunho pungente da vida levada pelos pobres.

Anexo F

Cotton Spinners from Manchester.**FOR THE MASTER OR MISTRESS.**

Good Lady or Gentleman,

We ask pardon for the liberty taken in calling upon you, and assure you that nothing but want of employment would have induced us thus to intrude. Machinery has so overstocked the market, that it is impossible to obtain employment; and the parish is so overburthened that we could get but little relief; we therefore trust that the lady or gentleman will purchase some of the best reels of cotton of two unfortunate cotton spinners: for it is the only support we have to depend upon until the Lord assists us with some employment.

**COPY OF VERSES**

We are cotton spinners by our trade;
Employ we cannot find:
Hundreds are by want compell'd
To leave their friends behind.

The oldest man now on the earth,
Or living in the land,
Cannot remember trade so bad,
Nor work at such a stand.

The mother, she sat weeping—
She raves and tears her hair,
When she beholds her children dear,
For they are all her care.

Their altered looks she does behold,
Like death appears the view;

With weeping eyes to heaven she cries,
Good Lord, what shall we do.

Our visit now to you, kind friends,
We hope you will excuse;
And as we have explain'd our cause,
We hope you'll not refuse.

For when we saw one in distress,
We join'd to help him through;
But now we cannot help ourselves;
We have no work to do.

For he that giveth to the poor,
But lendeth to the Lord;
So now, kind friends, on us bestow
What'er you can afford.

There are more than Four Hundred out of Employment at this time.

The person who will call for this bill will bring a sample of the very best reels of cotton for sale.

James Paul and Co., Printers, 2 & 3, Menmouth Court, Seven Dials.

Recolhido de *Print and People 1819-1851*, editado por Louis James, p. 112.

Folha volante distribuida por fiandeiros desempregados, c. 1836.

Anexo G

THE OLDHAM WEAVER

I

Oi'm a poor cotton—weyver, as mony a one knooas,
 Oi've nowt for t' yeat, and oi've woom eawt my clooas,
 Yo'ad hardly gi' tuppence for aw as oi've on,
 My clogs are boath brosten, and stuckins oi've none,
 Yo'd think it wur hard,
 To be browt into th' warld,
 To be — clemmed; an do th' best as yo con.

II

Owd Dicky o' Billy's kept telling me lung,
 Wee s'd ha' better toimes if I'd but howd my tung,
 Oi've howden my tung, all oi've near stopped my breath,
 Oi think i' my heeart oi'se soon clem to deeach,
 Owd Dicky 's weel crammed,
 He never wur clemmed,
 An' he ne'er picked ower i'his loife.

III

We tow'rt on six week — thinking aitch day wur th' last,
 We shifted, an' shifted, till neaw we're quoite fast;
 We lived upo' nettles, whoile nettles wur good,
 An' Waterloo porridge the best o' eawr food,
 Oi'm tellin' yo' true,
 Oi can find folk enow,
 As wur livin' na better nor me.

IV

Owd Billy o' Dans sent th' baileys one day,
 Fur a shop deebt oi eawd him, as oi could na pay,
 But he wur too lat. fur owd Billy o' th' Bent,
 Had sowd th' tit an' cart. an' ta'en goods fur th' rent,
 We'd neawt left bo' th' owd stoo',
 That wur seeats fur two,
 An' on it ceawred Marget an' me.

V

Then t' baileys leuked reawnd as sloy as a meawse,
 When they seed as aw t' goods were ta'en eawt o' t' heawse,
 Says one chap to th' tother, 'Aws gone, theaw may see;'
 Says oi, 'Ne'er fret, mon, yeur welcome ta' me.'
 They made no moor ado
 But whopped up th' eawd stoo',
 An' we booath leet, whack — upo' t' flags!

VI

Then oi said to awr Marget, as we lay upo' t' floor,
 'We s never be lower i' this warld, oi'm sure,
 If ever things awtern. oi'm sure they mun mend,
 For oi think i' my heart we're booath at t' far eend;
 For meeat we ha' none;
 Nor looms t' weyve on, —
 Edad! they're as good lost as fund.'

VII

Eawr Marget declares had hoo cloo'as to put on,
 Hoo'd goo up to Lunnon an' talk to th' greet mon;
 An' if things were na awtered when there hoo had been,
 Hoo's fully resolved t' sew up meawth an' eend;
 Hoo's neawt to say again t' king.
 But hoo loikes a fair thing,
 An' hoo says hoo can tell when hoo's hurt.

Balada popular de autor anónimo, proveniente da região de Lancashire. Em *Mary Barton*, ela foi reproduzida em dialecto (Cap. 4, págs. 72-73).

Anexo H

The CHARTER the PEOPLE'S HOPE.

TWO CHARTIST

CAMP MEETINGS

Will be held on SUNDAY NEXT, Aug. 14th, 1842,

At Two o'Clock in the Afternoon, and Six in the Evening,

BEHIND THE ARCHES, NEAR THE RAILWAY STATION,

When addresses in support of the People's Claim to Parliamentary Representation will be delivered by MESSRS.

LEECH & DOYLE.

APPROPRIATE HYMNS WILL BE SUNG ON THE OCCASION.

Working Men of Stockport, the hand of oppression is still upon us, continuing its horrifying work in our dwellings, scraping from our tables the last mouthful which the trifling wages dealt out by the niggardly hand of capital enable us to procure: which ever way we turn, misery and destitution present themselves.

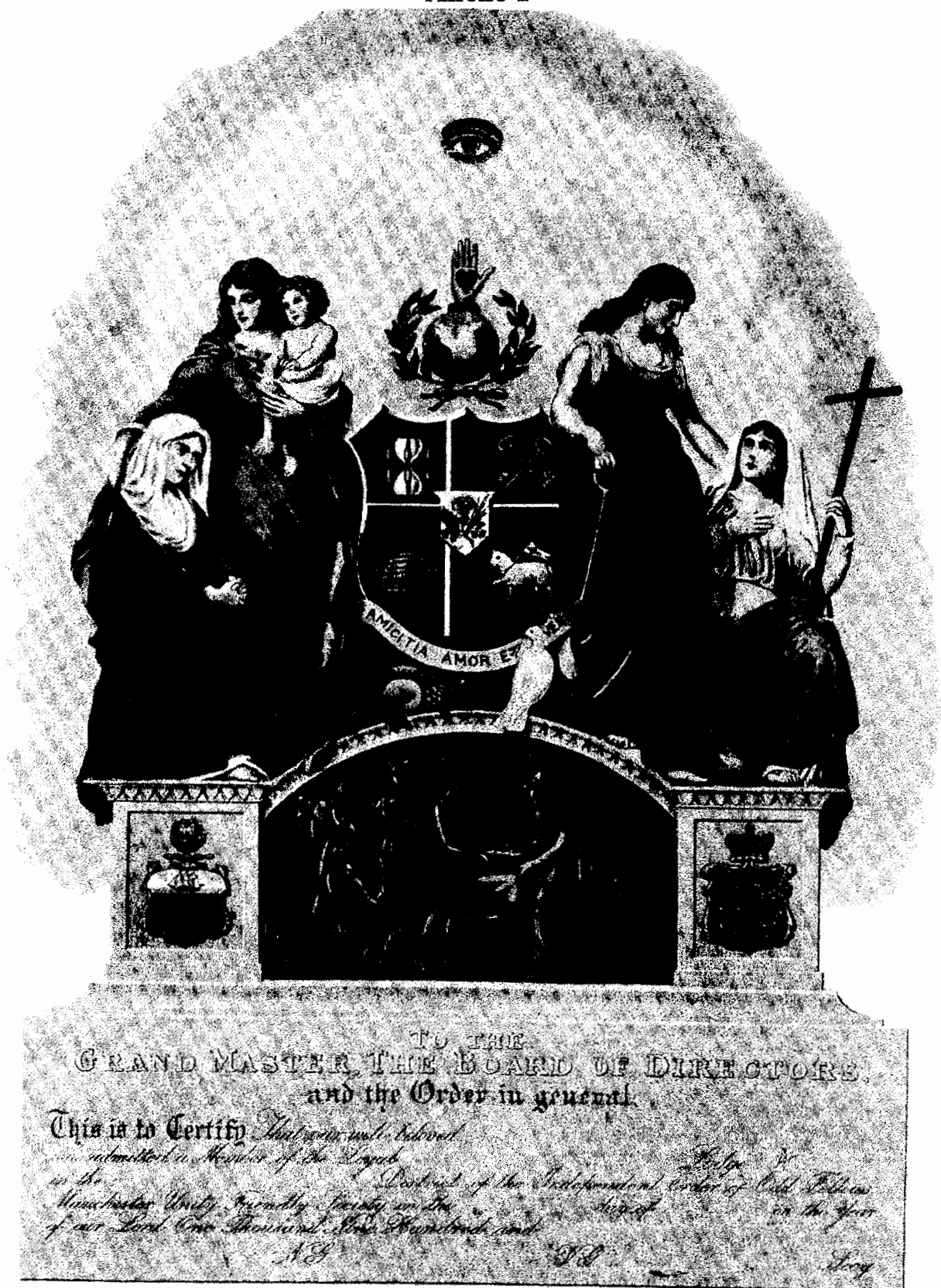
We have petitioned Parliament, we have laid our grievances at the foot of royalty, we have besought Her Majesty's ministers to inquire into the causes of our sufferings, but in vain. What then are we to do? Common sense and common prudence point out, as the only remaining resource, the uniting of every good man for the obtaining of an organic change in the institutions of our country. We therefore call upon you to sanction, by your presence, those principles which alone can save our common country from impending ruin.

THE CHARTIST COUNCIL OF STOCKPORT.

N.B. A public Meeting will be held next Monday, the 14th Inst. for the purpose of appointing a delegate to attend the Manchester Conference on the 17th.

Recolhido de *Print and the People 1819-1851*, editado por Louis James, p. 169.

Anexo I



Recolhido de *Print and the People 1819-1851*, editado por Louis James, p. 67.
 Certificado de Oddfellow, baseado num original de 1837.

Anexo J

THE FACTORY GIRL

PRICE 1d. — *The profits arising therefrom to go towards forwarding the TEN HOURS BILL!!!*

Who is she with pallid face?
That slowly moves with languid pace,
Her limbs bespeak her wearied frame
She seems in suffering, grief, and pain!
'A little child' — with list'ning ear,
Approach'd me with a falling tear
And said — 'tis Jane the Factory Girl!

I took her by her little hand —
Though from fatigue, she scarce could stand,
I tried to soothe her tender grief
By friendship's pow'r to give relief;
And ask'd in accents most sincere
What caus'd the anguish so severe?
Of Jane — the Village Factory Girl!

She answer'd! near that little wood,
Once liv'd my mother — kind — and good:
My father died upon that morn,
When I unhappily was born:
And now one only sister dear
Is left — the broken heart to cheer
Of Jane — the Orphan Factory Girl!

Oh! Sir! we work from morning's light
Till darkness settles at the night:
No rest we know — no parents come
To welcome our return to home,
We call on Heaven to bless our cot
For earthly friends have all forgot
The poor neglected Factory Girl!

The overlooker — many a time,
Without a fault — without a crime,
Has beat me with such savage might
That scarce could I reach home at night:
Oh! then I've wept in anguish deep,
And blest those parents now asleep
Who lov'd Jane, the Factory Girl!

Oh! yes! upon their lowly bier
Oft have I shed a mournful tear!
And wish'd that I alas could sleep
No more to suffer, nor to weep:
But soon I feel that welcome death
Will claim the last — the parting breath
Of Jane, the wretched Factory Girl!

She cast her eyes with wildness round,
Then sunk exhausted on the ground:
I clasp'd the sufferer to my breast,
But she — poor girl — was now at rest!!
No cruel tyrant now could place
A tear upon the snowy face
Of Jane, the lifeless Factory Girl!

Ye! who alone on Gold are bent,
Blush! at the Murder'd Innocent,
Let not Old England's glorious pride
Be stain'd by black Infanticide!!
But let Humanity's bright Ray
Protect from greedy Tyrant's sway
The poor defenceless Factory Girl!

Anexo L

THE DISTRESSED SEMPSTRESS

Air — Jenny Jones

A great number of those young women (after twelve hours hard labour) being without friends are compelled to walk the streets at night, in order to make out a miserable existence.

You gentles of England, I pray give attention
Unto those few lines, I'm going to relate
Concerning the sempstress, I'm going to mention,
Who long time has been, in a sad wretched state,
Laboriously toiling, both night, noon, and morning,
For a wretched subsistence, now mark what I say,
Quite unprotected, forlorn, and dejected,
For sixpence, eightpence, or tenpence a day.

The wages that's paid to the hard working sempstress
Keeps them in wretchedness, sorrow, and debt,
They scarcely can earn, a temporary subsistence,
Which causes the beauty of Britain to fret,
From daylight till dark, she works brisk at her needle,
The fruits of her labour, is all she desires,
Pay her, her rights, and she never will murmur,
Justice and mercy is all she requires.

The sempstress, for charity, never was craving,
The sweat of her fingers, is her sole delight,
There once was a time, she could live and be saving,
But long on her labours, there has been a blight,
Come forward you nobles, and grant them assistance
Give them employ, and a fair price them pay,
And then you will find, the poor hard working sempstress,
From honour and virtue will not go astray.

To shew them compassion pray quickly be stirring,
In delay, there is danger, there's no time to spare,
Their heads they are drooping, come forward and cheer them,
The pride of the world is o'erwhelmed with care,
Old England's considered, for honour and virtue,
And beauty the glory and pride of the world,
Nor be not hesitating, but boldly step forward,
Suppression and tyranny, far away hurl.